

# ANTOLOGIA

DO · MAIS · ALÉM

JORGE RIZZINI  
(obra mediúnica)

3ª edição

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

## Antologia do Mais Além

(OBRA MEDIÚNICA)

## EXPLICAÇÕES DO MÉDIUM

Este livro tem uma história. Mas, devo contá-la desde o início.

Nasci em lar espírita. Quando tinha eu uns seis anos de idade já meu pai, Joaquim Vicente Andrade Rizzini era médium de um centro espírita em um subúrbio do Rio de Janeiro e dirigido por um advogado, o dr. Vianna. Sua mediunidade preponderante era a de incorporação, mas teve outros fenômenos,

alguns admiráveis. Viu ele, por exemplo, em transe no centro, o célebre jornal "O País" ser devorado por um incêndio — dias depois a população do Rio de Janeiro assistia ao terrível fato.

Meu pai também fazia sessões no lar, das quais participei a partir dos oito ou dez anos de idade ao lado de mamãe, vovó e meu irmão mais velho. E a mediunidade já começava a despontar em mim; de tudo um pouco: vidência, efeitos físicos, etc. E, menino ainda, passei a servir de instrumento para os Espíritos Benfeitores realizar curas em nosso lar — eu, então, colocava a mão sobre a face de minha mãe, orava e a dor na cabeça ou no dente desaparecia.

Com o desencarne de mamãe veio minha família para São Paulo. Eu tinha 17 anos de idade e a mediunidade, então, foi tomando-se acentuada; via os Espíritos, sentia-os, ouvia-os (voz interior e exterior) alguns chegavam a se encostar na parede do corredor, a fim de que eu passasse... Não eram Entidades benfazejas. Nessa época aguda da mediunidade fui testemunha de dois fenômenos maravilhosos que bem compensaram os deprimentes. Às cinco horas da tarde, o sol entrando pela janela do quarto vi, defronte à estante, minha mãe de corpo inteiro a me sorrir! Ela, que havia desencarnado aos 43 anos de idade (fazia já dois anos) e me deixara tanta saudade... Dias depois, à noite, no quarto, vi, maravilhado, uma grande bola de luz vagando na escuridão — e essa visão me trouxe muita paz, pois eu sabia ser mamãe. Papai havia casado de novo e a madrasta, infelizmente, nos trouxera grandes complicações, mas mamãe não se esquecera dos filhos. ..

Devido à incompreensão, nosso lar estava infestado agora de Entidades negativas... E eu não podia dormir. Foi, então, que os Espíritos Benfeitores me fizeram conhecer dna. Maria Vitale, que me serviu de segunda mãe. Muitas e muitas vezes fui dormir em sua casa, já que não podia dormir na minha... Meia noite, uma hora da manhã, jogava pedrinhas na janela que dava para a rua e vinha ela abrir-me a porta!

Foi quem me levou a várias sessões de desenvolvimento mediúnico, até que me encaminhou para dna. Esteva Quaglio, que dirigia uma sessão eminentemente cardécista. Isso no ano de 1946. Vão fazer trinta anos, portanto. Com dna. Maria Vitale e dna. Esteva Quaglio muito aprendi no campo da mediunidade. Sou eternamente grato a ambas.

Na sessão dirigida por dna. Esteva foi que conheci Iracema. Era ela médium de incorporação e vidente. Fato notável é que toda a sua família e a minha eram de Taubaté e muitos de nossos parentes se conheciam sem que soubéssemos — e nos viemos a conhecer em um centro espírita! E nos casamos...

E minha vida tomou novos rumos. Eu tinha, então, 23 anos de idade.

Fora da casa de papai e da madrasta minha mediunidade acalmou-se e deixei por algum tempo de assistir sessões mediúnicas. Iracema, porém, que desenvolvera suas faculdades nas sessões realizadas na casa do dr. Erlindo

Salzano <sup>(1)</sup>, praticava o mediunismo cristão em casa de sua mãe, dna. Euchária Falco Sapucaia, professora de grande cultura, inclusive a espírita.

Foi aos 23 anos de idade que passei a sonhar com a literatura; e, como a mediunidade estivesse mais calma, entreguei-me, com fervor, à cultura literária. Eu desejava ser escritor. E, aqui, coisas estranhas começaram a acontecer...

Até então eu só havia escrito artigos inéditos... Mas, um dia em que se falava sobre literatura infantil de Monteiro Lobato na casa de minha sogra, com grandes doses de ingenuidade disse eu:

— Sou capaz de escrever um livro infantil como os dele!

A expressão, reconhecimento, era ridícula... Meu sogro, que era dado à poesia, olhou-me, complacente... Mas, dna. Euchária, que sempre me incentivava, respondeu:

—? -Pois faça o livro. Literatura infantil é difícilíssima e será um exercício para você.

Eu havia tomado a coisa a sério. E, em menos de três semanas foi feita a redação de "Carlito e os Homens da Caverna", uma novela de quase cem páginas dedicada à infância e juventude, meu primeiro livro.

Eu estava, então, com 26 anos de idade. Pensando em editar a obra, levei os originais à Brasiliense, editora das obras completas de Monteiro Lobato. Arthur Neves, que fora amigo íntimo de Monteiro Lobato e que dirigia a editora, ao ver-me com um original embaixo do braço nem sequer mandou-me entrar em seu escritório. Recebeu-me a porta. E foi logo explicando, assim que expus a que viera:

— A Editora Brasiliense só edita as obras infantis de Lobato e da sra. Leandro Dupré. Posso ler os originais; se gostar indicarei você a uma outra editora...

— Quando volto?

— Na semana que vem.

E Neves, na semana seguinte recebeu-me com abraços, mandou-me entrar, dizendo que lançaria o livro, mas que havia um porém...

— Qual? perguntei, afoito.

E Arthur Neves afirmou que meu estilo era por demais semelhante ao de Monteiro Lobato, as personagens e o clima do livro quase iguais aos do Sítio do Picapau Amarelo, acrescentando:

— Isso é o que a crítica vai achar também. Assim, sugiro a você dedicar esse livro à memória de Monteiro Lobato. E a nossa editora fará o lançamento, é claro!

Eu havia deixado a mediunidade pela literatura... Mas hoje sei que as duas, em mim, já naquela época se completavam... Meu primeiro livro havia sido escrito sob a influência direta do Espírito de Monteiro Lobato e eu ignorava! E recebi, com júbilo, os maiores elogios da crítica literária... Mas, a verdade é que a minha hora

<sup>1</sup> (1) *Mais tarde, Erlindo Salzano tomar-se-ia vice-governador do Estado de São Paulo.*

não havia ainda soado...

Um ano depois vim a ter com Monteiro Lobato enorme afinidade. Além de haver ele nascido em Taubaté como toda a minha família, fôra, quando moço, namorado de minha tia-avó, a pintora Georgina de Albuquerque, que foi diretora do Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro, fato esse narrado pelo próprio Lobato em sua obra "A Barca de Gleyre" (cartas ao escritor Godofredo Rangel). E acabei empolgado pela sua vida trepidante a ponto de desejar escrevê-la para a infância e juventude...

Aqui surgem fenômenos mediúnicos de bastante importância e que vale a pena relatar como ilustração.

Quando escrevi "Carlito e os Homens da Caverna" a participação qspirital não se mostrou visível, talvez pelo fato de que o Espírito de Monteiro Lobato, logo após seu desencarne, sofrera mistificações e desejava, pois, tornar-se anônimo; no entanto, ao redigir "Vida de Monteiro Lobato" (em grande rapidez!) dois fenômenos se registraram. Primeiro, de momento em momento eu via uma luz azulada, transparente, sobre a folha de papel, e essa luz em forma circular era diária! Depois, tive uma visão singular. Eu desejava colocar como personagem central do livro o próprio Monteiro Lobato, mas não sabia como fazê-lo... Pois, um dia, estava eu deitado quando vi, mentalmente, de olhos fechados, surgir de noite na "Fazenda Jequitibá" (cenário do livro) o próprio Lobato debaixo de um temporal, gritando: "ó de casa! ó de casa!"

A cena me foi sugerida espiritualmente e servia como uma luva! É assim que Lobato aparece pela primeira vez no livro, contando, ele mesmo, na qualidade de personagem, a história de sua vida...

Apesar da luz azulada e da visão, apesar do estilo de Lobato no livro, e das personagens da Fazenda Jequitibá serem tão semelhantes às dele, atribuí a obra exclusivamente a mim — e o livro, evidentemente, foi um sucesso!

Mas, como no caso de "Carlito e os Homens da Caverna", a minha hora não havia ainda soado.. .um forte desejo de escrever uma poesia; mas não tinha tema ... E meu lápis começou a anotar umas quadras, às quais dei o título de "Invocação". A poesia começava assim:

*Dante, Camões e Virgílio No meu aposento quero...*

*Petrarca e o Guerra Junqueiro,*

*Que venha também o Homero!*

*Quero estrofes fulgurantes De divina inspiração; ô deuses da Poesia,*

*Escrevei com minha mão!*

*Os gênios vão atender-me... Fazem no quarto ruídos...*

*Vai começar o poema...*

*Já estou envolto em fluidos...*

*Meu Deus, que está se passando No meu ser, interiormente?! Tenho visões gloriosas,*

### *Além do poder da mentel*

Etc. Essas quadras, não obstante perfeitas e escritas com rapidez, eu as atribuí, mais uma vez, a mim... Como os livros infantis de ou\* tróra. Mas, a minha hora havia soado! E, indo visitar o Herculano Pires (mês de outubro de 1969) levei essas quadras no bolso. No ônibus, porém, à noite, tive uma sensação estranha: durante todo o trajeto senti a presença de Casimiro de Abreu e Augusto dos Anjos. Para que eu os identificasse projetavam em minha mente imagens poéticas, alternadas, que eram, por assim dizer, a marca de cada um. Imagens peculiares.

O fato seria produto de minha imaginação? — eu estava ainda em dúvida.

Em casa de Herculano Pires narrei-o e lembro que acrescentei:

— Sou um ficcionista. Poeta sou esporádico, logo não há motivo para nenhum poeta desencarnado estar ao meu lado, inspirando-me... E li as quadras da véspera. E o Herculano, sorrindo:

Devo dizer, aqui, que embora estivesse eu me dedicando à literatura infantil com afinco, e não mais frequentasse centro espírita, ia, aos sábados, ao Clube dos Jornalistas Espíritas, a fim de participar dos serões e dos debates ao lado de Herculano Pires (ano de 1050). Eu não havia abandonado a Doutrina e seu estudo sistemático.

Minha vida, pois, estava agora dividida entre a literatura leiga e o estudo semanal dos livros de Allan Kardec; prática mediúnica eu havia deixado, embora, sem o saber, estivesse desenvolvendo cada vez mais a psicografia intuitiva ao lado de Monteiro Lobato...

"Beco dos Aflitos", livro para adultos e que mereceu, em 1957, o "Prêmio Fábio Prado" da União Brasileira de Escritores e que foi comentado pelos maiores críticos literários também tem uma história espiritual, mas essa só mais tarde contarei...

Nem todos meus livros, porém, tem base mediúnica. Quero, honestamente, deixar bem claro este ponto! Eu, com ou sem os Espíritos sou um escritor, pouco importa se bom ou mal... "Escritores e Fantasmas" tem a redação exclusivamente minha, embora a pesquisa seja mediúnica em boa parte. O estilo dos contos que constituem "Beco dos Aflitos" — estilo sincopado e quase oral — é o meu. Sou médium psicógrafo quando os Espíritos Benfeitores querem e assim determinam — e eu sou feliz ao lado deles, mas, sózinho, também escrevo. Não posso anular uma conquista minha, é evidente. A Verdade está acima da vaidade.

Mas, perguntará o leitor, e esta "Antologia do Mais Além" assinada por mais de vinte desencarnados?

Eu explico. Como disse, até então eu não sabia que era médium psicógrafo, não obstante certos livros anteriores... Mas, a minha hora havia soado e eu iria ter a revelação dessa mediunidade, em mim antiga e, todavia, ignorada... E já deixando, de forma inequívoca, anotado que nunca fui amante da poesia. É um gênero que

nunca exerceu forte influência sobre meu espírito. E a prova é que, em vinte e poucos anos de literatura fiz, até hoje (sem a participação dos Espíritos) um total de dezenove poesias. Dezenove poesias em vinte anos é produção ridícula. Não é nada. O Herculano Pires conhece-as a todas. Eu as fiz há vinte anos passados e nunca mais nelas toquei. Meses atrás, porém, revendo esses antigos originais datilografados senti

— É possível que o Casimiro e o Augusto dos Anjos estejam ao seu lado. Essas quadras, Rizzini, são uma invocação!

E voltei para casa, continuando a sentir a presença de ambos os Espíritos.

Na noite seguinte, em meu lar, novamente a presença de Casimiro de Abreu e Augusto dos Anjos. Fiquei intrigado... Seria animismo? Então, fui ao escritório, ao lado de meu quarto, coloquei sobre a mesa papel e caneta e pensei: "Quero ver agora se é imaginação minha ou realidade. Vamos ver se vem algum poema; digamos, do Casimiro de Abreu..."

E, para o meu profundo espanto, recebi um poema deslumbrante no exato estilo de Casimiro de Abreu. O Espírito fez tuna réplica (1) aos "Meus Oito Anos", sua obra-prima em vida, superando-a! O poema, em questão, intitula-se "Lira da Infância" e tem o mesmo número de estrofes que "Meus Oito Anos".

Fiquei, naturalmente, atônito. E experimentei receber mensagem de Augusto dos Anjos; como Casimiro de Abreu, poeta inconfundível.

E recebi um soneto que jamais eu poderia fazer — eu e quem quer que seja devido ao estilo singularíssimo e inimitável do Poeta!

Eu, no entanto, pedi a Augusto dos Anjos que desse uma prova ainda mais evidente. E o Espírito, então, começou a transmitir-me as seguintes estrofes:

*Exige o médium prova luminar*

*De que em verdade é minha esta bitola.*

*Não lhe basta, portanto, minha escola!*

*Quer o vocabulário singular...*

*Quer zoófitos e o vírus globular,*

*Epigênese, mo nada, ictiocola,*

*E tudo o mais que tenha na sacola,*

*Desde ao pólipó ao verme pulmonar!*

*E para que haja rima com escúpulo,*

*Inda sobrou aqui um pobre lúpulo,*

*Pórdido junto às dúzias de moneral*

*E foi-se o tempo com palavra rara,*

*Quando eu queria dar, de forma clara,*

*As belezas mais simples de outra Esfera!*

*Devo dizer, aqui, que embora estivesse eu me dedicando à literatura infantil com afinco, e não mais frequentasse centro espírita, ia, aos sábados, ao Clube dos Jornalistas Espíritas, a fim de participar dos serões e dos debates ao lado de*

*Herculano Pires (ano de 1950). Eu não havia abandonado a Doutrina e seu estudo sistemático.*

Minha vida, pois, estava agora dividida entre a literatura leiga e o estudo semanal dos livros de Allan Kardec; prática mediúnica eu havia deixado, embora, sem o saber, estivesse desenvolvendo cada vez mais a psicografia intuitiva ao lado de Monteiro Lobato...

"Beco dos Aflitos", livro para adultos e que mereceu, em 1957, o "Prêmio Fábio Prado" da União Brasileira de Escritores e que foi comentado pelos maiores críticos literários também tem uma história espiritual, mas essa só mais tarde contarei...

Nem todos meus livros, porém, tem base mediúnica. Quero, honestamente, deixar bem claro este ponto! Eu, com ou sem os Espíritos sou um escritor, pouco importa se bom ou mal... "Escritores e Fantasmas" tem a redação exclusivamente minha, embora a pesquisa seja mediúnica em boa parte. O estilo dos contos que constituem "Beco dos Aflitos" — estilo sincopado e quase oral — é o meu. Sou médium psicógrafo quando os Espíritos Benfeitores querem e assim determinam — e eu sou feliz ao lado deles, mas, sózinho, também escrevo. Não posso anular uma conquista minha, é evidente. A Verdade está acima da vaidade.

Mas, perguntará o leitor, e esta "Antologia do Mais Além" assinada por mais de vinte desencarnados?

Eu explico. Como disse, até então eu não sabia que era médium psicógrafo, não obstante certos livros anteriores... Mas, a minha hora havia soado e eu iria ter a revelação dessa mediunidade, em mim antiga e, todavia, ignorada... E já deixando, de forma inequívoca, anotado que nunca fui amante da poesia. É um gênero que nunca exerceu forte influência sobre meu espírito. E a prova é que, em vinte e poucos anos de literatura fiz, até hoje (sem a participação dos Espíritos) um total de dezenove poesias. Dezenove poesias em vinte anos é produção ridícula. Não é nada. O Herculano Pires conhece-as a todas. Eu as fiz há vinte anos passados e nunca mais nelas toquei. Meses atrás, porém, revendo esses antigos originais datilografados senti

— É possível que o Casimiro e o Augusto dos Anjos estejam ao seu lado. Essas quadras, Rizzíhi, são uma invocação!

E voltei para casa, continuando a sentir a presença de ambos os Espíritos.

Na noite seguinte, em meu lar, novamente a presença de Casimiro de Abreu e Augusto dos Anjos. Fiquei intrigado... Seria animismo? Então, fui ao escritório, ao lado de meu quarto, coloquei sobre a mesa papel e caneta e pensei: "Quero ver agora se é imaginação minha ou realidade. Vamos ver se vem algum poema; digamos, do Casimiro de Abreu..."

E, para o meu profundo espanto, recebi um poema deslumbrante no exato estilo de Casimiro de Abreu. O Espírito fez uma réplica (I) aos "Meus Oito Anos", sua obra-prima em vida, superando-a! O poema, em questão, intitula-se "Lira da

Infância" e tem o mesmo número de estrofes que "Meus Oito Anos".

Fiquei, naturalmente, atônito. E experimentei receber mensagem de Augusto dos Anjos; como Casimiro de Abreu, poeta inconfundível.

E recebi um soneto que jamais eu poderia fazer — eu e quem quer que seja devido ao estilo singularíssimo e inimitável do Poetai

Eu, no entanto, pedi a Augusto dos Anjos que desse uma prova ainda mais evidente. E o Espírito, então, começou a transmitir-me as seguintes estrofes:

*Exige o médium prova luminar*

*De que em verdade é minha esta bitola.*

*Não lhe basta, portanto, minha escola Quer o vocabulário singular...*

*Quer zoófitos e o vírus globular,*

*Epigénesis, mônada, ictiocola,*

*E tudo o mais que tenha na sacola,*

*Desde ao pólipó ao verme pulmonar/*

*E para que haja rima com escúpulo,*

*Inda sobrou aqui um pobre lúpulo,*

*Perdido junto às dúzias de moneral*

*E foi-se o tempo com palavra rara,*

*Quando eu queria dar, de forma clara,*

*As belezas mais simples de outra Esferal*

Este soneto, intitulou-o Augusto dos Anjos de "Tempo Perdido" e representou uma bela lição para o médium...

E, afim de que todas as dúvidas terminassem de uma só vez começaram com pujança os efeitos físicos (em plena luz natural ou artificial) e voltei a ouvir vozes espirituais, agora de Poetas e de meu Espírito Guia — e, então, me rendi à evidência da mediunidade psico-gráfica que possuía e que minha vaidade literária não queria admitir...

E foi assim que me fiz, sem o merecer, instrumento mediúnico dos Espíritos do Senhor.

Depois de Casimiro de Abreu e Augusto dos Anjos (dois estilos tão opostos) vieram os outros — Guerra Junqueiro, Bocage, Bilac, João de Deus, Camões, Antero de Quental, Castro Alves, Gonçalves Dias, Mário de Andrade, Carmen Cinira, Cornélio Pires (primo de Herculano Pires), etc., alguns se comunicando pela primeira vez com a Terra. Veio, inclusive, Anchieta, com um maravilhoso poema sobre o Evangelho. Vinte e quatro ao todo, por enquanto (sem contar os trovadores, que entrarão em outro livro) cada qual com seu estilo e com sua escola poética — românticos, parnasianos, indianistas, condoreiros, modernistas. Todos, porém, procurando espiritualizar o leitor; em primeiro lugar, o mais necessitado, eu próprio, o médium.

Evidentemente, durante meu convívio com esses Espíritos muitos fatos pitorescos e interessantes se verificaram. No sentido de ilustração narrarei

alguns, rapidamente.

Vi luzes espirituais sobre a mão em que eu tinha o lápis ou a caneta esferográfica, embora a luz violenta do sol penetrasse pela janela escancarada do escritório! Luz em forma de uma grande moeda; luz azul-turquesa, suave. Como a que vi quando redigimos "Vida de Monteiro Lobato", em 1952, mas com a diferença de que agora a luz não estava no papel e sim sobre minha mão.

A respeito de efeitos físicos, de manhã, à tarde ou à noite, devo dizer que são avisos para corrigendas — ao ouvir uma batida devo cessar o trabalho e olhar onde o lápis parou, pois fatalmente lá está um erro. São, pois, batidas inteligentes que muito aprecio porque representam uma *prova tangível* da Espiritualidade na confecção dos versos. Essas batidas, inicialmente, eram dadas na parede à minha frente, distante três metros de minha mesa, a fim de que eu não me assustasse... Depois, aproximaram-se (fui perdendo o medo natural, pois quem não está acostumado se assusta com elas no silêncio profundo da noite...) e hoje são dadas a menos de meio metro de mim — na estante, junto à mesa de trabalho. Não são apenas batidas secas, lembrando uma faísca produzida por dois fios de eletricidade que se encontrassem; o Espírito também tamborila na estante e o fenômeno chega a durar alguns segundos.

Caso interessante, também, é o poema "A Moreninha e o Padre", a duas mãos, escrito por Guerra Junqueira e Casimiro de Abreu, em estrofes alternadas; cada poeta com seu estilo, suas tendências, seu temperamento, sendo de ressaltar-se a notável unidade do poema, embora o mesmo tivesse sido improvisado pelos Espíritos ao meu lado! Esse poema é uma vigorosa prova psicográfica.

Recordo-me, também, de um curioso caso com Gonçalves Dias. Foi ele um dos primeiros Poetas a honrar-me com sua visita. Fez dois poemas e deixou o terceiro quase pela metade. Vieram outros poetas, e o Gonçalves Dias, ausente... Comecei a preocupar-me e disse para o Herculano Pires: "Até hoje ele não voltou. Se não concluir o terceiro poema, os dois primeiros ficarão sem valor, pois um está ligado ao outro!" Somente vinte dias depois foi que Gonçalves Dias concluiu a poesia! Retomou-a e a impressão que todos nós temos é que não houve um hiato... E essa poesia, pelo seu conteúdo, não estava escrita antes no mundo espiritual! Gonçalves Dias improvisou-a, e devo acrescentar que durante sua ausência não parei de trabalhar ao lado de outros Poetas.

Devo, também, contar que Iracema viu vários Espíritos que trabalhavam comigo; o Guerra Junqueira, Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu etc., cujos rostos ela desconhecia e reconheceu em fotos que lhe mostrei. Entre essas visões interiores, houve uma por demais interessante — foi a de José Bonifácio, o Moço. Iracema vira um mocinho de uns quinze anos de idade, trazendo uma faixa no peito na qual se lia: "José Bonifácio, o Moço". Eu não tinha, ainda, tido contacto com esse Espírito. Examinei a pequena enciclopédia da editora Globo e encontrei "José Bonifácio de Andrada e Silva", o patriarca da Independência. Fora poeta no fim da

vida. Morrera bem idoso. Mas, a visão mostrara um mocinho! Conteí o fato ao Herculano Pires e ele disse,;

— Ê o patriarca. Foi poeta! Deixou livros de poesia. A Iracema viu-o quando moço.

À noite, em casa, folheando uma antologia, com espanto vi uma pequena biografia de José Bonifácio, o Moço; fora neto de José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca, e, para evitar equívocos, intitulou-se de "o Moço". For isso, vira Iracema o Espírito de um jovem com o nome no peito...

Notável como eu e o Herculano esquecessemos dessa figura que não pertence apenas à História do Brasil, mas também à Poesia! Depois, recebendo-lhe a mensagem poética, notei imediatamente tratar-se de um Espírito de elevada envergadura moral e extremamente bondoso e humilde.

Não quero deixar de anotar aqui um caso de efeitos físicos verificado com a luz solar entrando em meu escritório. Aconteceu durante o recebimento do terceiro poema de Casimiro de Abreu; um mês depois dele haver escrito o primeiro (este livro foi recebido em menos de três meses).

Eram, talvez, quatro horas da tarde e o sol caía sobre parte de ~~minha~~ mesa de trabalho, onde eu e o Casimiro de Abreu nos encontravamos, escrevendo. Pois, de súbito, ouvi uma explosão surda na parede à minha frente e, atônito, olhei-a, esperando o desmoronamento! Na hora não pensei em fenômeno mediúnico. A parede, porém, continuou no lugar, mas, na porta do escritório ouvi, então, o barulho de uma forte vibração no ar. E, aos poucos, tudo voltou à normalidade. E compreendi, então, o extraordinário poder que os Espíritos do Senhor possuem. Dominando o mundo atômico, sua infra-  
- estrutura, poderiam, se quisessem, destruir um planêta A amostra não deixou a menor dúvida!

Evidentemente, o espaço não nos permite relatar todos os acontecimentos medi únicos que Jesus permitiu fossemos testemunha, a partir de novembro do ano passado (1970); inclusive, casos de premonição e de telepatia, alguns bem curiosos e testemunhados por meu irmão, Carlos Toledo Rizzini (cientista e ex-diretor do Jardim Botânico da Guanabara), Herculano Pires e outros. Relatarei, todavia, um caso mediúnico que nada tem a ver com psicografia e o faço para mostrar a realidade do mundo espiritual.

Era de noite, eu estava em meu escritório, quando Iracema me disse que dna. Irailde Colino, viúva de Francisco Colino (o popular Chico, espírita do bairro da Casa Verde) iria fazer em sua residência uma vibração em favor do Espírito de seu marido desencarnado fazia uns dois anos. Pedi desculpas ao Poeta que se comunicava comigo e, junto com minha esposa, fui à reunião na casa de dna. Irailde, esperando voltar logo para continuar o trabalho psicográfico.

Durante a vibração amorosa realizada por umas vinte pessoas, eis que senti, junto a mim, o Espírito do Chico; e então lhe pedi que me transmitisse uma palavra

qualquer que estivesse intimamente vinculada à sua esposa, a fim de que ela tivesse a certeza de que ele, Chico, encontrava-se presente à vibração.

Então, ouvi a voz do Espírito me segredar com nitidez;

— Algema.

Eu esperava qualquer palavra, menos essa. Algema! Algema lembra prisão, cadeia. Teria o casal sofrido qualquer complicação nesse sentido? E se dna. Irailde não se recordasse de nenhum fato ligado à algema? E pedi que me desse uma outra palavra. E o Espírito do Chico:

— Chinelo...

Estaria o Chico a brincar comigo? Chinelo... Que fato relacionado com chinelo poderia o casal haver tido? Enfim... iria arriscar! Médiun tem de cumprir sua árdua missão, e aquele era o momento de um teste. Terminada a vibração, dna. Irailde foi à cozinha preparar o café. E aproveitei o instante em que ela estava só. Saí ao seu encontro e, não sabendo como abordá-la, disse, risonho:

— Algema!

E ela, nada; nenhuma reação! Repeti a palavra e ela, olhando-me, sem nada compreender. Então, lhe disse o que ocorrera:

— O Espírito de seu marido pediu-me para lhe transmitir a palavra algema. Essa palavra tem algum significado particular para a senhora?

Ela, enfim, sorriu.

— Se tem! O Chico sempre foi muito romântico e costumava dizer que o casamento é comparável à algema; uma vez o casal unido, nunca mais se separa...

Eu, por minha vez, respirei aliviado. E perguntei o que havia entre ela e o marido a respeito da palavra 'chinelo'. E dna. Irailde explicou:

— Um dia o Chico foi visitar o dr. Cesar Castiglioni, que tinha câncer. E o Chico, para consolar o médico canceroso, lhe disse: 'O nosso corpo é como um chinelo; vai gastando, gastando, até que um dia temos de jogá-lo f ó r a . . E o dr. Castiglioni respondeu: "O meu chinelo já furou, Chico..."

Esses casos, posteriormente, foram se acumulando. (2)

Agora, uma palavra sobre o poema de Castro Alves intitulado "Piedade". E uma prece em favor dos sofredores e o Poeta a fez de improviso e em lágrimas. Comove até as pedras. Esse fato o enobrece e eu não poderia deixar de contá-lo ao leitor.

<sup>2</sup> (1) *Este prefácio foi redigido em 1970. Estamos em 1972. Nesse ínterim, os Poetas nos deixaram por algum tempo e passamos a receber da Espiritualidade letra e música dos grandes compositores populares, entre eles Francisco Canaro, Ary Barroso, Noel Rosa, Lamartine Babo, Assis Valente, Ataulfo Alves, Francisco Alves, Vicente Paiva, etc. Essas músicas, algumas recebidas em desdobramento, apresentam o estilo dos Autores quando Encarnados na Terra e deverão, em breve, ser interpretadas por famosos cantores e enfeixadas em um long-play.*

Castro Alves é um dos Espíritos do Senhor que trabalham na recuperação das almas sofredoras no Umbral. Como os outros Poetas, deixou grandes saudades quando se foi, após a psicografia!

Finalizando, quero deixar aqui consignado o meu agradecimento a Manuel de Abreu (em sua última encarnação, em 1736, em Portugal, foi missionário jesuíta; fez a pregação do Evangelho na China, em Tonquim, onde desencarnou, tragicamente, na mão dos selvagens da região hostil) meu querido Espírito Guia. Foi quem organizou e dirigiu este trabalho, início de uma planificação a ser cumprida. Beijo- -lhe as mãos, agradecido por haver tomado a tarefa de me suportar, e peço a Jesus, em nome de Deus, que nos ampare sempre.

*JORGE RIZZINI (São Paulo, março de 1970)*

## DE ANCHIETA A MANUEL BANDEIRA

*(A poesia mediúnica como forma de comunicação  
paranormal)*

J. Herculano Pires

A poesia mediúnica foi até hoje considerada como marginal. A poesia e toda a literatura mediúnica. Os críticos têm receio de se pronunciar sobre ela e quando o fazem é de maneira irônica. Servem- -se da ironia para se salvarem dos preconceitos vigentes, preservarem o prestígio profissional e manterem a sua posição no aquário. Assim podem servir a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo. O aquário é o meio cultural em que se desenvolveram, com sua rotina, sua água parada e morna, nem fria nem quente, aquecida por meios artificiais. É uma delícia nadar nessa água sem maiores preocupações, no espaço limitado pelo grosso vidro da vasilha. Porque pensar nas coisas que poderiam existir além do vidro?

Mas a obra literária, como todas as coisas feitas por Deus ou pelo homem, vale por si mesma e não pelos canais da sua realização. Um poema é o que é. Pouco importa se foi feito por Homero ou por Zé Mindim numa sitioca da Sorocabana. Tem de ser aceito pelo que ele é, não pela sua origem. Uma comédia de Shakespeare é uma comédia, seja dele, de Bacon ou de quem for. Mas se for um pasticho? Ora, acaso o pasticho também não é arte? Pode alguém pastichar com valor sem conhecer a obra do pastichado e sem ter habilidade e aptidão literárias? Mas nada disso pesa na balança. O crítico tem a sua regra. E se a consciência lhe pesa, usa a ironia. Assim não deixa de abordar o assunto e pode dar uma colher de chá aos amigos espíritas. Ah, os espíritas já se acostumaram tanto a ser ironizados!

Com raras exceções, por sinal muito corajosas, nossos críticos e literatos torcem o nariz ilustre diante da poesia mediúnica. Monumentos poéticos como o *Parnaso*

*de Além Túmulo, a Antologia dos Imortais, Poetas Redivivos, Sonetos de Vida e Luz, O Espírito de Comélio Pires* são atirados ao lixo, fora do aquário, nos arrabaldes da cidade das letras, para uso e gozo da ralé. O argumento justificativo é sempre o mesmo: trata-se de pasticho ou de fabulações inconscientes da escrita-automática.

Mas boje as coisas mudaram. Os aquários estão sendo quebrados. A ciência materialona de há meio século descobriu novas dimensões da realidade, rompeu para sempre a rotina cultural. A tese espírita dos universos interpenetrados comprovou-se em laboratório. A teoria do corpo espiritual, que é o corpo da ressurreição e portanto da sobrevivência, foi confirmada pelos materialistas soviéticos na descoberta do corpo bioplástico. Os problemas da morte e da reencarnação, bem como os da comunicação mental, não só entre os vivos, mas também entre vivos e mortos, foram incorporados pela investigação científica. A possibilidade da transmissão de obras literárias por via paranormal, que vale dizer pela mediunidade, é admitida mundialmente pelos cientistas atualizados. Chegou o momento em que o problema da literatura mediúnica não deve mais assustar os críticos mas atrair a sua atenção.

É exatamente nesse momento que o escritor, jornalista, radialista e homem de televisão Jorge Rizzini, cuja linhagem intelectual é bastante conhecida, abre a sua percepção extra-sensorial para a captação dfi-s mensagens poéticas vindas do outro lado da vida, do mundo da antimatéria. Os poetas que sobrevivem no seu corpo bioplástico voltam através da mediunidade de Rizzini para repetirem a façanha mediúnica de Chico Xavier. E os seus poemas, agora, exigem a consideração crítica desinibida, livre dos temores antigos, que a crítica atual está no dever de lhes dar. *Estabeleceram-se as condições culturais necessárias para que a obra literária paranormal seja encarada em seu valor intrínseco, seja tratada como o objeto de Durkheim, na sua realidade concreta e própria.*

Ignorar a realidade destes poemas e o seu valor ontológico e antológico, o seu valor de mensagem poética caracterizada pelo estilo, a ideia e a personalidade dos seres que as enviam ao mundo, e furtar-se à comparação antológica dos mesmos para a verificação da sua legitimidade ou não, seria uma fuga inadmissível à responsabilidade crítica. Este livro se impõe, por isso mesmo, como pedra de toque da capacidade e da sinceridade profissional dos críticos de hoje em nosso país e em todo o mundo de língua portuguesa.

A própria história do livro, contada pelo médium numa confissão profundamente sincera, põe os estudiosos à vontade. Jorge Rizzini não está nas condições culturais primárias do jovem Chico Xavier de quarenta anos atrás. Mas também não pode gabar-se de uma cultura excepcional ou de uma possível genialidade. No campo da poesia é simplesmente um ausente. Jamais publicou uma obra poética.

Jamais divulgou um só ensaio nesse setor. E subitamente aparece com toda uma

antologia, das mais vigorosas e impressionantes, que vai de Anchieta a Guilherme de Almeida, Mario de Andrade e Manuel Bandeira, num verdadeiro corte transversal da nossa poesia, acrescido de contribuições da poesia de Portugal.

A poesia mediúnica exige, com este livro, o seu lugar no contexto da poética nacional e de ultramar. Os que continuarem a considerá-la marginal, sem o exame acurado deste livro, estarão automaticamente marginalizados em nossa época. E essa marginalização não será apenas literária, mas cultural no mais alto sentido do termo, pois o problema que agora se coloca não é apenas literário, mas abrange todo o contexto cultural em que vivemos. Não há mais lugar para a piada irresponsável, para o dar de ombros ignorante, para a ironia superficial. O desafio deste livro só pode ser respondido por trabalhos sérios, por investigações e avaliações conscienciosas.

Temos o direito de reivindicar, em nome da verdade cultural, dos interesses fundamentais do homem, dos direitos humanos e do próprio humanismo um tratamento digno para esta obra excepcional, em que tanto merecem respeito o médium como os espíritos comunicantes. O fanatismo sectário não reconhecerá nada disso. Mas é evidente que dos sectários e dos fanáticos nada podemos esperar. Dos homens de bom senso, conscientes de suas responsabilidades, temos o direito de exigir esse respeito. Não se trata de crença, nem mesmo de religião, mas de um problema cultural que hoje se reflete em todas as latitudes da cultura mundial. Emitir opiniões superficiais e irônicas sobre um assunto desta natureza será simples leviandade.

## ALGUMAS COMPARAÇÕES

Pela disposição cronológica do livro percebe-se que ele foi planejado, mas à revelia do médium, que ao receber os poemas não tinha ainda nenhuma ideia do conjunto. É digno de nota que a primeira composição poética fosse de Anchieta, primeiro marco literário e particularmente da poesia em nossa terra. Até agora Anchieta não havia dado nenhuma comunicação do gênero. Mas a que deu a Rizzini traz a marca inegável do estilo e as características ídeo-emotivas do poeta. Façamos uma breve comparação.

Reproduzimos à esquerda uma estrofe do conhecido poema *Trovas a Santa Inês*, de Anchieta quando vivo. Esse poema foi escrito a propósito da vinda da imagem da santa para o Brasil. À direita uma estrofe do poema *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, transmitido ao médium por Anchieta-espírito:

Este livro é luz

Ê pão com fermento!

Ê forte sustento

Vindo de Jesus!

Alivia a cruz

Do sofrido povo,

E do mundo velho  
Gera um mundo novo!  
    Cordeirinha santa,  
    De Jesus querida,  
Vossa santa vida  
O Diabo espanta.  
Por isso vos canta  
Com prazer o povo,  
Porque vossa vida  
Lhe dá lume novo.

A diversidade de pontuação é evidente, mas única. Em tudo o mais temos a identidade perfeita. Anchieta é o poeta do povo, voltado para o povo e interessado na sua iluminação. A imagem *E pão com fermento* reafirma a simplicidade e até mesmo a rusticidade da sua expressão. Devemos lembrar que o pão de Israel era ázimo, sem fermento, e que assim continuou a ser no Cristianismo primitivo, perpetuando-se depois na Igreja através da óstia, a forma litúrgica do pão para o sacramento da eucaristia. No Espiritismo o pão ázimo desaparece, dando lugar ao pão com fermento, que está ligado ao advento do Reino de Deus pela parábola evangélica do fermento que leveda a farinha. E a farinha, por sua vez, é o povo.

Nesse poema Anchieta agradece a Deus o cumprimento da promessa do Consolador, como se pode ver no texto completo. É a última estrofe do poema, bastante significativa por vários motivos. Vejamo-la:

Muitas graças rendo  
Ao Senhor Bom Deus,  
Porque os fariseus  
Não têm mais remendo,  
Pois agora lendo  
O Evangelho novo  
Se ilumina o homem,  
Vai salvar-se o povo.

Em tão poucos e tão curtos versos temos grandes coisas. Anchieta agradece a Deus porque Jesus disse que pediria ao Pai o envio do Consolador à Terra. E quando se refere ao remendo dos fariseus alude à parábola do remendo de pano novo em vestido velho, que rasgaria ainda mais o vestido. Veja-se a riqueza imagística num mínimo de expressão oral. Mas o Evangelho novo que vai salvar o povo não é outro Evangelho, e sim o próprio Evangelho do Cristo explicado pelo Consolador ou Espírito da Verdade. A visão espiritual de Anchieta-espírito supera o sectarismo religioso e o faz rejubilar-se com a salvação do povo.

Chegamos assim a uma explicação natural da diversidade da pontuação, que corresponde à diversidade da visão evangélica e das novas emoções que esta desperta no poeta, sempre voltado para o povo. É claro que o sectarismo religioso

não concordará com estas explicações, mas é também evidente que elas ressaltam do texto.

## UM TEMA: DOIS POETAS

O auto de fé em Barcelona, para a queima de obras de Kardec, inspirou dois poetas distantes no tempo e opostos no estilo e no temperamento. O confronto nos mostra cada um deles com sua forma poética e seu espírito irredutível, perfeitamente caracterizados diante do mesmo tema.

O primeiro (considerado cronologicamente) é Bocage, que traduz a sua emoção num decassílabo de admirável pureza clássica, estruturado em versos metálicos, de sonoridade oitocentista. Vejamos o seu primeiro quarteto:

Biblioteca santa que a realeza Do Mundo Espiritual explica e narra Labaredas já solta entre a algazarra Que o inquisidor comanda em vil rudeza!

Note-se no primeiro verso que a contagem de sílabas obedece ao ritmo do falar português da época, destacando desta maneira as sílabas da palavra *biblioteca*: bi-bli-o-te-ca, mas acelerando a pronúncia no final do verso de modo que a contagem da palavra *realeza* é feita assim: rea-le-za. Pormenor importante, pois na lentidão fonética da pronúncia brasileira essa contagem não daria certo.

Guerra Junqueiro se utiliza do alexandrino, seu verso predileto, longo estirão sonoro em que as sílabas retumbam, dando imponência à expressão e ressaltando o seu aspecto épico. O primeiro quarteto é este:

Em uma praça imensa olhava o povaréu Os livros de Kardec em gigantesca pilha;  
Iria o Santo Ofício erguer um fogaréu,  
Já que a França não pôs Kardec na Bastilha.

Soneto descritivo, mas cuja descrição é significativa, intencional, cada um dos seus traços delineando os seguintes, numa estrutura formal que utiliza as leis do silogismo para deflagrar emoções intermediárias, até a explosão final de cada estrofe. A técnica junqueirana bem conhecida, mas difícil de imitar com segurança, na qual a *praça imensa*, o povaréu olhando (espectativa subentendida) e o Santo Ofício a preparar incêndio revelam a condenação da cultura na censura formulada à França que derrubara a Bastilha. Todo um contexto ameaçador em que se fundem as visões exteriores e as intenções subjacentes, definindo o espírito agonizante de uma época reacionária, nascida da Inquisição.

Em Bocage, temos a visão clássica do episódio num equilíbrio de forma e conteúdo, os versos tinindo como espadas que se cruzam. Em Junqueiro, a descrição romântica do fato a ecoar nos alexandrinos como o reboar dos trovões. Dois poetas e duas épocas na interpretação do mesmo tema através do mesmo médium.

Essa situação se repete de maneira mais direta no poema *A Moreninha e o Padre*, em que temos um diálogo de estilos e temperamentos quando Guerra Junqueiro e Casimiro de Abreu enfrentam juntos o mesmo tema. Não vacilamos em

sustentar que se trata de uma obra prima da poesia mediúnica, e que só nela poderia realizar-se. Os dois poetas se alternam nas estrofes do poema, desenrolando o diálogo impossível com a maior naturalidade. É uma peça em três atos. Vejamos a fluidez dessa alternância poética:

Casimiro — No mês de Maio a

Natureza estende

Nestas planícies seus lençóis de flores...

E a moreninha, que fez quinze anos,

Sente que pulsam no seu peito amores...

Junqueiro — Sou teu Guia!

Ouve a voz

Que te sopra nos ouvidos!

Quando alguém está sonhando

Aproveitam-se os bandidos!

Casimiro — A moreninha tem o corpo esguio

E a elegância de gentil cegonha,

O rosto belo e a cabeleira em ondas

Que a brisa afaga na manhã risonha.

Junqueiro — Não te olhes tanto ao espelho...

(Ouve a voz, eu sou teu Guia!)

Somente as belezas da alma

Vão além do fim do dia!

O jogo poético se desdobra na alternância das situações. No segundo ato Guerra Junqueiro assume o relato, mesmo porque as cenas líricas se transformam em tragédia, e Casimiro de Abreu passa a murmurar conselhos como guia espiritual do padre. O relato assume então a tonalidade épica. É a hora do remorso em que se estorce o padre e só Guerra Junqueiro poderia descreve-la com a veemência necessária. Mas no terceiro ato a situação se modifica, o remorso levou o padre à reparação e Casimiro volta a relatar os fatos enquanto Junqueiro reassume a sua posição de guia espiritual da moreninha.

No decorrer de toda a composição não se nota uma falha de estilo num e noutro poeta. Guerra Junqueiro abrandava o seu ímpeto ante a atitude comovente do padre, mas nem por isso perde o tom irônico que reponta nesta ou naquela frase. Esses elementos psicológicos justificam a afinidade do poeta com o médium. Mas também a ternura de Casimiro de Abreu encontra ressonância no coração do médium, o que permite a realização desse diálogo poético, na verdade impossível fora da mediunidade.

A ligação Rizzini-Junqueiro é tão íntima e natural que o médium já obteve do poeta 254 versos alexandrinos — os mais difíceis da poética ocidental — todos eles impecáveis na forma e no estilo, com a exata contagem métrica e a cesura perfeita dos hemistíquios. Isso ocorre também nos poemas de Guerra Junqueiro

recebidos por Francisco Cândido Xavier, mas falta nos recebidos pela médium América Delgado. A perfeição técnica dos poemas é elemento fundamental para a avaliação da sua legitimidade na recepção mediúnica. Atente-se, a propósito, para o *Os Quatro Evangelhos*, que figura neste volume.

## DE CAMÕES A CASIMIRO

As pesquisas parapsicológicas mostraram que o tempo não existe para o pensamento, que tanto pode devassar o futuro como retomar ao mais remoto passado. É essa uma confirmação científica dos fatos mediúnicos. Neste livro encontramos dois sonetos de Camões, que volta das lonjuras do século XVI para ditar ao médium o seu louvor à Mãe Imaculada e dar a réplica da imortalidade ao seu famoso soneto *Alma minha gentil que te partiste*. Podemos assegurar que se trata realmente de Camões? A forma poética, o estilo e a temática, aliados à audácia no manejo da língua autorizam-nos a aceitar essa possibilidade.

Num caso como esse a exigência da prova positiva chega a ser anticientífica. Os métodos da Ciência, não obstante a sua evolução rápida nos últimos anos, não se coadunam com a natureza dos fenômenos em causa. Não estamos no plano do concreto, do mensurável e ponderável. Como nas pesquisas psicológicas, precisamos descobrir novos métodos. Mas enquanto não o conseguimos a presunção da veracidade se apoia nas similitudes possíveis. O médium tira a sua certeza de fatos imponderáveis como a sensação da presença do espírito, a visão extra-sensorial do mesmo e o controle exercido pelo seu guia espiritual. Todos esses elementos são subjetivos, mas deles resulta o fenômeno da mensagem, a obra poética que é em si mesma uma realidade concreta e pode ser examinada em seus elementos estruturais e em seu conteúdo espiritual.

### LIRA DA INFANCIA

Oh! Bela quadra da infância  
Que não me deu dissabores,  
Minha vida — dois amores  
Que inda guardo na memória;  
Minha irmã, anjo celeste,  
Dava-me beijos no rosto,  
E ao fim do dia, o sol posto,  
Mamãe contava-me história!

### MEUS OITO ANOS

Naqueles tempos ditosos  
Ia colher as pitangas,  
Trepava a tirar as mangas,  
Brincava à beira do mar;  
Rezava às Ave Marias,  
Achava o céu sempre lindo,

Adormecia sorrindo  
E acordava a cantar!

De Camões podemos saltar novamente a Casimiro de Abreu, bem mais próximo de nós, no século XIX. Assim como Camões-espírito responde ao soneto que em vida nos deixou, Casimiro-espírito dá-nos a réplica espiritual do poema *Meus oito anos*. A diferença de três séculos não conta no plano mental. Fazemos um breve confronto dos dois poemas, tomando apenas duas estrofes: A tentativa de mostrar o verso da medalha, com réplicas espirituais a poemas deixados em vida, é comum nas manifestações mediúnicas. Corresponde ao mesmo tempo a uma necessidade consciencial do espírito e a um desejo de identificação da sua personalidade. A consciência da continuidade da vida após a morte exige do espírito a correção de pensamentos e emoções de natureza negativa deixados na Terra. O desejo de encontrar um meio de provar essa continuidade o leva a elaborar poemas semelhantes aos que fez em vida. É um esforço comovente para superar as barreiras ilusórias da vida material, despertando os homens para a realidade do espírito.

Augusto dos Anjos, que também comparece neste livro, escreveu em vida o belo soneto *Último Número*, apresentando a morte como o fim de todas as atividades humanas. Mas através de Chico Xavier, como podemos ver em *Parnaso de Além Túmulo*, transmite o soneto *Número Infinito*, que nos mesmos moldes daquele proclama a continuidade da vida. A insistência das comunicações mediúnicas desse gênero, verificada em todo o mundo, constitui mais um elemento favorável à aceitação dos sonetos de Camões acima referidos.

## A VOLTA DOS ÍNDIOS

Gonçalves Dias deixou a Terra em 1864 e com ele desapareceu o indianismo da poesia brasileira. Nem mesmo na poesia mediúmica tivemos mais a presença dos índios. Não obstante, os índios brasileiros são uma constante das manifestações mediúnicas, ao lado da insistente presença dos negros, na qual se destacam as manifestações carinhosas de pretos e pretas velhas. Não nos referimos às chamadas correntes africana e indígena dos terreiros de Umbanda e demais formas do sincretismo religioso afro-brasileiro, mas da presença do índio e do negro nas sessões espíritas, onde comparecem individualmente, dando valiosa contribuição para a orientação cristã dos trabalhos. É que em corpos de índios e negros muitos espíritos da raça branca conseguiram vencer os vícios do meio civilizado e escalar posições elevadas no plano espiritual.

Agora, neste livro, Gonçalves Dias comparece pela primeira vez na poesia mediúnica e o faz de maneira marcante. Com ele voltam os índios, a temática indianista e todo o instrumental lírico da escola indianista criada pelo poeta maranhense. É uma ressurreição literária que certamente não abalará os meios orgulhosos das letras, mas que para os espíritas tem profunda significação,

provando a continuidade do processo histórico e cultural de nossa terra nos planos da espiritualidade. A integração racial do nosso povo se realiza em dois planos e os índios representam a contribuição nativa e telúrica para o desenvolvimento da nova raça brasileira. Não é o sangue, mas o es\* pírito que modela a humanidade do futuro.

A ressurreição da escola indianista na poesia mediúnica é uma confirmação estética da presença indígena na formação do nosso espírito nacional. Essa presença nos infunde a seiva telúrica das raças nativas, *cujo espírito apaixonado e heróico, impregnado do magnetismo das selvas e dos rios, tocado pela beleza natural da terra e do céu, estimulará em nossa gente o desenvolvimento da lei de adoração* num sentido cósmico. Graças a essa contribuição, que tem em seu <sup>30</sup> apoio a dos negros, carregada das visões telúricas da África, nossa raça vencerá as barreiras do artificialismo da civilização branca, repetindo o veneno dos preconceitos e dos ódios ancestrais que trouxemos da Europa.

Gonçalves Dias apresenta-se neste volume com a *Canção do Regresso*. E sua primeira estrofe, na simplicidade de quem sabe dizer muito em poucos versos, é uma espécie de saudação cabalista ou de um mantra, uma estrofe mágica, impregnada de significado espiritual. Ei-la:

Enfim, eis-me aqui de novo  
Contemplando o céu de anil;  
Se meus olhos vertem lágrimas,  
Ê de saudades, Brasil!

A primeira palavra do poeta ao se manifestar é *enfim*, significativa ao mesmo tempo do findar de uma fase e do início de outra. Advérbio de transição, marca a passagem de uma conversa interrompida para outra que se inicia. É como se o poeta surgisse do naufrágio, depois de mais de *um século*, para gritar entre as ondas que vai continuar a sua obra. A contemplação do céu de anil, que parece uma expressão vulgar, um recurso poético banal, tem o sentido de uma profecia, na antevisão do futuro nacional. For isso, as lágrimas que verte não são de mágua, de ressentimento, mas de saudades, evocando o passado no limiar do presente para estabelecer a ligação imediata de ambos.

O poeta se reintegra na sua paisagem e na sua missão.

Ê o que nos mostra a sequência do poema, confirmada pelo poema seguinte, *Canção da Morte*, que começa assim:

Mas ouço rumores nas matas distantes,  
E o vento que sopra não faz semelhantes  
Ruidos nas copas dos galhos gigantes.  
E eu, cauteloso, por trás do espinheiro,  
Surpreso revejo, num índio altaneiro,  
O antigo Piá, hoje velho guerreiro...

Temos nessa sequência uma visão cinematográfica da volta do espírito à realidade

terrena. O poeta ressurgiu das águas da renovação, segundo o mito grego que levou a poetisa Safo a lançar-se ao mar do rochedo de Leucade, e voltando à terra ouviu os rumores da tribo, esconde-se no espinheiro e espia surpreso o velho Piá, antigo Pagé, e hoje velho guerreiro, seu conhecido de outros tempos, que ali ainda se encontra. É o momento do reencontro, mas vai lhe trazer a decepção de ver que as tribos foram dizimadas pela violência dos brancos.

Gonçalves Dias passa então a cantar a situação desastrosa dos índios, vencidos pelos brancos em batalhas desiguais. É o velho Piá quem lhe conta as matanças selvagens praticadas pelos civilizados.

*Pirama com as estrofes que o*

### CANÇÃO DA MORTE

E o branco ainda avança

No mal não se cansa

E sua esperança

É as tribos matar!

Abriram a terra.

Os rios, a serra,

Com armas de guerra

Que explodem no ar.

Meu canto é tristonho?

Não tenho mais sonho,

O mundo é medonho,

Inútil viver!

Ó alma seleta,

Dos índios, Poeta,

Responde, profeta:

Viver ou morrer?

Não basta compreender, é preciso sentir. Não basta a comparação formal, é preciso captar a relação emocional.

Comparemos estas estrofes de *Juca* poeta nos transmite por via mediúnica

I JUCA PIRAMA — IV

Meu canto de morte,

Guerreiros, ouvi:

Sou filho das selvas,

Nas selvas cresci;

Guerreiros, descendo

Da Tribo Tupi.

Da tribo pujante

Que agora anda errante,

Por fado inconstante.

Guerreiros, nasci;

Sou bravo, sou forte,  
Sou filho do Norte;  
Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi.

#### CANÇÃO DA MORTE

Destino quem quis  
Que bravos Tupis,  
E os Guaranis,  
E até o Aimoré,  
Depois Bororós,  
E os Caiapós,  
E outros após  
Perdessem a fé!

#### CANTO DE MORTE

Ao velho coitado  
De penas ralado,  
Já cego e quebrado,  
Que resta? — Morrer.  
Enquanto descreve  
O giro tão breve  
Da vida que teve,  
Deixai-me viver!

Entre o *Canto de Morte* do guerreiro tupi em *Juca Pirama* e a *Canção da Morte* recebida mediunicamente não há apenas a distância cronológica de um século, mas a distância ontológica da evolução. Ao sentimento individual do guerreiro tupi que procura salvar o pai velho cego sucede o sentimento social da destruição do mundo indígena. Comparemos duas estrofes: O poeta redivivo de hoje reencontra o tema indígena de ontem, mas numa dimensão mais ampla. O velho Piá lhe fala da morte de um mundo, de uma civilização, de uma crença, de uma religião. Não compreende o sentido do processo histórico, não pode entender porque permitiu Tupá a destruição das tribos, a humilhação dos povos heróicos. Dai a sua pergunta ao poeta, como vimos, acima: *responde profeta: viver ou morrer?* Na estrofe anterior encontramos este clamor em que o poeta — na sua própria visão — interpreta a desolação total do velho Piá:

Perdida a ventura,  
Perdida a cultura,  
Só resta a postura De antigos heróis!

Mas é na própria boca do velho Piá que o poeta vai pôr a resposta pedida. E essa resposta revela a nova dimensão da escola indianista em sua ressurreição mediunica. As estrofes da *Canção da Vida* anunciam que Tupá ouviu o clamor dos índios e que a sua justiça se fará cumprir. Se a visão histórica era inacessível ao

velho Piá, a percepção palingenésica, inerente a todas as formas de religiões primitivas — essa intuição da realidade espiritual que escapa à razão linear do civilizado — vai lhe dar a medida da justiça divina. Já no próprio *Juca Pirama* o poeta fixara estas estrofes, por ele mesmo dirigidas ao guerreiro tupi que esperava a morte, enquanto os timbiras preparavam o festim do sacrifício:

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes Revive o forte,  
Que soube ufano contrastar os medos Da própria morte.

Mas agora é o velho Piá quem canta, cheio de renovado entusiasmo, no limiar dos novos tempos. A visão palingenésica lhe mostra a fusão das raças, a miscigenação que não se processa apenas na terra e na carne mas também no Além e no espírito. Este Jacob das selvas tem a visão hebraica da escada que liga o céu à terra, o plano invisível ao visível, e assiste ao trânsito misterioso entre os dois mundos, esses vasos comunicantes do imenso laboratório de Deus. É então que o poeta - espírito nos dá esta bela estrofe:

Não chores a perda das cálidas terras,  
Motivo das guerras  
Co'os brancos de agoral  
Se a alma dos índios aqui voltará,  
De novo terá As terras de outrora!

Pode alguém supor que tudo isso não passe de pasticho ou de elaboração inconsciente? Pode alguém pensar na possibilidade de uma mistificação do médium, interessado em ludibriar a nós todos? Só poderá fazê-lo quem desconhecer o processo da criação literária, quem jamais se tenha debruçado sobre um texto poético para interpretá-lo no seu mistério, nas suas conexões ocultas, nas suas intuições profundas, muitas vezes veladas pela forma, pela estrutura poética, como a superfície de um rio nos vela os segredo das suas correntezas e da vida sub-aquática.

## UM POETA DESCONHECIDO

Nem só os grandes poetas são poetas. A República das Letras é o mais perfeito modelo de democracia. Embora desfigurada na Terra, onde a vaidade humana e a injustiça social prevalecem, na vida espiritual ela nos apresenta a sua verdadeira face. É por isso que nas antologias mediúnicas encontramos lado a lado poetas famosos e obscuros, às vezes totalmente desconhecidos, como no caso de Marcílio Dias, o marinheiro heróico da Batalha de Riachuelo, onde mesmo depois de perder um braço continuou lutando.

Marcílio Dias apresentou-se ao médium de surpresa e explicou: "Vi os poetas vindo para cá e acompanhei-os. Também quero dar algumas quadras. Sou o Marcílio. Fui marinheiro e estou na História do Brasil". Contou ainda que fora poeta repentista, trovadoí do mar, o que ninguém o sabe, porque a História não registrou. Seus dados biográficos são escassos, pois o que mais interessou em sua vida,

historicamente, foi a bravura demonstrada na Guerra do Paraguai.

Seja como for, Marcílio deu algumas quadras ao médium, prevendo sua reencarnação e revelando os seus sonhos. Deseja voltar como poeta do Cristo e cantor do Povo. Não se vangloriou do passado, lamentou os seus erros. A consciência lhe diz que a poesia é a nova arma que deve empunhar em defesa dos homens. Vejamos apenas duas das suas *Quadras de Um Marinheiro*:

Fui poeta em alto mar Como fui também na terra.

Minha vida foi poesia...

Fui poeta até na guerra!

Não percebe a Pátria História Que o heroísmo é uma ideia?

A morte me foi um tona:

Fiz com ela uma epopeia!

Essas quadras, como se vê, estão carregadas de significado. Para Marcílio o seu heroísmo não foi um ato de bravura mas um ato de poesia. Acostumado a transformar os motivos do mar e da terra em trovas improvisadas, o marinheiro heroico enfrentou a batalha com a mesma disposição. Por isso, na embriaguez da luta não percebeu que perdera um braço. A ação guerreira o empolgava e continuou lutando. A epopeia escrita em sangue devia ter o ritmo camoniano, mas os historiadores a registraram apenas como um ato de bravura. Pobre História, pobre e frio registro de atitudes e fatos exteriores! Marcílio, o marinheiro, nos dá uma lição de Filosofia da História, lembrando que por trás do arroubo de um guerreiro existe o mundo secreto da alma com seus arcanos, que tanto podem ser tenebrosos como luminosos.

A poesia mediúnica nos revela, assim, a dimensão maior do herói. O espírito liberto do corpo, despojado das vestes carnis, abre-se ante o psicógrafo na plenitude dos seus poderes e dos seus mistérios. O episódio Marcílio Dias é um dos mais significativos desta antologia que os críticos do imediatismo desprezarão. O pior cego é o que não quer ver. A riqueza subjetiva, não formal mas substancial da poesia mediúnica é um tesouro que se acumula no presente para as explorações do futuro. Na cultura, como no solo, as jazidas preciosas se acumulam através do tempo.

## A POESIA MODERNA

Uma das críticas feitas à poesia mediúnica refere-se ao seu aspecto arcaico, em geral apegada às formas antigas. A preferência pelas formas antigas provém de dois fatores humanos e não espirituais: 1.º) a necessidade de identificação dos poetas comunicantes; 2.º) a maior aceitação da poesia antiga pelo povo. As mensagens mediúnicas não se dirigem a nenhuma espécie de elite, mas à massa da população. A forma de maior comunicabilidade tem de ser a preferida. Mas a verdade é que os poetas modernos também se comunicam, como podemos ver no próprio *Pamâso de Além Túmulo*, de Francisco Cândido Xavier, onde encontramos

os versos livres de Alma Eros, Rodrigues de Abreu e outros poetas menos conhecidos.

Oswald de Andrade transmitiu, pelo médium Dr. Waldo Vieira, um excelente poema sobre São Paulo, pouco depois do seu passamento. E neste livro encontramos os poemas inegavelmente identificadores de Mario de Andrade e Manuel Bandeira. Mas no caso da poesia moderna temos ainda de levar em conta dois fatores importantes: 1.º) é bem menor o número de poetas modernos desencarnados e em condições de manifestar-se; 2.º) a falta de afinidade dos médiuns com esse tipo de poesia.

Este mesmo volume dá-nos um exemplo disso. Rizzini recebeu poesias de 24 poetas, sendo 21 antigos, e apenas três modernos. Assim mesmo um destes, Guilherme de Almeida, preferiu a forma clássica do soneto, que em vida foi de sua predileção. E outro, Mario de Andrade, não se vexou de perpetrar o crime de um soneto acróstico. Vejam só; um soneto acróstico de métrica rigorosa e rimas exatas!

Há uma certa evocação do tempo da revista *Klaxon* na forma poi que Mario de Andrade aparece neste livro. Lembra pelo menos o episódio do soneto *Platão*. Mario escreveu o soneto com todas as exigências técnicas, nada lhe faltando, nem mesmo a chave de orno. E o considerou ao mesmo tempo "Bem feitinho" e "péssimo". Bem feitinho estava, mas péssimo porque? Porque insincero. Antes ele havia escrito o *Poema* publicado no n.º 6 de *Klaxon*. Mas não foi compreendido pelos *farautos*, ou seja, pelos retrógrados. Então, num dia em que se sentiu pachorrento, resolveu traduzir o poema em soneto.

Comparando os dois, o próprio Mario explicava: "O que senti e exprimi está no *Poema*. O soneto é a máscara de cera que tirei da sensação morta, e que arriei de joias e pintei de cores vivas conhecidas. O soneto é uma análise intelectual e mentirosa; o *Poema* síntese subconsciente e verdadeira".

O que Mario faz neste livro é exatamente isso. No *Soneto Acróstico*, decassílabo perfeito, trata da sua situação de após morte entre *jóias e cores vivas conhecidas*, terminando com a chave de ouro: *e a elevação aos astros mais sublimes*. A chave de ouro do soneto *Platão* é esta: *a divina impureza de minha alma*. No poema livre *Viagem Marcada* trata do mesmo assunto com graça e ironia bem do seu estilo, com a sua *blague* característica.

Mario, desacatando os *farautos* (palavra criada por ele para designar os retrógrados) declarou em artigo de *Klaxon* que não voltaria a falar com eles, pois não tinha tempo a perder. Agora parece lembrar-se de que os *farautos* também são gente e merecem a sua atenção. O *Soneto Acróstico* já não é uma provocação, um desafio, mas um gesto de caridade. Aos pobres *farautos* ele dá a esmola de uma máscara de cera tirada com amor, não da sensação morta, mas da sensação viva de ser ele mesmo (daí o acróstico) e de continuar vivo depois da viagem marcada e inexorável.

Na verdade, *Viagem Marcada* é infinitamente superior ao *Soneto Acróstico*, mas não será compreendido pelos que — e são ainda a imensa maioria — não consideram poesia o poema desprovido de métrica e de rimas. Assim, com o soneto e o poema ele envia, em duas formas que usou em vida, a mesma mensagem a duas faixas diferentes de leitores. Não é isto bastante significativo e bem Mario de Andrade?

Quanto a Manuel Bandeira, a sua identificação nos parece evidente. Figura neste livro com um poema e uma louvação. O seu interesse pela louvação era tão grande que levou Agripino Grieco a ironizá-lo. Nos seus últimos anos de vida louvou a todo mundo no Rio de Janeiro. Sua imensa simpatia humana e seu amor ao folclore, no que rivalizava com Mário de Andrade, levou-o ao cultivo do gênero, tão popular no Norte e Nordeste. Tão próxima ainda se encontra de nós essa fase de sua poética e tão divulgadas e conhecidas foram as suas louvações que consideramos desnecessária qualquer comparação demonstrativa da autenticidade da que figura neste livro.

Louvou a todo mundo, dissemos. Sim, mas talvez faltasse a louvação a Deus que agora vem fazer através do médium. Quem não sentirá, logo neste início, a presença do poeta? Vejamos:

Vou dizer, e desde já,  
Usando a improvisação,  
No galope da viola Que aprendi lá no sertão,  
Que tenho um pouco de luz,  
Sou espírito cristão,  
Não entro na casa alheia Como faz assombração.  
Digo isto, minha gente,  
E logo na introdução,  
Para que ninguém se assuste Com minha ressurreição!

Basta essa estrofe inicial para nos dar a ficha digital de Bandeira, que não tem nenhuma semelhança com a de Rizzini. Ao escrevi isso o médium foi tecla e não dedo. Aí estão, nesses versos, a disciplina ascética de Bandeira, de que tratou Álvaro Lins, a sua pobreza franciscana (com toda a riqueza interior), o seu lúcido equilíbrio entre razão e inspiração, observado por Wilson Lousada, e, segundo entendemos, a depuração formal ligada à integração espiritual atingida pelo poeta em sua longa e intensa vivência estética.

A tudo isso acrescentaremos ainda a sua filosofia de vida, que é o clima psicológico em que se desenvolveu a sua poesia. Nesse cli- 38 iria podemos notar alguns componentes essenciais, como estes: a franqueza que nasce da naturalidade (*Vou dizer e desde já*); a confiança na vida e portanto a espontaneidade (*Usando a improvisação*); a integração sócio-cultural com o nosso povo (*No galope da viola — Que aprendi lá no sertão*); a humildade (*Que tenho um pouco de luz*); o sentimento religioso (*Sou espírito cristão*); o humor levemente irônico (*Não entro na casa*

*alheia — Como faz assombração*); a simpatia humana e a aceitação serena do mundo (*Para que ninguém se assuste — Com minha ressurreição*).

Esses elementos, palpáveis logo no início da louvação, informam toda a obra de Manuel Bandeira e caracterizam as duas mensagens poéticas incluídas neste livro. Negar que essas mensagens são do poeta seria o mesmo que negar um dos seus poemas enviados do exterior, simplesmente por ele não estar presente entre nós. Sabemos que para isso concorre a falta de conhecimento e de experiência do processo de comunicação mediúnica. Mas se o selvagem tem o direito de negar o telefone e o rádio, ao civilizado não faltam os conhecimentos que justificam a atitude do selvagem.

O poema *Tarefa* nos oferece o que poderíamos chamar *o melhor da poesia de Manuel Bandeira*. Tem todas as características da sua poética, mas encerra um elemento novo: a *experiência pessoal e concreta do transcendente*. Aqui podemos lembrar a tese de Heidegger: "O Ser se completa na morte". O ser de Manuel Bandeira, ao completar-se na morte com a experiência do transcendente, atingiu a plenitude da sua realização poética. Haverá alguma prova mais cabal da sobrevivência humana? Nenhuma prova científica poderia ser mais perfeita do que a prova poética oferecida amplamente pela poesia mediúnica. Só o preconceito e o embotamento da sensibilidade impedem a compreensão dessa verdade. Porque a prova poética é ontológica — talvez pudéssemos dizer ôntica — vem diretamente do ser, oferecida por ele em sua plena lucidez.

Alega-se que a poesia mediúnica é sempre inferior à do poeta em vida. As provas em contrário ainda não foram examinadas por ninguém. Mas tanto o *Parnaso de Além Túmulo*, quanto *Antologia dos Imortais* e este livro, além de outros, estão cheios delas. É claro que na poesia mediúnica, como em tudo, existem o legítimo e o ilegítimo, o verdadeiro e o falso. Além disso é preciso considerar que nem todos os poetas chegam em estado de graça ao Império Argênteo de que fala Mario de Andrade no *Soneto Acróstico*. Para que o ser *'se complete na morte* é necessário que ele tenha realizado em vida o trabalho suficiente de auto-construção. Muitos poetas ficam longo tempo sem capacidade para se comunicarem após a morte, e quando o fazem ainda estão enleados em suas dificuldades de adaptação ao novo meio. Mas os que *se completam* logo nos dão as excelentes provas que temos neste volume.

Há também o problema das dificuldades de transmissão, decorrentes de fatores vários: incapacidade receptiva do médium, falta de afinidade (sintonia) entre o espírito comunicante e o médium, perturbações emocionais do espírito no ato da comunicação e assim por diante. Todos esses problemas, porém, não podem anular o fato inegável das boas e perfeitas comunicações, como os embaraços técnicos ocasionais não nos impedem de usar com frequência o telégrafo e o telefone.

Referimo-nos à *experiência pessoal e concreta do transcendente* e convém

explicá-la. O plano espiritual não é imaterial e abstrato como geralmente se pensa. O espírito não se desprende do corpo, no fenômeno da morte, como uma essência abstrata, mas revestido pelo pe- respírito ou corpo espiritual de que já tratara o apóstolo Paulo em sua Epístola aos Coríntios. Fora do corpo *de é ele mesmo* como ensina Kardec: um ser humano dotado de corpo energético, organismo vi- brátil, constituído de matéria em estado rarefeito e de energias espirituais. Agora mesmo os físicos e biólogos soviéticos acabam de descobrir esse corpo, a que deram o nome de corpo *bioplástico*. Já não se trata, pois, de hipótese espiritualista, mas de uma realidade cientificamente constatada. (Ver o livro de Olga Ostrander e Lyn Schroeder, *Pesquisas Psíquicas por trás da Cortina de Ferro*, em tradução pela Editora Edicel, de São Paulo).

O plano espiritual é imponderável para nós, mas não para os espíritos. Assim, após a morte o espírito continua a ser o que era na Terra, continua vivo e consciente em seu corpo energético. A experiência do transcendente é por isso pessoal e concreta. Digamos que o espírito passa do plano da matéria para o do antimatéria. Nessa outra dimensão da realidade concreta ele continua a ser *ele mesmo* e tem plena consciência disso. A mediunidade é o meio de comunicação de que ele pode dispor para comunicar-se conosco. Manuel Bandeira, como tantos outros em todo o mundo, utilizou-se desse meio para nos trans- 40 mitir as suas mensagens poéticas. As experiências recentes de gravação de vozes espirituais em fitas magnéticas comuns (fenômeno que os cientistas alemães, tendo à frente o Prof. Constantin Raudive, denominaram o *inaudível se faz audível*) abrem-nos a possibilidade de recepção direta da poesia mediúnica na própria voz dos poetas. Mas isso depende, naturalmente, do prosseguimento dos trabalhos de pesquisa, e mesmo que ele dê os melhores resultados, sempre haverá quem levante novas dúvidas a respeito.

A prova poética feita pela psicografia nos parece perfeita, a menos que duvidemos da nossa própria capacidade de análise do fenômeno literário. Acentua Cassiano Ricardo: "... a poesia é de todos, mas o poema, esse é de cada um, que o constrói a seu modo". (*Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*). O poema *Tarefa* encarado em sua autonomia, como realidade independente do fenômeno mediúnico (do meio de transmissão) não pode ser atribuído a qualquer outro poeta, que não a Manuel Bandeira. E como as próprias Ciências hoje nos provam a possibilidade de ele continuar vivo e ativo, capaz de comunicar-se conosco, é temerário atribuí-lo a outro.

Bandeira diz, nessa mensagem:

Tenho tarefa a fazer.

Uma canoa ectoplásmica

Que atravessasse o Rio das Sombras

E me leve

Ao Mundo da Morte.

A análise de todo o conteúdo do poema seria longa e já nos alongamos muito nesta introdução. Nem devemos furtar ao leitor o prazer de ler o poema na íntegra, páginas adiante. Note-se, porém, que o ectoplasma é a energia orgânica dos fenômenos de materialização, a força psíquica referida por William Crookes nas suas experiências mediúnicas. Charles Richet demonstrou experimentalmente que se trata de matéria orgânica plasticizante emanada do corpo do médium. E Richet era Prêmio Nobel de Fisiologia. Eugênio Osty e Gustave Geley confirmaram a teoria de Richet. A imagem da canoa ectoplásmica é portanto uma visão do possível e não apenas imagem.

Todo esse poema é uma estrutura de símbolos transcendentais, mas na linguagem poética de Manuel Bandeira, dentro da disciplina ascética por ele conseguida ao longo de uma vida inteira dedicada à poesia. O equilíbrio entre a razão e a inspiração adquire um novo aspecto, pairando acima das limitações terrenas, como as asas de um pássaro invisível. Não falta sequer a dose de humor levemente irônico, em pincelada discreta, marcando a incompreensão dos homens. A simpatia humana e a aceitação do mundo, porém, ampliam-se no gesto positivo da fraternidade e da integração do espírito na realidade cristã como transcendência. Não há, em toda a obra de Manuel Bandeira, nenhum poema que se possa comparar a este, e no entanto é este o resultado evidente de toda essa obra.

Claro que nem todos os poetas puderam nos dar essa visão da poesia transvencional. Nem todos amadureceram na Terra como Manuel Bandeira. Mas todos nos apresentam pelo menos algumas cintilações do Império Argênteo. E foi por isso que Jorge Rizzini curvou-se humilde ante essa chuva de estrelas, desistindo dos seus próprios trabalhos literários para entregar-se inteiramente ao serviço mediúnico. O escritor pôs de lado os seus sonhos para se fazer datilógrafo dos espíritos.

E também por isso já tem em mãos dois livros psicografados: *Sexo e Verdade*, conjunto de poemas de Guerra Junqueiro, Casimiro de Abreu e Castro Alves, e *A Vida de Jesus*, inteirinha em versos, do nascimento à morte, que está recebendo de Guerra Junqueiro, o poeta que mais se sintoniza com a sua mediunidade. Digno é o trabalhador do seu salário — e o salário do trabalho mediúnico é sempre mais trabalho.

Os sonetos de Aute de Sousa, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Cruz e Sousa, Guimarães Junior, Olavo Bilac e Cornélio Pires, os mosaicos evangélicos de João de Deus (um primor de síntese), os poemas de Carmen Cinira e de B. Lopes, o surpreendente poemeto de José Bonifácio, o Moço, o poema *A Criação Divina* de Castro Alves — e todo o Castro Alves deste volume — além de outros, deviam ser comentados nesta introdução. Entre os poetas modernos deixamos também de comentar os sonetos de Guilherme de Almeida. Não havia espaço nem tempo para tanto. Seria escrever um novo livro.

42 Tratamos apenas de alguns aspectos para dar aos leitores uma ideia da

importância deste livro no plano da poesia mediúnica. Esperamos que os leitores penetrem mais fundo e que o público se tome sensível à ressonância destas mensagens poéticas, tão carregadas de beleza e transcendência.

(São Paulo, Outubro de 1972)

## ANCHIETA



Nasceu José de Anchieta em São Crístovão de La Laguna, capital da ilha de Tenerife (Canárias) a 19 de março de 1534.

Aos catorze anos de idade foi enviado à Universidade de Coimbra, juntamente com um de seus nove irmãos. Anchieta, embora ainda menino, espantou seus mestres pela facilidade notável que possuía em compor versos e prosa. Espírito místico, a 1.º de maio de 1551, contando 17 anos, ingressou na Companhia de Jesus, em Coimbra. E a 8 de maio de 1553 (tinha, então, dezenove anos de idade) viajou para o Brasil; veio na frota de D. Duarte da Costa, dedicando-se, desde logo, à catequese dos selvícolas. Tomou-se célebre sua atuação ao lado de Manuel da Nóbrega na pacificação dos tamoios, quando ficou como refém durante quatro meses na mão dos temíveis índios.

Anchieta é, com justiça, considerado o fundador da literatura brasileira. Escreveu peças teatrais destinadas à catequese, poesias em português, latim, tupi, espanhol, além de uma "Arte da Gramática da língua mais falada na costa do Brasil" (Tupi- -guarani). É autor, ainda, do célebre poema dedicado à Maria, mãe de Jesus, e que contém, nada menos, que 4.072 versos latinos.

Cognominado o "Apóstolo do Novo Mundo", morreu Anchieta a 9 de junho de 1597, aos sessenta e três anos de idade.

ó meu bom Jesus,

É feliz o povo,

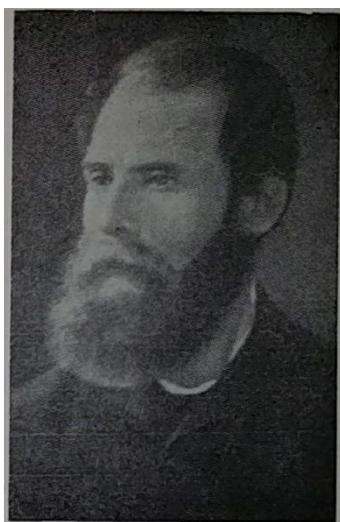
Porque Vossa Luz Tem sentido novo.

Restaurou-se a glória Do Vosso viver.

Basta ao Homem ler Toda Vossa História, E ter na memória Seu sentido novo Dado por Kardec Pra salvar o povo.

Vosso ensino santo Nossa dor acalma,  
O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO  
É alimento d'alma, Por isso Vos canto. Vosso ensino, entanto, Só agora o povo Pode  
compreendê-lo No sentido novo!  
A Vossa promessa Foi enfim cumprida,<sup>3)</sup> E a humana vida Vai mudar depressa, Pois  
se fez impressa N'alma deste povo A Verdade Pura Do Evangelho novo.  
Meu Brasil fecundo, Que ninguém conteste, Tem missão celeste,  
Já ilumina o mundo! Por isso eu difundo Que o Evangelho novo Recupera as almas,  
Dá sentido ao povo.  
Este Livro é luz!  
É pão com fermento!  
É forte sustento Vindo de Jesus!  
Alivia a cruz Do sofrido povo,  
E do mundo velho Gera um mundo novo!  
ó que validade Tem o Livro Santo! Como causa espanto A sua Verdade!  
Ele rompe a grade Que prendia o povo Aos antigos dogmas... Veio a Luz de novo!  
Quantos erros graves Cometeu a Igreja... Que ninguém a veja A fazer conclaves...  
Sempre pôs entraves Pra impedir que o povo Visse o Cristo inteiro No Evangelho  
novo!  
Muitas graças rendo Ao Senhor Bom Deus, Porque os fariseus Não têm mais  
remendo, Pois agora lendo O Evangelho novo Se ilumina o Homem, Vai salvar-se o  
povo!

## ANTERO DE QUENTAL



Poeta, prosador e filósofo português. Nasceu em Ponta Delgada, ilha São

<sup>3</sup> (1) Refere-se Anchieta à promessa de Jesus de que enviaria à Terra o Espírito da Verdade, o qual restauraria a Verdade Evangélica, acrescida de novos ensinamentos. Esse trabalho do Espírito da Verdade constitui a Doutrina Espirita, codificada por Kardec.

Miguel, Açores, em 1842. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra em 1864. Autor de várias obras, destacando-se "Considerações sobre a Filosofia da História Literária Portuguesa"; "Odes Modernas" (1865) sobre as quais disse Camilo Castelo Branco, "são um terremoto na velha cidade dos líricos"; e "Sonetos" (1881) que constituem a sua obra-prima.

Pensador profundo e considerado como um dos maiores poetas da língua portuguesa, sobre ele escreveu Eça de Queiroz:

"Eu só conheço um homem, uma exceção, em que o sumo gênio poético se alia à suma razão filosófica. E o nosso Antero de Quental".

Espírito sofrido e atormentado, Antero de Quental foi um grande infeliz. Em carta dirigida a João Lobo de Moura, escreveu: Só confio na morte, como a única solução satisfatória, radical, definitiva e, para dizetr-lhe tudo, chego a desejá-la, como diz Shakespeare, *desejá-la devotamente*".

E suicidou-se em 1891.

#### O SUICIDA

Dé madrugada, num delírio louco,

Sonhei um dia me fazer suicida.

O mundo, então, era tristonho e ôco,

E eu, filho da desgraça sem medida.

O que te prende à Terra é muito pouco, Disse-me a Morte, a espreitar-me a Vida...

Vem, ó pálido herói cansado e rouco,

E deixa-me curar tua ferida!

E no febril delírio vi na Morte A deusa do Amor, da Paz, meu norte...

E, louco fui bater em seus portais!

"Sou eu, ó deusa!" Em laços fortes, grossos Prendeu-me, então, na treva em meio a ossos E ali gemi por longos anos mais!

#### O JOGADOR

Ao homem disse o Bem: "Deixo contigo Uma mensagem do Senhor Jesus:

Ele fará bem leve tua cruz,

Mas sê humilde e ama até o mendigo."

E disse o Mal: "Tolice! Vem comigo E dar-te-ei mil castelos de ouro e luz!

És moço, belo e forte... Fazes jús A que te ajude... Sou um rei, amigo!"

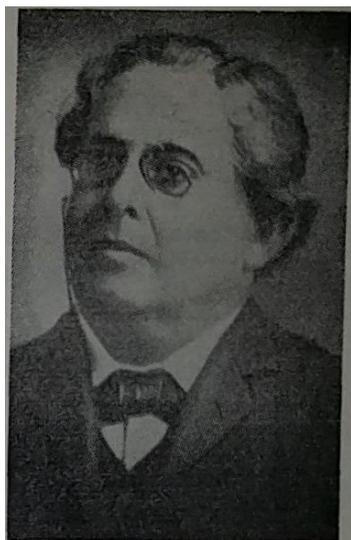
E o homem a pender entre dois lados Fez do Bem e do Mal jogo de dados,

Sempre a somar mais pontos para o Mal...

E, então, aproximou-se a astuta Morte E, com um golpe só, certo e forte, Jogou-o à escuridão do fundo Umbral! (4)

<sup>4</sup>(1) Umbral, região dolorosa habitada por Espíritos sofredores à espera de reencarnação.

# ARTUR AZEVEDO



Nasceu em São Luís do Maranhão a 7 de julho de 1855. Irmão de Aluísio Azevedo (o célebre romancista) e de Américo Azevedo (teatrólogo) desde criança Artur Azevedo revelou forte inclinação para o teatro; aos nove anos de idade escreveu um drama em cinco atos e, aos doze, passou a colaborar no "Semanário Maranhense". Era ainda menor de idade, quando lançou sua primeira obra; "Carapuças", uma série de poemas satíricos, que por visar gente importante da cidade, fê-lo perder o emprego...

Transferiu-se, então, para o Rio de Janeiro, onde foi, inicialmente, tradutor e revisor de "A Reforma" e, logo depois, responsável por uma coluna em "O País", então um dos jornais principais do Rio. Aí publicou por longos anos versos humorísticos, focalizando fatos e pessoas, e após as primeiras colaborações o nome do poeta celebrizou-se. Artur Azevedo também foi o cronista mais lido de sua época.

Poeta, cronista, jornalista, contista, como teatrólogo, porém, foi que o nome de Artur Azevedo se fixou, definitivamente, na História. Diretor do Teatro João Caetano e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras foi ele, ainda, quem lançou e defendeu pelos jornais a ideia da criação do Teatro Municipal do Rio, cuja inauguração não assistiu, pois morrera um ano antes; no dia 22 de outubro de 1908. Tinha Artur Azevedo, então, cinquenta e três anos de idade.

TPOR QUE SERIA?

O bom comendador Jesus Clemência, Homem piedoso e afeito à sacristia, Presidiu a "Legião de Mãe Maria",

Para dar aos mendigos assistência.

Após o desencarne, todavia,

Ao recobrar a sua consciência,

Notou que não subia a humana essência Em direção a Deus... Por que seria?

Foi ver, então, o corpo na paróquia,

Ao pé de velha imagem da Antióquia. Que gritaria ali! Oh, confusão...  
Cauteloso, espiou... As oito amantes Disputavam, raivosas, provocantes,  
A glória de levar o seu caixão.

### COMUNICAÇÃO

Acabo de provar a identidade Com um soneto feito de improviso,  
Tal como o "Tertuliano" — sem juízo!  
Que a Musa deu à luz na mocidade... <sup>(5)</sup>  
Mas comunico aos críticos de siso,  
Que já arranquei da Musa a impiedade... Fez ela gargalhar muita cidade,  
Mas cá no Além só deu-me prejuízo...  
Iluminado agora pelo Bem,  
A exemplo de Tolstoi ou de Chopin Aspiro, ardentemente, ser um Guia...  
Invocai-me, ó pálidos leitores,  
Que eu posso aliviar as vossas dores,  
Em nome do Senhor ou de Maria!

## AUGUSTO DOS ANJOS



<sup>5</sup> (1) Refere-se o Espírito ao seu célebre soneto, cujas estrofes são as seguintes:

*Tertuliano, frívolo, peralta,  
Que foi um paspauão desde fedelho,  
Tipo incapaz de ouvir um bom conselho,  
Tipo que morto, não faria falta,  
Lá um dia deixou de andar à malta,  
E indo à casa do pai, honrado velho,  
À sós na sala, em frente de um espelho,  
A própria imagem disse em voz bem alta:  
— Tertuliano, és um rapaz formosol Es simpático, és rico, és talentoso! Que mais no mundo se te  
faz preciso?  
Penetrando na sala o pai sisudo,  
Que por trás da cortina ouvia tudo,  
Serenamente respondeu: — Juízo*

Nascido a 20 de abril de 1884 no "Engenho de Pau d'Arco", no Estado da Paraíba, Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos bacharelou-se em 1907 pela Faculdade de Direito do Recife. Em 1910 veio para o Rio de Janeiro, onde lecionou por algum tempo. Indiferente à advocacia, mudou-se do Rio de Janeiro para Leopoldina (Minas Gerais) a fim de dirigir a instrução municipal e onde veio a morrer em 12 de novembro de 1914 — aos 29 anos de idade.

Augusto dos Anjos começou a versejar desde os sete anos de idade. Aos dezessete compôs o admirável "Monólogo de uma Sombra", poema que se tornaria célebre.

No depoimento sobre a personalidade de Augusto dos Anjos, diz Antônio Torres, seu contemporâneo:

"Era um famélico da luz insuperável, das vastas amplidões iluminadas... Trazia dentro de si um sonho interior tão grande, que só queria descortinar os amplos horizontes que aos míopes da ordem sentimental aparecem longínquos e vagamente esfumados. .

Sobre os notáveis sonetos contidos no único livro de Augusto dos Anjos e intitulado "Eu" (publicado em 1912 e hoje com mais de trinta edições) sentencia o crítico Agripino Grieco:

"... há alguns que me parecem das mais puras melodias saídas em qualquer tempo da alma brasileira".

#### TEMPO PERDIDO

Exige o médium prova luminar  
De que em verdade é minha esta bitola.  
Não lhe basta, portanto, minha escola!  
Quer o vocabulário singular...  
Quer zoófitos e o vírus globular,  
Epigênese, mônada, ictiocola,  
E tudo o mais que tenha na sacola,  
Desde ao pólipó ao verme pulmonar!  
E para que haja rima com excrúpulo,  
Inda sobrou aqui um pobre lúpulo,  
Perdido junto às dúzias de monéra!  
E foi-se o tempo com palavra rara,  
Quando eu queria dar, de forma clara,  
As belezas mais simples de outra Esfera!

#### A TRAGÉDIA

Preso de uma lascívia ardente e insana,  
Levaste a pobre virgem num hotel.  
E justificas: "Era leviana!  
Jamais seria para alguém fiel..."  
E a abandonaste à sorte mais cruel, ó minha velha e esperta ratazana!

E dizes: "Ela hoje anda num bordel... S  
ó tinha mesmo o ar de puritana!"

Em que tragédia te meteste, amigo!

A vida continua, além jazigo...

Sucede às noites sempre uma manhã...

E a pobre jovem da fatal afronta,

Breve irá exigir-te dura conta,

Que em vida anterior foi tua irmã!

### VISÕES OA MORTE

Nessa moléstia estranha da epiderme

Antevês o teu pobre funeral.. .

E te vês sob alguns quilos de cal

No banquete fantástico do verme!

E te contorces, louco, já inerme,

No retângulo fétido e teatral,

Sentindo que o primeiro irracional

Já te olha como um vasto paquiderme!

Amigo! Acalma-te e retorna ao leito,

E tranquiliza êsse cansado peito

— Caixa acústica destes teus assombros!

Que eu, Augusto dos Anjos vi, num grito,

Voar em direção do Infinito

Minha alma renascida dos escombros!

### O PAI DOS POBRES

No caixão mortuário sobre a mesa,

Iluminado pela luz das velas,

Dorme ele com fantástica nobresa,

Trazendo três comendas nas lapelas...

Morrera assassinado de surpresa

Com um golpe violento nas costelas,

Quando contava, cheio de avareza,

Milhões de velhas notas amarelas...

E era chamado "o pai dos pobres",

Titulo com o qual roubara os cobres

Que lhe doavam almas generosas...

E agora, letárgico, no sono

Inda imagina-se das notas dono,

Deitado num caixão por entre rosas!

### A ALMA

No meu subjetivismo singular

Tive uma visão em diagonal,

E na intimidade celular,  
Vi o metabolismo do animal...  
Nessa divina química sem par,  
Onde transcende a base mineral,  
Está a prova de que o Homem milenar  
Foi antes pedra, e não um ser fetal f  
E, dentro duma escala evolutiva,  
A Alma se agita e se agiganta, altiva,  
No riso e sofrimento, embate misto...  
Da pedra à planta e ao ser racional,  
Heróica, avança ela no ideal  
De superar a perfeição do Cristo!

## AUTA DE SOUZA



Nasceu em Macaíba (Rio Grande do Norte) a 12 de setembro de 1876. Aos três anos de idade, apenas, ficou órfã de mãe; e, aos cinco, de pai. Criou-a, então, sua avó materna, dna. Silvina Maria da Conceição.

A vida de Auta de Sousa, embora tão curta, foi umã tragédia. Menina ainda viu um de seus irmãos morrer envolvido pelas chamas; espetáculo dantesco, marcaria, inclusive, a sua poesia futura.

Em 1887, sua avó colocou-a no Colégio de São Vicente de Paulo, no Recife, dirigido por religiosas francesas. Ai ficou até 1890 (três anos) onde aprendeu as línguas francesa e inglesa, além de desenho e rudimentos musicais. Estava, agora, com catorze anos de idade, quando surgiram os primeiros sintomas de tuberculose. Voltando a Macaíba, começou a escrever os primeiros versos e colaborou na revista "Oásis", no jornal "A República", etc., todos do Norte. Sua produção poética crescia, não obstante o avanço da moléstia. E Auta de Sousa, por influência de seu irmão enviou os originais de seu primeiro e único livro, "Hôrto", a Olavo

Bilac, que entusiasmado fez-lhe um prefácio.

Alma cheia de ternura, banhada de religiosidade, sempre voltada para os que sofrem, Auta de Sousa desencarnou a 7 de fevereiro de 1901, à uma hora e quinze minutos da madrugada. Tinha, então, a poetisa, apenas, 24 anos de idade.

### OS MONGES

Há na Índia atual este problema:  
No alto cume dos montes escarpados,  
Os monges buscam perfeição suprema,  
Contemplando os espaços estrelados...  
Com vibrações azuis ou côr de gema,  
A alma dos monges, longe dos pecados,  
Liberta-se do corpo — a escura algema,  
Após suaves transes sublimados...  
Nas viagens que fazem pelo Astral,  
Oh! quanto aprendem sobre o Bem e o Mal!  
Sua sabedoria não tem fim...

Mas, quando descem das montanhas altas,  
Ao ver o pária, as multidões incautas,  
Encerram-se nas torres de marfim.../

### VINDE, AMIGOS

Quão pouco sabe ainda a alma humana  
Sobre as coisas de Deus!  
E há tantos prantos  
Continuamente derramados \_\_\_ Tantos,  
Neste planêta onde a aparência engana!  
Na mansão suntuosa, soberana,  
Com jardins luxuosos, mil encantos,  
As vezes há mais dor e há mais espantos  
Do que na escuridão duma choupana \_\_\_\_  
Desçamos, pois, da torre de marfim,  
E enxuguemos as lágrimas, enfim,  
Dos que já não conseguem dar um passo...  
Vinde, amigos, porque esta é a Verdade:  
Se Deus é puro amor, é a Caridade  
A chave de Seu Reino além do Espaço!

### MISERICÓRDIA

Sejamos, sim, misericordiosos,  
Tendo como modelo o Nazareno;  
Nesses vales sombrios, dolorosos,  
Quanta gente ergue a taça com veneno!...  
Vinde comigo, irmãos, que os desditosos

Clamam por nós em doloroso aceno...  
Vinde hoje consolar os cancerosos,  
E amanhã a alma triste de um pequeno.  
Sejamos bons alunos do Senhor  
Levando a paz e o gesto salvador  
Aos que tombarem sob a imensa cruz...  
Vinde, que a caravana parte agora!  
Lembremo-nos que o Mestre — a Eterna Aurora!  
Jamais pôs sob o alqueire a Sua Luz.

## B. LOPES



Nasceu Bernardino da Costa Lopes em Boa Esperança, município de Rio Bonito, Estado do Rio, em 19 de janeiro de 1859.

De origem humilde, foi caixeiro em Japuíba. Conseguiu, no entanto, ilustrar-se na condição de autodidata e, em 1876, transferindo-se para o Rio de Janeiro, obteve emprego na Administração dos Correios, onde ficou até aposentar-se.

B. Lopes colaborou nos principais jornais do Rio, "Folha Popular", "Novidades", "O País", etc. Pertencente à geração de Cruz e Sousa, Emiliano Perneta e Gonzaga Duque, dos quais foi amigo, publicou B. Lopes inúmeras obras poéticas, destacando-se "Cromos", "Vai de Lírios", "Pizzicato" e "Brasões".

Sobre sua poesia, bela e despretenciosa, pendendo entre o parnasianismo e o simbolismo, escreveu Silvio Romero:

"... as boas qualidades do poeta consistem no brilho da frase, na riqueza das imagens, na facilidade do verso e da rima".

B. Lopes morreu em 18 de setembro de 1916, após momentos dramáticos.

### FILOSOFANDO

No lar do milionário,  
Luxo, vaidade, riqueza;  
A mulher — fez-se princesa,  
O homem — um grande senhor...  
Não querem saber de Deus;

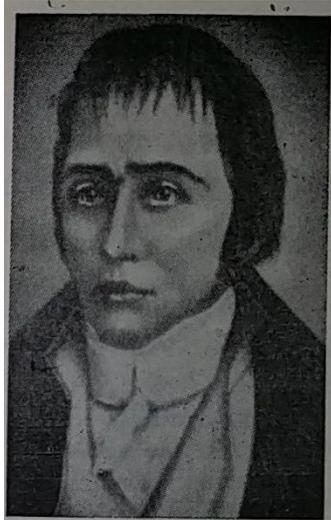
E, na sociedade nobre  
Falam sempre mal do pobre:  
"O pobre me causa horror!"  
E o pobre com quinze filhos,  
Mora em escuro casebre;  
A mulher — sempre com febre,  
O homem — sem ver um tostão...  
Mas, pela dor trabalhados,  
Já sentem na alma vontade  
De fazer a caridade,  
Inda que numa oração...  
E o pobre renasce rico...  
Se nele grita o passado,  
De todos se faz amado,  
Distribui amor e pão.  
A fortuna, deve-a a Deus,  
**ea,**  
E Deus, que é bondade pura,  
Manda o homem na fartura  
Dar ao pobre a sua mão.  
E o mau rico, que vem pobre,  
Vê os sofrimentos seus  
Como injustiça de Deus,  
E não um mal necessário...  
E, vendo a fome no mundo,  
Ele que fôra imprudente,  
Diz agora consciente:  
"Ah, se eu fosse milionário..."

CROMO

Sol na planície florida \_\_\_\_\_  
Vê-se o Cristo; o povo O escuta...  
Fala o Mestre da conduta  
Que devemos ter na vida.  
Chega à praça; há uma disputa.  
Grita o povo na corrida  
Vendo a mulher já ferida:  
"Joguem pedra! É dissoluta!"  
"Atire a pedra (diz Cristo)  
Quem estiver sem pecado!"  
Tumulto. E, após dizer isto  
Fez a mulher caminhar.

O povo olhava calado...  
Cristo seguiu a ensinar.

## BOCAGE



Nasceu Manuel Maria Barbosa Du Bocage em Setúbal, a 17 de setembro de 1766.

Em 1779 ingressou na Academia Real de Marinha e sete anos depois foi designado para servir na Índia, onde ficou por dois anos, apenas. Desertou para Macau e aí sofreu grandes provações.

Voltando em 1790 para Portugal, o notável satírico foi perseguido e preso por ser autor de "papeis críticos, sediciosos e ímpios" (jamais, porém, licenciosos, conforme bem acentuou Olavo Bilac em memorável conferência).

Considerado subversivo, após três meses de reclusão passou Bocage para o cárcere da Inquisição. Nessa época traduz poesias de Lacroix, Castel e, entre outras, "As Metamorfoses", de Ovídio. Traduções que ficaram clássicas.

Deixou vários volumes de poesia e foi, para muitos críticos lusitanos e brasileiros, o maior sonetista da língua.

Bocage morreu quase em penúria, em 1805, em Lisboa; e em 1853 a cidade de Setúbal perpetrou em bronze a memória do mais ilustre de seus filhos.

TDO POETA QUE ANDOU POR ESTE MUNDO. ..

Do Poeta que andou por este mundo  
A dar ao vento as mais formosas rimas,  
Em Portugal, na Índia, em outros climas,  
As vezes grave, às vezes bem jucundo;  
Do Poeta cujo Estro tão fecundo  
Mais feriu do que a ponta das esgrimas,  
E que ficou por suas desestimas  
Desgraçado, faminto e quase imundo,

Ouvi o Espírito que rompe a lage!  
Em frente a mim agora outra paisagem,  
Outros sóis, outros mundos! Já Bocage  
Dos amores, ferino na linguagem  
Não sou! Não mais loucuras nem ultraje!  
Esquecei, pois, a minha velha imagem...  
ESCUta, O ILUDIDA HUMANIDADE...  
Escuta, ó iludida Humanidade  
A voz de quem já viu em outros mundos  
O duro horror dos báratros mais fundos  
Onde se ausenta a luz da Caridade!  
Em densas trevas, monstros da maldade  
Ali ecoam berros oriundos  
De concentrados ódios iracundos  
Que em si guardaram contra a Divindade!  
Não ouvem eles preces que lhes faço;  
Prazer têm em beber o próprio fel;  
Não querem que lhes corte o embaraço!  
Mas, atenta está a Lei no vil revel:  
E das reencarnações presos no laço  
Hão de implorar, um dia, a luz do Céu.  
BARCELONA (auto de íé)  
Biblioteca santa que a realeza  
Do Mundo Espiritual explica e narra,  
Labaredas já solta entre a algazarra  
Que o Inquisidor comanda em vil rudeza!  
Trezentos livros de imortal beleza  
Aprisionados pela dura garra  
De uma feroz instituição bizarra,  
Devoradora da gentil pobreza!  
Que possa o insano mundo ver seu lume!  
Queimai! Bem alto erguei esta fogueira!  
Que atinja o fogo ao mais notável cume!  
Que cresça mais a sanha derradeira!  
Soprai! Que destas cinzas o volume  
Há de abrasar a Humanidade inteira!

# CAMÕES



Luís Vaz de Camões, considerado "o maior é o mais ilustre de todos os poetas portugueses"\* e um dos maiores do mundo, nasceu em Lisboa, em 1524.

Seus primeiros estudos, fê-los em Coimbra, transferindo-se, depois, para a cômte de D. João UI, em Lisboa. Expatriado, seguiu para Ceuta e, em combate com os mouros, perdeu o olho direito. Três anos depois regressa a Lisboa e, ferindo em duelo a um servidor do paço, foi condenado a um ano de prisão. Nessa época redige o primeiro canto de "Os Lusíadas"". De novo em liberdade, embarca para Goa. Logo depois é nomeado provedor-mor de Macau, onde escreve mais seis cantos de seu imortal poema. Voltando para Goa, naufraga na costa de Camboja, mas consegue salvar-se nadando com um braço e erguendo com o outro os originais de "Os Lusíadas".

Em 1572, já em Lisboa, vê publicada a primeira edição de "Os Lusíadas". Oito anos depois (1580) o poeta morreria. Não de fome porque um seu escravo, que trouxera da Índia, saía a a esmolar à noite, sem que Camões soubesse.

Além de grande épico, Camões, espírito versátil, deixou inúmeros sonetos, elegias, sátiras e poesias bucólicas.

OH! MAE IMACULADA QUE NO ESPAÇO

Oh! Mãe imaculada, que no

Espaço Nos fizemos de

Vós fieis escravos!

Mãe, que na Terra todos vís agravos

Vistes ao Filho preso em um abraço,

E que de piedade em um abraço

A Ele recolhestes dos seus cravos

Sem aos crueis impor os desagrvos,

Vós, que na Alma trazíeis o traspasso;

Sois Vós, Maria, Mãe de Jesus Cristo,

Rainha nestes Céus, de luz piedosa,

Que a minha alma chama a olhar os astros!

Se é por Vós o meu chorar benquisto,

Para a Terra, que Vos feriu maldosa  
É que o amor Vos peço assim de rastros!  
ALMA AMIGA QUE A TERRA TE PARTISTE  
Alma amiga que à Terra te partiste  
Em busca do viver tão descontente,  
Que te abençoe Deus eternamente,  
E que te faça leve o fado triste.  
Bem sei que a evolução do ser consiste  
Nas mil reencarnações que o Pai consente,  
E que aos Céus voltarás em luz fulgente,  
Inda maior que quando aqui subiste;  
Mas, se na Terra, um dia, a crua dor  
Envolver-te a formosa e gentil alma,  
Que te não desespere o duro fado;  
Ah! Roga aos Céus com teu imenso amor  
Que bem cedo eu te leve a doce calma,  
Quão cedo ma trouxeste no passado!

## CARMEN CINIRA



Cinira do Carmo Bordiní Cardoso (Carmen Cinira, literária-mente) nasceu a 16 de julho de 1902, no Rio de Janeiro. Ingressou na Escola Normal, mas não concluiu o curso superior. Autodidata, dedicou-se, exclusivamente, às atividades literárias desde muito moça, publicando os seguintes livros: "Crisálida" (1925, prefaciado pelo acadêmico Osório Duque-Estrada, autor da letra do Hino Nacional); "Primeiros Vãos" (1928); "Grinalda de Violetas" (1929) e "Sensibilidade" (livro póstumo, 1934). Em concurso promovido pela famosa revista "O Malho", do Rio de Janeiro, foi eleita "a maior poetisa de sua época".

Algumas poesias de Carmen Cinira são declaradamente espíritas, pois a poetisa entregara-se à Doutrina Espírita nos últimos anos de sua breve existência.

Após sua morte (tinha ela, tão somente, 31 anos de idade) Humberto de Campos, na revista da Academia Brasileira de Letras (novembro de 1933) fez publicar uma belíssima crônica sobre a poetisa. Essa crônica está incluída no livro

"Sombras que Sofrem". Além de Humberto de Campos, outros autores de renome escreveram sobre a poética de Carmen Cinira; Múcio Leão (da Academia), Mário Linhares, Henriqueta Galeno, Raimundo Menezes (presidente da União Brasileira de Escritores), etc.

Carmen Cinira morreu em 30 de agosto de 1933.

#### BENDITA DOR

Bendigo, sim, na Terra o golpe duro  
Que destruiu, na flor inda dos anos  
O meu franzino corpo e o anseio puro:  
Meus sonhos cor de rosa, soberanos...  
Bendigo, sim, o meu cruel apuro  
Quando vi afundar todos meus planos,  
E a saúde! E a glória! E o futuro!  
E eu perdida em meio aos oceanos...  
Bendigo, sim, na Terra os lances rudes  
Que transformaram minhas atitudes  
Em face à Vida e ao próprio Criador...  
Bendigo, sim, a Dor, bela e sublime,  
Pois nada mais, só ela, nos redime  
E leva-nos ao Reino do Senhor!...

#### INFANCIA E CARIDADE

ó vós que já trazeis no coração  
A santa Luz do Cristianismo puro,  
Vede a infância perdida!  
Pelo caminho duro  
Da Vida,  
Em meio à perdição  
Estão jogadas pelas ruas  
Milhares de crianças seminúas  
Pedindo pão!  
ó pobre infância dolorosa e triste!  
Quase ninguém te assiste  
Vendo-te, assim, vagando entre os mil vícios  
De uma sociedade ainda leviana! ó amarguradas almas inocentes,  
O que te aguarda?  
O amor das gentes?  
Um gesto carinhoso?  
Benefícios?  
Não, não! A sociedade é contigo tirana:  
Logo verás a porta dos hospícios,  
Das penitenciárias, hospitais,

E tu, que nunca um amoroso ninho  
Tiveste, aí, sem um carinho,  
Inda na flor dos anos morrerás...  
Mas vós que já mostrais no  
Espírito uma luz,  
Lembraí-vos da passagem de Jesus  
Quando abraçou os pequeninos!  
Em vossas andanças,  
Recolhei estas crianças,  
Estes pobres meninos  
Que andam pelas ruas, ao léu,  
E dai-lhes a ternura, amor, educação!  
Explicai-lhes que há entre a terra e o  
Céu Exército de Espíritos Mentores  
Aliviando as infinitas dores  
De toda a Humanidade!  
Ensinai-lhes, com amor, boas ações.  
Irmão, enfim, em cada um desses corações  
Ponde a Luz fulgurante da Verdade!  
Ergamos a bandeira em pról da Caridade!

#### MENSAGEM CONFIDENCIAL

Alma inquieta e sofredora, escuta  
Minhas palavras temas e sinceras:  
Eu sei, filha, que é grande a tua luta  
E que do mundo já bem pouco esperas...  
Mas muda hoje, enfim, tua conduta  
Em meio à treva em que te desesperas!  
Basta de choro, filha! E, resoluta  
Contempla o céu, a multidão de Esferas!  
Olha! Como cintilam estes astros!  
Comigo vem... Não fiques mais de rastros  
E oremos, minha filha, assim, de pé!  
Mas abre a tua alma na oração,  
Que Deus vai te acender, no coração,  
De novo a paz, a esperança, a fé!

#### A LAGRIMA

Vede a chuva caindo com carinho  
Sobre o vosso jardim um tanto agreste...  
Cai, cai, gôta celeste,  
Trabalha o coração da terra dura,  
Devagarinho,

Para que dele nasçam com fartura  
Os mais lindos botões de perfumadas rosas...  
Rubras rosas brotadas entre espinhos!  
Gotas maravilhosas,  
A lágrima, também,  
Ao regar nossos áridos caminhos  
Produz um grande bem!  
Se a vossa lágrima for pura  
(Se nela não puserdes gotas de ódio...)  
Belíssimo episódio  
Haveis de ver, pois pouco a pouco as vossas dores  
Hão de se transformar em delicadas flores  
De eterna formosura!  
As rosas têm espinho, ah! estas flores, não.  
Bendito quem possui as flores da Virtude.  
Somente elas nos dão  
A paz ao coração e a eterna juventude!...

£ POR AMOR

£ por amor que Deus semeia no infinito  
Planetas aos bilhões de variada cor,  
E neles faz nascer, em seu sólo bonito  
O Homem, a Mulher, os animais, a flor...  
£ por amor que Deus permite que o conflito  
Envolva os filhos seus numa capa de dor:  
A Dor sensibiliza as almas em delito  
E leva-as, finalmente, ao mais sublime amor!  
£ por amor que Deus aos homens de ciência  
Permite hoje observar da Alma a sobrevivência,  
O psiquismo do Ser, seus mistérios profundos,  
Que hão de transformar a nossa escura Terra  
— Um planeta de prova, expiações, de guerra.  
Em planeta de luz na feira dos mundos!

# CASIMIRO DE ABREU



Casimiro José Marques de Abreu nasceu em Barra de São João (Estado do Rio) a 4 de janeiro de 1837. Desde menino demonstrou forte talento para o desenho, mas o pai, comerciante, queria em sua profissão — e o enviou para o Portugal. Casimiro tinha, então, 16 anos de idade. Quatro anos depois (1857) regressou ao Brasil e, com a vocação truncada, ingressou no comércio do Rio de Janeiro. Mas, as poesias já se acumulavam em sua gaveta. E, em 1859 aparecem em um livro — “As Primaveras”, que “pela suavidade, espontaneidade, clareza e simplicidade de seu estilo, bem como pela ingenuidade de seu lirismo, tão de acordo com a alma nacional”, tomou-se a obra poética mais editada em nosso país.

Sobre Casimiro de Abreu, escreveu Edgard Cavalheiro:

“Os quadros da infância, as recordações da meninice, os esboços românticos da primeira adolescência, tudo isso foi sempre para Casimiro fiel e inesgotável fonte de inspirações. Tomou-se, assim, um espelho da alma sentimental e derramada da nossa gente”.

O cantor das “Primaveras” morreu no dia 18 de outubro de 1860 — aos 23 anos de idade, recusando os sacramentos, pois, como ele próprio afirmara, “tinha a consciência limpa”.

## LIRA DA INFANCIA

Oh! Que saudades que sinto  
Quando me vêm à lembrança,  
Os bons tempos de criança  
Em que na Terra passei!  
A vida corria fácil  
No meio dos meus brinquedos,  
Naqueles doces folguedos,  
Quando fui pequeno rei!  
Oh! Que saudades intensas  
Desses anos de harmonia,  
Quando da vida sorria

Tendo Deus de mim tão perto!  
Na minha meiga inocência,  
Era menino risonho  
Vivendo dentro de um sonho,  
Como um pássaro liberto!  
Então, corria nos campos  
Debaixo de um céu de anil  
— Lá nos vergeis do Brasil!  
— Entre montanhas azuis...  
Ouvia o canto dos pássaros  
Nas doces tardes formosas,  
Sentia o aroma das rosas  
Nos dias feitos de luz!  
Dos riachos cristalinos  
Deitava perto do leito,  
De emoção me arfava o peito,  
Pescando peixes com a mão!  
E ria, despreocupado,  
Naquelas tardes fagueiras,  
Embaixo das cachoeiras,  
Perdidas lá no sertão...  
Oh! Bela quadra da infância  
Que não me deu dissabores,  
Minha vida — dois amores,  
Que inda guardo na memória;  
Minha irmã, anjo celeste,  
Dava-me beijos no rosto,  
E, ao fim do dia, o sol posto,  
Mamãe contava-me história!  
E com meus singelos versos  
Inspirados na saudade,  
Daqui, da Imortalidade,  
Deixo um problema aos ateus:  
Se novamente cantei  
No estilo das "Primaveras", (6)  
Não está minh'alma, deveras,  
Viva no Reino de Deus?!

Oh! Está! E vibra! E canta!  
E ama! Toda minh'alma suspira!

<sup>6</sup> (1) "Primaveras", obra-prima escrita por Casimiro de Abreu, encarnado.

E agora as cordas da lira  
Tangem alto ao peito meu,  
E muna ingênua alegria«  
Exclamo, quase num grito,  
Com permissão do Infinito:  
— Sou Casimiro de Abreu!  
O IMORTAL SEGRÊDO  
Formosa virgem de cabelos louros,  
Sonha deitada num caixão estreito...  
Ao seu redor os lírios orvalhados,  
E a cruz de Cristo sobre o casto peito.  
Que níveo rosto de eternal beleza!  
Que traços finos de linhagem pura...  
Ao vê-la assim no seu caixão dourado,  
Alguém diria ser uma escultura...  
ó virgem loura de beleza tanta,  
Por quem teu peito soluçava outrora,  
Quando saías a colher as flores,  
De manhãzinha, desde o albor da aurora?  
Quando quedavas a fitar o lago,  
Que a brisa beija ao se findar os dias,  
Por quem, donzela, suspiravas tanto?  
Por que tristonha em solidão sofrias?...  
E às tardinhas, quando o sol desmaia,  
Tingindo o céu de deslumbrantes cores,  
Por que choravas ao ouvir das aves,  
O canto baixo soluçando amores?  
Sentada à beira de gentil regato,  
Que as flores leva na voraz corrente,  
Por que teus olhos de azulado tom  
Denunciavam a tua alma ausente?  
Quando ficavas contemplando à tarde  
As brancas nuvens a vagar ao léu,  
Esses teus olhos de criança pura,  
Quem procuravam pelo azul do céu?  
A quem amavas com tamanho ardor?  
Por que da morte não tiveste medo?  
Parentes falam com a voz chorosa,  
Que ninguém sabe o virginal segredo..  
Ai! Vão fechar o teu caixão dourado, ó virgem pura de beleza nobre!  
Parentes choram, mas no rosto frio

Há um sorriso que teu véu encobre!  
E a noite desce no sepulcro triste,  
Onde se ergue uma singela cruz...  
As horas passam, e na noite escura,  
Alguém caminha resplendendo luz...  
Oh! Que mistério nessa noite estranha!  
Batem na campa por um breve instante.  
E a virgem surge vaporosa e bela,  
E abraça e beija o seu risonho amante!  
E os dois caminham segredando juras,  
De braços dados por entre o arvoredado...

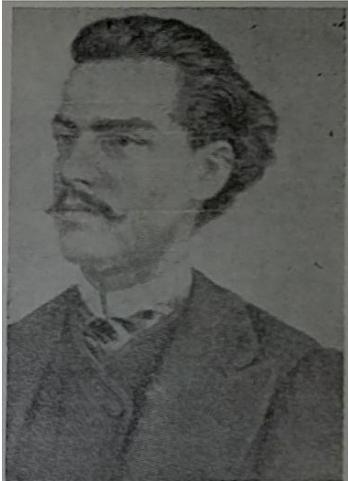
— Sejam felizes na Imortalidade!  
Guardo comigo o imortal segredo!

### VIAJANDO PELAS ESTRELAS

Deixei o corpo na Terra,  
Sou Espírito liberto...  
E, estando de Deus tão perto,  
Banha-me todo uma luz!  
E cheia de vibração  
Minh'alma é brisa suave,  
Tranquila, feliz como a ave  
Quando corta os céus azuis!  
Sem o meu corpo de carne,  
A vista d'alma se amplia...  
A noite parece dia,  
O dia, eterna alvorada!  
E leve como uma pluma  
Volito no firmamento,  
Trepo nas costas do vento,  
Como num conto de fada!  
Vejo num manto azulado  
A Terra suspensa no espaço,  
E a lua — bola de aço!  
Girando sem alcançá-la...  
E eu, que brinco inocente,  
Neste Cosmo soberano,  
De Sírius pulo prá Urano,  
Abraço estrelas de opala!  
Sem o meu corpo de carne,  
Não fico mais taciturno,  
Furo os anéis de Saturno,

Dou voltas em tomo à Marte!  
Corro atrás dos meteoros,  
Brinco de estrela cadente,  
No meio do céu fulgente,  
Deixo desenhos de arte!  
São os poderes do Espírito!  
Minh'alma não tem limite,  
E, embora longe eu habite,  
Tudo está de mim bem perto:  
Galáxias espiraladas,  
Velocíssimos cometas,  
Os mais distantes planetas,  
Ou mesmo um grão do deserto!  
Oh! Estes mundos têm alma,  
Branco, vermelho, azul,  
Eternos globos de luz,  
Gigantescos ou pigmeus...  
Têm alma, sim, que lhes ouço,  
Na órbita vertiginosa,  
A sua voz luminosa,  
Cantando a glória de Deus!  
Sem o meu corpo de carne,  
Minh'alma respira luz,  
E guiada por Jesus  
Mergulha nas amplidões...  
E, assim, de estrela em estrela,  
O seu trabalho consiste,  
Em levar ao que está triste  
Alegres consolações!  
E eu sozinho medito...  
Não quero voltar à Terra,  
Triste planeta de guerra,  
Cheio de dor e aflição!  
Mas, se Jesus ordenar,  
Se for da vontade de Deus,  
Apago os desejos meus,  
E entrego meu coração!

# CASTRO ALVES



Antonio de Castro Alves nasceu na Bahia, na fazenda Cabeceiras, próxima da Vila de Curral (hoje cidade Castro Alves) no ano de 1847. Aos 16 anos de idade seguiu para Recife, a fim de estudar Direito e onde ficou até 1867, vindo para São Paulo com o intuito de concluir o curso na Faculdade do Largo de São Francisco. Não o concluiu, porém, devido à tuberculose.

Criador no Brasil da escola "Condoreira", o vigoroso autor de "Navio Negreiro" fez, inclusive, poesia social, tomando-se um dos líderes do movimento abolicionista.

"Que existe de mais belo ou de mais perfeito na poesia brasileira que "As Vozes d'Africa"? Não há nada em nossa poesia que supere & esse poema em comoção, eloquência, proporção, medida, propriedade, limpidez. É um milagre excepcional de visão, intuição, e realização artística. Porque Castro Alves foi (escreveu o crítico Homero Pires) no Brasil um milagre da poesia. Ele é a poesia mesma, ou antes, é a própria alma brasileira transformada e diluída em canto".

O autor de "Espumas Flutuantes" morreu em 1871, aos 24 anos de idade.

## O ÉLO PERDIDO

Era a promessa do Cristo  
Que iria cumprir-se à Terra,  
Apesar do horror da guerra,  
Primeiro em solo francês;  
Enquanto os Céus se moviam,  
Montesquieu, Robespierre,  
Jacques Rosseau, D'Alembert,  
Incitavam morte aos reis!  
Em seguida, Bonaparte,  
Na Espanha, Portugal, Prússia,  
Alemanha, Itália, Rússia,  
A explodir os seus canhões!

Fizera-se ditador:  
Ao invés de "Fraternidade, Liberdade e Igualdade",  
Impunha ódio e aflições!  
E o pensamento parara!  
Impotente em face à Morte,  
Não via a Ciência um norte,  
Além da matéria impura...  
Religião era um sonho!  
E a pobre Filosofia,  
Nas trevas se debatia,  
Sem escapar da clausura!  
E a Humanidade gemia...  
Mas sobre o mundo trevoso.  
Descera gênio bondoso  
Enviado por Jesus!  
Morrera Napoleão...  
E Kardec, à meia idade,  
Com o Espírito da Verdade,  
Das trevas arranca a Luz!  
E os Mensageiros do Cristo  
A Kardec vinculados,  
Gritavam de todos lados;  
"Somos o élo perdido!"  
Vasto horizonte se abraça,  
Com Kardec, homem profundo,  
Ao mostrar um Novo Mundo,  
Apenas antes sentido!  
Velhas leis e velhos dogmas  
Enterraram-se no abismo...  
Ganha o mundo o Espiritismo,  
A mais Sublime Verdade!  
Descoberto o "Élo Perdido",  
A Fé uniu-se à Razão!  
Ciência à Religião!  
E o Homem à Divindade!  
Era a própria voz do Cristo  
De novo acordando a Terra!  
Não mais opressão e guerra,  
Discórdias e nem rancor!  
Minha Doutrina ó bem clara:  
Perdoa ao teu inimigo!

Recolhe o triste mendigo!  
Espalha bondade e amor!  
Avante, Espírita, avante!  
E como Kardec, grita,  
Que esta Doutrina Bendita,  
É Luz, é Renovação!  
E, onde quer que estiveres  
Proclama a grande verdade,  
Que FORA DA CARIDADE NAO PODE HAVER SALVAÇÃO!  
A DOCTRINA E O UMBRAL  
Dizei-me, senhores cultos,  
Se a Verdade — Luz divina!  
Não vence a espada do Tempo  
Que lampeja peregrina!  
Se o Evangelho de Jesus,  
Com o tempo perdeu a luz,  
Não arranca mais da cruz  
Uma pobre Messalina!...  
Dizei-me, senhores cultos,  
Si é a Verdade eterna...  
Se rouba o Tempo o valor  
À doce prece materna...  
Não! — Jamais morre a Verdade!  
Não pode com ela a Idade,  
Nem mesmo a forte vaidade,  
Que veste a mente moderna!  
A Verdade é o próprio Deus...  
Vem do Alto — além dos ares!  
Além do Tempo e do Espaço  
Que vos prendem, milenares...  
E Deus, que habita o Infinito,  
Se quiser enterra o Egito!  
Quebra os astros de granito!  
Se quiser enxuga os mares!  
A Verdade é o próprio Deus!  
E Cristo — seu Emissário,  
Por isso a luz do Evangelho  
Sobreviveu ao Calvário!  
No entanto, seres adultos,  
Criando fortes tumultos,  
Proclamam que são incultos

Os que crêm no Missionário!  
Que os tempos hoje são outros...  
E o Evangelho — um folheto,  
Peça arcaica de museu,  
Como qualquer esqueleto...  
E que de Kardec a obra,  
A Verdade não desdobra!  
É preciso outra manobra,  
Que o gigante é obsoleto!  
E esses senhores adultos  
Pedem outras realidades!  
Já lhes deram fantasias  
Que eles juram — "São verdades!"  
Falou-lhes o negro Umbral (7)  
Com sorriso cordial:  
"Somos *Platão e Pascal...*  
Anotai as novidades..."  
Não rompe o Tempo a Verdade  
Como rompe o frágil vime!  
Mas procura o negro Umbral  
Cometer o hediondo crime!  
E vós, homens adultos,  
Procedentes de outros cultos,  
Aceitais esses insultos  
Contra Jesus — o Sublime!  
Cuidado quando falais  
Do Evangelho de Jesus,  
— Revoada de astros no Céu,  
Na Terra golpes de luz!  
Não toqueis nas suas Leis,  
Cuidado, plebeus ou reis,  
Pois vós julgados sereis,  
— Vós e as almas de capuz!  
Mas se a hipnose do Umbral,  
Fez dormir os corações,  
Acordai-os, tempestades!  
Descei do céu, furacões!  
Soprai em todos lugares! ó raios!  
Cortai os ares!

<sup>7</sup> (1) "Umbral", região inferior do mundo espiritual.

Que os ventos sacudam mares!  
Erguei a lava, vulcões!  
Espíritas, companheiros,  
De luminoso Ideal!  
Protegei Cristo e Kardec  
Contra os ataques do Mal!  
Suas obras — são modelos!  
Livrai-as dos escalpelos! ó  
Céus, ouvi meus apelos!  
—            Fechai as portas do Umbral!...

#### PIEIDADE

Vai vagando pelo espaço,  
Embuçado pela noite,  
Sombrio planeta escuro,  
Qual levado pelo açoite...  
Na órbita deste astro  
Vai ficando denso rastro  
De terrível vibração:  
São gemidos, ódios, gritos,  
De pobres seres aflitos,  
Que não conhecem perdão!  
Senhor Deus dos desgraçados,  
Olhai este pobre mundo,  
Que grita pelo universo,  
Em sofrimento profundo!  
Nele vivem moços, velhos,  
Que não lêem os Evangelhos,  
Nem se recordam de Vós!  
E, numa contínua guerra,  
Fizeram da pobre Terra,  
Sombrio mundo feroz!  
Piedade, piedade,  
Senhor Deus dos desgraçados!  
Estes seres infelizes  
Não são filhos deserdados!  
Derramai a Vossa Luz  
Por sobre a cármica cruz,  
Que carregam estes réus!  
E apiedai-vos, Senhor,  
Ouvindo os gritos de dor,  
Que se espalham pelos Céus!

Piedade com o leproso,  
Que geme num hospital,  
As chagas lembrando rosas  
Brotadas num lodaçal!  
Contemplai, Senhor, o cego,  
Que só vendo o próprio ego,  
Vive a noite dos temores!  
Se não Vos conhece, grita,  
Tem a vida por maldita!  
Ouvi, Senhor, seus clamores!  
Piedade, piedade,  
Senhor Deus dos desgraçados!  
Estes seres infelizes,  
Não são filhos deserdados!  
Olhai, Senhor, os hospícios,  
Onde as almas com seus vícios  
Sofrem torturas atrozes!  
Sentem na matéria, aos berros,  
As pontas de crueis ferros,  
De Espíritos, seus algozes!  
Derramai o Vosso olhar  
Na infância tuberculosa:  
Não canta, não ri, não brinca,  
Pálido botão de rosa!  
Vêde, Senhor, a voragem  
Do cruel fogo selvagem:  
Como queima a carne viva!  
Ouvi os fundos gemidos,  
São filhos quase falidos,  
Nesta prova decisiva!  
Piedade, piedade,  
Senhor Deus dos desgraçados!  
Estes seres infelizes,  
Não são filhos deserdados!  
Ninguém foge à Vossa Lei,  
Nem o pobre nem o rei:  
Faça-se, pois, disciplina!  
Mas, além desta verdade  
Está a Vossa piedade...  
Ensina a Santa Doutrina!  
A Dor é forte alavanca,

Que suspende o Ser impuro,  
E joga-o, já depurado,  
Para as telas do futuro!  
Mas, Senhor, estes lamentos,  
Mais tristes que a voz dos ventos,  
São de alguém que sofre só.  
E o que grita no calvário,  
É um filho ainda precário,  
Que não lembra o estóico Job!  
Piedade, piedade,  
Senhor Deus dos desgraçados!  
Estes seres infelizes,  
Não são filhos deserdados!  
Rompa-se o peito num grito,  
Mas que a voz chegue ao Infinito,  
E que a ouça o Criador!  
E que baixe a piedade,  
Por sobre toda a orfandade,  
Deste planeta de dor!  
NA ÉRA ESPACIAL  
O foguete está de pé!  
Solta imenso fogaréu...  
Rompem-se as fortes correntes...  
Ouve-se palma, escarcéu!  
E o gigante dá o passo...  
Sobe, avança pelo Espaço,  
Tal qual metálico braço,  
Buscando a lua no céu!  
E o mundo inteiro aplaudiu,  
Com uma grande excitação,  
O Ser Humano na lua,  
— Águia a farejar-lhe o chão!  
Mas quem celebra essa glória, ó homens que fazem a História?  
A miséria transitória,  
Nos vales da podridão!  
Os milhões de analfabetos,  
No continente africano,  
De arco, flexa e tacape,  
Cobrindo as chagas com um pano!  
Os da Ásia, os do Oriente,  
Onde a fome é uma serpente

Coleando, quase rente,  
Ao trono do Soberano!...  
Milhões de seres sofridos!  
As vitimas do Direito!  
Os sedentos e famintos,  
Muitos deles sem ter leito!  
Aplauda a pobreza à rua,  
A tuberculose núa,  
Olhando da praça a lua,  
Trazendo um filho no peito!  
Que representa essa glória,  
Homérica e singular,  
Se a base é o fétido lôdo  
Da miséria milenar?  
Aplauda o povo de rastros!  
E vós a fitar os astros,  
Como um cego em altos mastros,  
De um navio preste a afundar!...  
E logo recebereis,  
De outros mundos siderais,  
Notáveis naves redondas,  
Cortando céus abismais!  
E nesses dias marcados,  
Ficareis envergonhados!  
Onde estão os bons punhados  
De divinas Leis Morais?!Mas, de Deus a visão cósmica,  
Que vai além do infinito,  
Previu vossa indiferença!  
E ouviu da miséria o grito!  
E cheio de Caridade,  
Vai implantar na Humanidade,  
As Leis Santas da Verdade,  
Contra o ódio! O Dogma! O Mito!  
Avante, Espírita, avante,  
Que vós sois o sal da Terral  
Espalhemos da Doutrina,  
Os tesouros que ela encerra!  
Na América, na Índia, Espanha,  
Portugal, França, Alemanha,  
Promovei uma campanha,

Inclusive na Inglaterra!  
Mudemos a Sociedade!  
Abaixo o Materialismo!  
Que penetre em cada lar  
O farol do Espiritismo!  
Abaixo a paixão, a guerra!  
O vil orgulho que emperra!  
Iluminemos a Terra!  
Coragem! Ação! Realismo!  
Oh! Não fiquemos olhando  
O facho de luz na mão,  
Como na montanha o índio  
Contempla o sol na amplidão...  
A Terra está num abismo!  
É a Treva! O cataclismo!  
Só a salva o Espiritismo,  
Doutrina à luz da Razão!/  
A CRIAÇÃO DIVINA

I

E disse Deus no Infinito:  
" — Que se faça o firmamento!..."  
E o Pai condensou aos poucos  
O Seu próprio pensamento. . \*.  
E a Santa Sabedoria  
Deu início à sinfonia!  
Fez o Espaço e a Energia,  
A Matéria e o Movimento!

II

E disse Deus, satisfeito:  
" — Que nos espaços profundos  
Surjam infinitos mundos!"  
E os contínuos turbilhões,  
A explodir no Espaço infindo  
Geraram astros fulgentes  
De côres surpreendentes,  
Galáxias! Constelações!

III

Estava feito o Universo  
— Condensação da Vontade!  
Infinito, eterno e puro,

Como o é a Divindade!  
E nele estava presente  
O Princípio Inteligente,  
— E a Vida, em fase latente,  
Esperava atividade!

IV

E êsse Princípio ativo,  
Com o fluído Universal,  
Gera o simples vegetal!  
— E a Vida acorda nos mundos!  
E diz Deus onipresente  
Ao Princípio na matéria:  
" — Evoluir! És bactéria  
No charco e mares profundos!"

V

E o sêr unicelular,  
Desenvolve seu psiquismo;  
Multiplica suas células,  
Fragmenta-se — transformismo!  
E nos ambientes vários,  
Já não são protozoários,  
São ativos operários  
Com diferente organismo!

VI

E o Princípio Inteligente  
Com a Lei da Reencarnação,  
Vai sofrendo mutação  
Nos vários corpos que agita!  
Cresce nas águas, no sólo,  
Evolúí nos campos, erra;  
É animal feroz na guerra,  
Sofre, geme, chora e grita!

VII

E chega o grande momento...  
Vai espantar-se a Criação!  
Deus proclama em muitos mundos:  
"— Agora a humanização!"  
E a Santa Lei Paterna,  
Que ao Universo governa,  
Gera o Homem da Caverna,  
— Ilumina-se a Razão!

## VIII

Humanidades se espalham  
Nos mundos já de granito,  
Marcha o Homem pro Infinito,  
Como quer o Criador!  
Desenvolve o raciocínio,  
Adquire conhecimento,  
Vence a treva, o ráio, o vento,  
A neve, o mar, o calor!

## IX

Mas, a criação não pára...  
Vão nascer os novos mundos!  
Rubros sóis geram planêtas,  
Pequenos, grandes, rotundos!  
E a Terra — que é um estilhaço!  
Surge e dança pelo Espaço,  
Já trazendo no regaço,  
Da Vida os germes fecundos!

## X

E com a Lei da Evolução,  
Ganha o Globo o Sêr Humano!  
Desde logo é soberano,  
Na planície, rios, serra...  
Vai passando o fio do Tempo...  
E o Homem, já milenar,  
Inda é bruto — e a guerrear,  
Lava em sangue tôda a Terra!

## XI

Povo escravo não tem pausa  
No trabalho à luz do archote;  
E monumentos, impérios,  
São erguidos com o chicote!  
Cresce a Cultura imortal,  
Mas pouco avança a Moral,  
— E da Lei, o pedestal  
É a força, a cruz, o garrote!

## XII

Mas diz Deus onisciente  
A um de Seus Assessôres:  
" — Ouço da Terra os clamores!  
Geme meu povo na cruz!

Desce, Cristo, ao escuro mundo,  
E prega a Fraternidade,  
A Verdade e a Caridade!  
E inunda a Terra de luz!"

#### XIII

E a Luz espancou as trevas  
Para que o Homem não peque;  
Depois, reencarna Kardec!  
— E o Globo vê nova luz!  
E o gigante com a Ciência  
Descobre e analisa o Espírito,  
Interpreta o perispírito,  
— E complementa Jesus!

#### XIV

Todas Leis então ocultas  
São dadas à Humanidade!  
Dissolvem-se antigos dogmas  
À luz da Mediunidade!  
E o Homem, que vivia aflito,  
Na matéria circunscrito,  
Hoje fala com o Infinito,  
Tem na mão toda a Verdade!

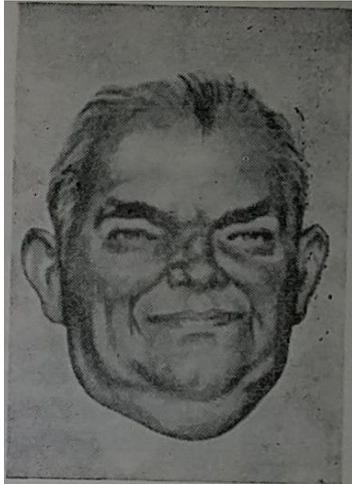
#### XV

O Universo é pensamento  
Condensado — é vibração!  
Mas o Espírito já puro,  
Foge à humana concepção!  
Vê o átomo e a energia!  
De Deus — a Sabedoria!  
O Amor que Ele irradia!  
— E tem do Pai a visão!

#### XVI

Por isso, ó homens da Terra,  
Piedade com os ateus,  
Como teve Jesus Cristo  
Com os antigos fariseus!  
Sêde bons, tende Humildade,  
Praticai a Caridade!  
E aqui, na Imortalidade,  
Vereis a face de Deus!

# CORNÉLIO PIRES



Nasceu em Tietê (Estado de São Paulo) a 13 de julho de 1884. Foi aprendiz de tipógrafo no jornal "O Tietê", único da cidade. Aos 15 anos de idade foi trabalhar como caixeiro numa loja. Em 1910 transferiu-se para a capital paulista, indo residir na casa de uma sua tia, viúva do escritor Júlio Ribeiro e prima do poeta Amadeu Amaral. E trabalhou como repórter no "O Comércio de São Paulo", de que era redator-chefe Afonso Arinos. Nessa época tornou-se amigo da rapaziada do "Cenáculo": Monteiro Lobato, Godofredo Rangel e outros. Mudou-se para Santos e trabalhou na redação de "A Cidade de Santos". Redigiu em São Manuel o jornal político "O Movimento". Logo depois voltou à sua cidade natal e publicou no jornal "O Tietê" (onde fora aprendiz de tipógrafo...) a primeira composição sua em linguajar caipira. E enviou composições para "O Malho", do Rio, que as divulgou com grande destaque. E lançou o livro "Musa Caipira", que abriu caminho para os outros: "Conversa ao pé do fogo"; "Tragédia Cabocla"; "Meu Samburá"; "Onde estás, ó Morte"; "Coisas do Outro Mundo"; etc., todos com enorme aceitação por parte do público. Chegou a publicar, 25 livros.

Cornélio Pires, o admirável humorista, foi em vida declaradamente espírita. Morreu em 17 de fevereiro de 1958 no Hospital das Clínicas. Seu corpo foi trasladado para Tietê.

ZÉ TINOCO

Era visto nas ruas embriagado,  
De noite ou mesmo em plena luz do dia,  
O Zé Tinoco, filho da Maria,  
Pretinho magro e todo esfarrapado...  
Um dia apareceu o velho Guia  
E disse ao moço de olho arregalado:  
"Vou libertar você desse pecado...  
E quero ver a sua valentia!  
Conheceu o Adão, morto em Itapeva?"

A alma desse vampiro é que o leva  
Todo dia ao boteco do Tadeu!  
E ali vocês dois, bêbados, no embalo  
Enfiam duas bôcas no gargalo!"  
— E Zé Tinoco nuiica mais bebeu...

#### O LIDER

Era lider Viana Souza Pinto  
Na velha região Sorocabana.  
Mestre de uma oratória sobrehumana,  
Ganhava palmas em qualquer recinto!  
Mas não desprezava o vinho tinto  
Ao lado dos piteis à parmegiana,  
No amplo restaurante "Nhá Toscana",  
Onde comia até soltar o cinto...  
Um dia, após comer quilos de lula,  
Falou com largos gestos sobre a gula,  
Lembrando, às vezes, Jesus Cristo no horto...  
O povo carregou-o da tribuna!  
Mas quando o encostaram na coluna,  
Viana Souza Pinto estava morto...

#### ZÉ PAVAO

Morreu Zé Pavão, médium obsedado.  
Seu duro obsessor sempre lhe dizia:  
"Allan Kardec está já superado...  
E ler o Evangelho, isso é mania!  
Você, Pavão, nasceu iluminado \_  
E eu sou sábio hindu, seu grande guia;  
Apontemos ao mundo o que é errado...  
Abaixo, meu Pavão, a velharia!"  
E Zé Pavão jogou Kardec fóra.  
E assim foi indo até que veio a horal  
Um dia, quando estava em alta escada,  
O obsessor, em verdade, um botocudo,  
Aplicou-lhe, feroz, um bom cascudo,  
E Zé Pavão morreu de cabeçada!

#### COBRADOR ATÉ NO ALÉM

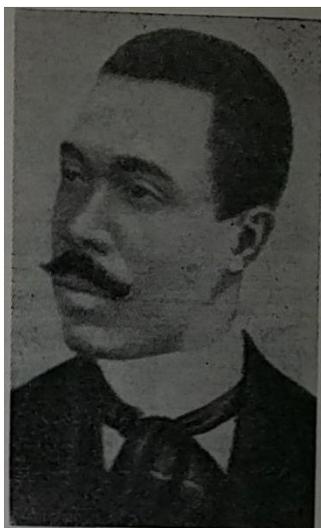
O Jacó Absalao, judeu de Havana,  
Tinha dinheiro grosso a juro alto.  
Um dia, eis que sofreu um duro assalto,  
E então rompeu-se a caixa craniana...  
Sua alma teve um forte sobressalto!

"E os que me devem? Ah, ninguém me engana...  
São mais de cem milhões! Eu quero a grana!"  
E saiu do caixão quase num salto.  
E o enterro chegou ao cemitério;  
Discursaram credores...  
Foi mistério Tanto elogio para um morto só...  
E Absalão, vendo aquele vil cinismo,  
Berrou: "O que morreu foi o organismo!  
Estou aqui! E a grana do Jacó?!"

#### CONVERSÃO FORÇADA

José Floriano Cármino da Cruz,  
Lider materialista da cidade,  
Ridicularizava a Eternidade,  
Rindo de Allan Kardec e de Jesus.  
Não tinha medo! Os olhos muito azuis  
Faiscavam ao negar a Divindade;  
E dizia: "Quereis a realidade?  
Contemplai um bom prato de cuscuz!"  
Um dia, à noite, após o acesso de asma,  
Eis que surpreendeu grande fantasma  
A lhe puxar cobertas, travesseiro...  
"Meu Deus! Que será isso?" — e saiu nú,  
Correndo pelas ruas de Iguassú!  
Hoje preside um Centro no Salgueiro...

## CRUZ E SOUZA



João da Cruz e Sousa nasceu em 24 de novembro de 1861 no Destêrro (atual Florianópolis), Estado de Santa Catarina.

Filho de africanos, foi escravo pertencente ao marechal Gui, Iherme Xavier de Sousa, que lhe deu o nome e o educou com grande carinho. Cruz e Sousa aprendeu a ler com dna. Clarinda, esposa do marechal, e revelando inteligência precoce (aos oito anos de idade escrevia versos!) foi educado no Ateneu Provincial Catarinense, onde teve grandes mestres, inclusive o sábio alemão Fritz Muller, colaborador de Haeckel e Darwin. Mais tarde, Cruz e Sousa tomar-se-ia professor no Ateneu.

Transferindo-se em 1890 para o Rio de Janeiro trabalhou e colaborou em vários jornais, como "Folha Popular", "Novidades", "Cidade do Rio", etc.

Na obra poética de Cruz e Sousa destacam-se "Broqueis" e "Missal", aparecidos em 1893, hoje dois clássicos.

Principal figura do Simbolismo brasileiro, de Cruz e Sousa disse o célebre intelectual Cálderon: "é comparável a Baudelaire, sem que o mundo saiba, porque escrevia em português".

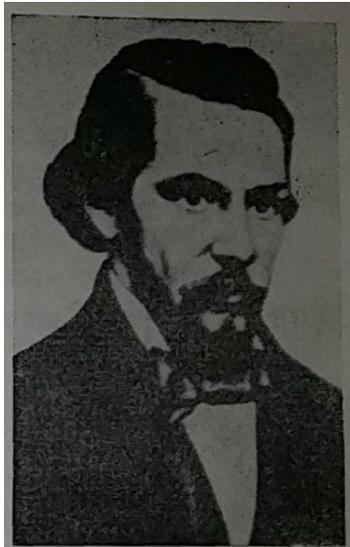
Cruz e Sousa desencarnou em 19 de março de 1898, contando somente 37 anos de idade.

#### PEQUENO CRISTO

Estás inerte, agônico, sombrio,  
Num quarto de porão estreito e imundo,  
Tu que és enorme exemplo para o mundo,  
Pequeno Cristo já de olhar vasio...  
Desesperadamente só! E frio...  
E ninguém, ninguém, pobre moribundo,  
Recorda-te a piedade e o amor profundo  
Que em ti mostraram a amplidão de um rio!  
Mas Deus te assiste em tua dor, que é santa,  
E embora ela te queime o corpo, canta  
Na tua longa e amargurada esperal...  
E, rindo vem às regiões suaves  
Onde as almas, já puras, como as aves  
Volitam numa eterna primavera!  
CAUTELA, CONSCIÊNCIA  
É aparente a tua independência  
Na Criação divina e magestosa;  
Dela é a vibração tão poderosa,  
Que a tudo estás ligada, ó Consciência!  
Não sabes, mas tu causas influência  
No átomo de luz da nebulosa!  
E a vibração te chega de uma rosa,  
Que tão distante esparze a amena essência...  
Toda vibração corre o infinito;  
Por isso, Consciência, o amor bendito

Emite sem parar nos atos teus!  
Cautela, ó Consciência... Vibra o Bem,  
Pois tua vibração, ferindo alguém,  
Pode ferir o coração de Deus!

## GONÇALVES DIAS



Antonio Gonçalves Dias nasceu no Sítio da Boa Vista, em Caxias, no Estado do Maranhão, a 10 de agosto de 1823.

Aos quinze anos de idade seguiu para Portugal e fez o curso de Direito na Universidade de Coimbra. E voltou para o Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro onde lançou os "Primeiros Cantos"\*, obra que o transformou logo no maior poeta nacional.

Em 1851 o Governo Imperial enviou-o a Europa, a fim de coligir documentos históricos relativos ao Brasil. Nessa época ó que começa a escrever "Os Timbiras", poema épico que inaugura, entre nós, a Escola Indianista.

Sua produção poética foi vasta, tendo escrito, inclusive, um "Dicionário da Língua Tupi", recentemente reeditado.

Doente, voltou Gonçalves Dias a Europa; mas, sem recursos econômicos e com a saúde cada vez pior, retomou ao Brasil em um velho cargueiro, que naufragou à vista da costa do Maranhão. Salvaram-se os doze tripulantes, mas o único passageiro, que era o poeta, morreu.

Gonçalves Dias morreu no dia 3 de novembro de 1864, aae quarenta e um anos de idade.

### CANÇÃO DO REGRESSO

—

Enfim, eis-me aqui de novo,  
Contemplando o céu de anil;  
Se meus olhos vertem lágrimas,

É de saudades, Brasil!  
Já cantei as tuas matas,  
Do Amazonas ao Pará,  
E teus índios — pobres índios!  
Hoje mortos, quase já!  
Já cantei os grandes rios,  
Os teus campos, só de flores,  
No meu peito inda cantam,  
Inda cantam teus amores!  
Já cantei tuas montanhas,  
Os teus mares — verdes mares!  
O nascer da lua cheia,  
Sem igual lá nos Palmares!  
E no meu cismar, sòzinho,  
Peço a Deus renasça eu cá,  
Pra ouvir mais uma vez,  
O bater do maracá, <sup>(8)</sup>  
E abraçar estas paisagens,  
Onde canta o sabiá!

#### CANÇÃO DA MORTE

Mas ouço rumores nas matas distantes,  
E o vento que sopra não faz semelhantes Ruídos nas copas dos galhos gigantes!  
E eu, cauteloso, por trás do espinheiro, Surpreso, revejo, num índio altaneiro O  
antigo Piá, hoje velho guerreiro...  
Não vejo o Piá de passados risonhos!  
Seus olhos fogosos são hoje tristonhos E as rugas no rosto não falam de sonhos...  
No meio dos índios, no centro da Taba Ainda cercada por páus de goiaba,  
O bravo guerreiro na terra sentado,  
Já idoso e doente, com o peito curvado,  
Me pede, sorrindo, que fique ao seu lado;  
E assim me falou: - — "Meus feitos de glória,  
Gravados na História,  
Te vêm à memória?  
Pois tudo mudou...  
Os brancos, com frases E armas tenazes,  
Tomaram as bases Das tribos do Norte!  
Enquanto eles riam,  
Os nossos caíam,  
Crianças gemiam Nos braços da Morte!

<sup>8</sup> (1) "Maracá?\*", instrumento chocalhante usado pelos índios nas dades guerreiras ou religiosas.

E os brancos, crueis, Queimaram vergeis,  
Não foram fieis Às leis de Tupá! <sup>(9)</sup>  
Além da floresta Na tarde funesta,  
As aves em festa,  
E quase o Piá!  
Nas matas tem tanta Beleza que encanta? Pois nelas nem canta Mais teu sabiá!  
Sou bravo, não córo,  
Mas sinto que choro,  
E a vida deploro!  
Maldito Anhangá... <sup>(10)</sup>  
Sou justo e sou franco,  
A verdade eu arranco!  
Com a vinda do branco,  
Vieram as pragas!  
Feridas estranhas,  
Que lembram aranhas,  
Tumor nas entranhas,  
Que matam piagas! <sup>(11)</sup>  
Destino quem quis,  
Que os bravos Tupis,  
E os Guaranis,  
E até o Aimoré,  
Depois Bororós,  
E os Caiapós,  
E outros após  
Perdessem a fé!  
E o branco inda avança!  
No mal não se cansa,  
E sua esperança  
É as tribos matar!  
Abriram a terra,  
Os rios, a serra,  
Com armas de guerra,  
Que explodem no ar!  
E o índio, que é forte,  
Na luta com a Sorte,  
Fugiu pelo Norte,

<sup>9</sup> (1)- *Tupi ou Tupá, Deus para os Índigenas místicos.*

<sup>10</sup> (2) "Anhangá", o mesmo que espírito domai

<sup>11</sup> 15? o mesmo que pagé; indígena dotado de poderes místicos

Temendo os crisóis...  
Perdida a ventura,  
Perdida a cultura  
Só resta a postura  
De antigos heróis!  
Meu canto é tristonho?  
Não tenho mais sonho,  
O mundo é medonho,  
Inútil viver! ó alma seleta,  
Dos índios, Poeta,  
Responde, profeta:  
Viver ou morrer?"

#### CANÇÃO DA VIDA

Eu falo a Verdade, não falo mentira, ó chefe guerreiro da tribo Timbira!  
A seta terrível que voa ligeira,  
Que mata uma onça ou ave altaneira,  
Diante das armas que lembram trovão  
Que os brancos trouxeram na cinta e na mão,  
Não dá aos Timbiras sabor de vitória!  
Mudemos, portanto, o rumo da História...  
Falaste que o branco nas matas avança,  
Que o índio de hoje não canta nem dança,  
Não tem alegria de um doce viver...  
Mas, ouve, guerreiro — viver é um dever!  
E a vida que anima covardes e o forte,  
— Tu sabes, tu sentes! — não finda com a morte,  
Que o Espírito Humano nasceu de Tupá!  
Não fales, portanto, na morte tão já...  
Embora me vendo num corpo viril  
Nas terras formosas do imenso Brasil,  
Sou alma que vive com os fortes guerreiros  
Já mortos, há tempos, nos duros terreiros,  
E trago mensagem que envia Tupá  
Ao chefe timbira, o famoso Piá!  
A prece noturna no alto do morro  
Pedindo socorro,  
Tupá recolheu!  
E diz para as tribos do Centro e do Norte:  
"Não chorem a sorte  
Do que já morreu,  
Que a vida nos mundos sou-eu que governo,

E o Homem é eterno!"  
Ensina Tupá,  
Que a alma dos homens, ainda tão bruta,  
Renasce prá luta,  
Na terra, Piá!  
O avanço dos brancos nas matas selvagens,  
Mudando paisagens,  
Permite Tupá.  
Mas Ele acrescenta, que o branco imprudente,  
Irmão da serpente,  
A Treva verá!  
O chão que tu pisas é sólo sagrado!  
Tupá tem louvado  
A bela nação,  
Que esplêndida em breve será para o mundo,  
Exemplo fecundo  
À luz da razão!  
Espíritos nobres já vão reencarnando,  
E os máus vão deixando  
O lado de cá!  
E os filhos futuros de braços erguidos  
Terão nos ouvidos  
A voz de Tupá!  
Brasil progressista, fulgente luzeiro,  
Fará o estrangeiro  
Seguir a Tupá!  
Que reino divino de Luz e Verdade,  
Amor, Caridade,  
A terra será!  
Não chores a perda das cálidas terras,  
Motivo das guerras  
Com os brancos de agora!  
Se a alma dos índios aqui voltará,  
De novo terá As terras de outróra!  
O Céu faz justiça!  
Não temas a vida,  
Prossegue na lida,  
Tu és o Piá!  
E agora um abraço!  
Vem vindo a alvorada,  
Mensagem foi dada,

Retorno a Tupá!

# GUERRA JUNQUEIRO



Abílio Manuel Guerra Junqueiro nasceu aos 17 de setembro de 1850 em Freixo de Espada-à-Cinta, Portugal. Fez os preparatórios no Porto e formou-se em Direito na Universidade de Coimbra (1873).

Foi deputado e, depois da implantação da República, ministro de Portugal na Suíça.

Sua obra é variada e vasta; vai desde o lirismo campesino à poesia épica. Um gênio na sátira, inclusive, deixou Guerra Junqueiro poemas de beleza eterna contra o clero católico. Foi o poeta mais lido e discutido em sua época, quer no Brasil como em Portugal. Sua lira, ora maviosa ora látego terrível contra a prepotência, a injustiça e a mentira, até hoje empolga. Várias obras suas foram traduzidas para o espanhol, alemão, italiano, inglês e francês.

Obras principais: "Velhice do Padre Eterno", "Os Simples", "Oração à Luz", "Musa em Férias", "Pátria", etc.

Guerra Junqueiro morreu aos 73 anos de idade, no dia sete de julho de 1923, em Lisboa. Jornalistas e escritores católicos, então, proclamaram que o notável poeta se convertera à Igreja durante a agonia, no que foram desmentidos, imediatamente, por escritores amigos de Junqueiro, através de jornais e livros.

## "OS QUATRO EVANGELHOS"

No século passado existia na França  
Um célebre jurista às Leis tanto leal,  
Que ao ver mendigar na praça uma criança  
Mostrava-lhe, depressa, o Código Penal.  
Na Côrte Imperial era ele temido;  
Temiam-no, até, os grandes magistrados.  
E o mestre do Direito impôs o seu partido  
E, por fim, comandou a Ordem dos Advogados.  
Mais realista qué o rei, Jean Baptiste Roustaing

Pedia aos tribunais impiedade aos réus,  
A Lei de Talião para os crimes de sangue,  
E invocava Moisés e a Justiça dos Céus!  
Certo dia, porém, uma antiga cliente,  
Senhora piedosa afeita à caridade,  
Deu-lhe de Allan Kardec o livro mais recente,  
Um livro que mostrava a Divina Verdade.  
Essa obra continha um celeste tufão  
Nas páginas de luz, em seus puros conceitos,  
E varreu de Roustaing o fel do coração!  
E varreu-lhe da mente os velhos preconceitos!  
E, nessa mesma noite o arguto doutor  
Leu-a mais uma vez em fundas reflexões,  
E dizia, baixinho: "— Esta obra é um primor!  
Explica as Leis de Deus e explica as provações!"  
E o célebre jurista em sua residência  
Depressa organizou da fina sociedade  
Um grupo de fieis, mas sem experiência,  
A fim de comprovar do volume a verdade.  
A médium Collignon então à luz das velas  
Em transe revelou à vesga comitiva:  
" — A partir de hoje sois de Cristo as sentinelas.  
Quem vos fala é Moisés! Minha luz é ostensiva!  
"Por ordem de Jesus iremos restaurar  
O santo Evangelho, as verdades de Deus;  
Roustaing, filho meu, ireis colaborar  
Com Lucas e João, com Marcos e Mateus!  
"Vós sois uma alma nobre e conheceis culturas  
A ponto de pairar acima dos juristas;  
Prometo que amanhã com as Novas Escrituras  
Nesta casa hão de estar os quatro Evangelistas!  
"Não procureis jamais uma outra sensitiva.  
Madame Collignon reflete a nossa luz;  
No Céu foi preparada, é humilde e ativa,  
Capaz de receber até mesmo Jesus!  
"Trabalhai, trabalhai, que os tempos são chegados!  
Que este grupo obedeça ao preposto Roustaing.  
E defendei o Novo Evangelho, soldados,  
E se preciso for até mesmo com sangue!"  
Já percebe o leitor a mistificação  
Que Roustaing não viu pela sua vaidade.

Preposto de Moisés! Que condecoração!...  
E gargalhava o Umbral daquela ingenuidade.  
E, em volta de Roustaing as almas ateistas  
Que andavam a escrever as "Novas Escrituras":  
Um papa e cardeais — ao todo dez sofistas,  
Com aplausos febris de esquálidas figuras!  
No entanto, quando vinha o sol pela manhã  
Espiar de mansinho este pobre arlequim,  
Inda estava ele a ler, sentado em um divã,  
As mensagens do Além sem notar o estopim...  
Brutal fascinação que não acabou cedo!  
Emagreceu Roustaing... A clientela, adeus!  
Que importa! Tinha em mãos do Evangelho o segredo,  
E o mundo o chamaria "um profeta de Deus"!  
E a fraudulenta obra em grossos, vários tomos,  
Enfim mostrou Jesus e arrepiou Paris:  
Nela o Cristo era igual a um desses gordos momos  
Que ao povo fazem rir ao pé de um chafariz!  
Cristo de picadeiro! Um Cristo teatral!  
Vivera, sim, na Terra, e não veio em carne e ôsso:  
Seu corpo era etéreo, ensina o denso Umbral,  
Por isso, diz Roustaing, arriscava o pescoço...  
Era a revelação do crístico segredo  
Que Jesus, o malandro, ocultara aos patrícios;  
Para ele a corôa era méro brinquedo!  
Para ele era a cruz um dos bons exercícios!  
Esse alegre fantasma, esse artista do  
Espaço Representou na Terra a mais infame farsa;  
No entanto (o livro diz) se não houve fracasso,  
É que se deve muito à Maria, a comparsa.  
A sua atuação superava a Bernhardt.  
Sabia ser suave e tinha o olhar profundo...  
Ao ver Cristo na cruz até faltou-lhe o ar!  
Comoveu a plateia e fez chorar o mundo!  
E esse livro indigno — excremento do Umbral,  
Encontrou no Brasil ferozes defensores!  
Eu explico a razão; dessa obra, afinal,  
Eles foram no Além os vís expedidores!...  
ó almas, escutai! Esquecei o passado!  
Libertai-vos do jugo e contemplai a Luz!  
E humildes implorai perdão ao Pai Amado,

O perdão à Maria e o perdão a Jesus!

O PEREGRINO

I

Roma. Século XX. Ao longo de uma rua

Andava sem destino à fria luz da lua

Um mísero mendigo. O sujo temo roto

Encontrado, talvez, à beira de um esgoto,

E os doloridos pés, sem meias, sem sapatos,

Provavam que este herói vivia como os ratos,

Debaixo de uma ponte ou em pocilga fria,

    Onde nem mesmo vai a branca luz do dia...

No entanto, era ele um homem singular

Com sua frente bela e seu estranho olhar,

De onde farta exalava uma doce inocência,

Como a de um branco lírio, a sua pura essência!

Às vezes, numa esquina, os seus olhos profundos

Erguia para o céu à luz de outros mundos,

Como que a contemplar no cenário infinito

Uma estrela qualquer de onde fôra proscrito...

Então, sorria triste e punha-se a vagar...

Seguiam-no, de perto, os cães a farejar.

Os primeiros clarões da fulgida alvorada

Eram bênçãos de amor sobre a terra orvalhada.

As fábricas febris já apitavam distantes.

Andavam pela rua os primeiros feirantes.

    Do arvoredado florido as aves mais trigueiras

    Voavam de repente e em doidas brincadeiras

    Faziam ecoar milhares de risadas

    Pelo espaço azulado e de fímbrias douradas!

E o estranho mendigo ao olhar estas paisagens,

Sorria, alegremente, àquelas homenagens...

As crianças, no entanto, ao vê-lo pelas ruas

Sem sapato e rasgado, as costas seminuas,

Colocavam-no ao centro e em inocente farrá, Puxavam-lhe o casaco e tocavam fanfarra,

Enquanto alguns mandriões divertiam-se ao vê-lo...

E punham-no a correr — como num pesadelo!

— II —

Ao ver na vasta praça o imenso Vaticano,

O mendigo pensou no Império Romano...

Jamais seu olhar vira uma beleza igual:

Fantástica, viril, rica, descomunal!  
Estátuas geniais em puro ouro esculpidas,  
Como se o artista fosse o alucinado Midas...  
Colunas gregas, chão, tapetes e painéis  
Fariam deslumbrar os césares e os reis.  
No luxuoso cenário em pedras, ouro e luz,  
— Enfim, casa de Deus... enfim, lar de Jesus...  
— Sem no entanto notar que era ele a atração,  
O mendigo contemplava a "Crucificação"...  
E, trêmulo, assustado, os olhos quase em pranto,  
Caminhou tristemente e acomodou-se a um canto,  
Enquanto alguns casais, ridículos fieis,  
Olhavam no tapete o barro de seus pés...  
Vendo-o, assim, maltrapilho, asqueroso e descalço,  
Um velho cardeal correu ao seu encalço  
A sacudir a cara e a sacudir a pança  
(Como teria feito o gordo Sancho Pança)  
E exclamou:  
"És uma alma inferior, perversa!  
O tapete ganhou-o o papa do rei persa,  
E tu... Bem, afinal, o que queres? Comida?  
Pois anda a trabalhar e a consertar a vida!  
Sacode esse esqueleto e pega na ginástica,  
Que deixa o corpo rijo e faz da fome elástica.  
O trabalho é saúde, é dinheiro, é progresso;  
Verás que em pouco tempo hás de obter sucesso!  
E, lembra-te, meu filho, anda a namorar,  
Que farei bom desconto ao pôr-te lá no altar...  
Por enquanto és pra nós como o sêco bambú:  
Cozinha-se na lenha e continúa crú...  
Queres ver o Museu? O gênio de um artista?  
Aqui nada é de graça! Interroga o turista...  
Pagarás uma taxa; um dólar, uma libra,  
Como paga o ateu ou um cristão de fibra.  
Como vês, filho meu, inda é o sacerdócio  
(Passado tanto tempo!) excelente negócio.  
O povo é imbecil. Damos-lhe uma oração  
E ele dá-nos dinheiro!  
E inda nos beija a mão... Estás quieto?  
Pois ouve! Esconda essa pureza!  
Eu sou o poderoso e tu és a pobreza!

Tu pertences à escória e eu ao bom Papado;  
Por que falo contigo, ó filho do pecado?!  
Desapareça! Rua! Aqui não tens guarida!"  
E o cardeal, feroz, jogou-lhe uma cuspidada.

— III —

O mendigo saiu da Casa da Heresia  
— Onde se vende Deus e Jesus e Maria —  
E pôs-se a caminhar por vielas de Roma  
Que lembravam no aspecto algumas de Sodoma..  
Andava devagar, triste e sem diretriz  
Em meio à juventude e de velhos senis,  
Que encontravam, ali, nos prazeres bestiais,  
A resposta aflitiva aos problemas morais...  
E o estranho peregrino em vendo aquilo tudo,  
Tinha um olhar de espanto e um sofrimento mudo  
No entanto, compreendia —a velha Igreja astuta  
Superava de muito a qualquer prostituta.  
Uma explorava o corpo — e sofria a indignação,  
A outra explorava a alma — e ria na opulência!  
A Doutrina Papal (comércio nauseabundo!)  
Era uma grande farsa e um desafio ao mundo.  
Compreendia, por fim, que a Igreja e sua glória  
Não passavam de nódoa a emporcalhar a História...  
E, em meio à podridão que ali jogara a Vida,  
O mendigo pediu um prato de comida;  
E os moços sensuais, ao invés de dar-lhe esmolas,  
Empurravam-no a rir e diziam graçolas...  
Então, ao vê-lo calmo e a sofrer opressão,  
A prostituta veio e ofereceu-lhe a mão.  
Daquela alma sombria a viver em um monturo,  
Esplêndido brotava um gesto de amor puro!  
E, após lavar-lhe as mãos, os pés e o magro rosto,  
Serviu-lhe, piedosa, um prato bem composto.  
O mendigo sorriu pela primeira vez.  
E exclamou:  
"Ó mulher! Faz já talvez um mês  
Que tenho pesquisado o coração humano,  
E nele só encontrei vaidade e desengano...  
E aqui nesta cidade, a quem chamam de "santa",  
Confesso em ti somente eu vi bondade tanta!  
Analisa, ó mulher, uma semente bruta:

Não vêe e nela estão a folha, a flor e a fruta!  
Assim é a alma humana! Ela traz nas entranhas  
Poderes que não vêe e que movem montanhas!  
Usa essa força oculta e troca a tua cruz! "

"Mendigo, quem és tu?"

"Atendo por Jesus."

ÀS SERPENTES DE BATINA

Serpentes da Católica Romana!  
Vós que vendeis o Céu por alguns reis,  
Santos por três dúzias de banana  
E a Jesus trocáis por bons pasteis;  
Que enfurnais aos artistas os laureis,  
"Pietà", "Santa Ceia" ou "Diana",  
E à noite ides beijar lá nos bordeis  
A rapariga bela e bem mundana,  
Ouvi! A ser verdade o que pregais,  
Satã com seus chicotes colossais  
Há de enjaular-vos, cómico e cruel...  
Nesse dia — ó Serpentes de Batina!  
— Se fosse certa a vossa vil Doutrina,  
Eu soltaria fogos pelo Céu!

QUE VEDO <sup>(12)</sup>

Nos arquivos do Além a ficha procurei  
De um boneco da Treva, o padre Oscar Quevedo, A  
utor de grosso livro incrivelmente azedo  
Que arraza o Espiritismo e ri da sua Lei.  
E vi no seu passado um trágico segredo:  
Em tempos que lá vão de dom Fernando, o rei,  
O padre era na Espanha um monstruoso frei,  
Austero Inquisidor mais duro que um rochedo!  
Com olhos de pantera e garras de avestruz,  
Os místicos heróis, os médiuns de Jesus,  
Jogava-os na fogueira em ritual fremente!  
Depois ía beijar a mão esclerosada  
De seu soturno mestre, o velho Torquemada, <sup>(13)</sup>  
Que inda hoje o comanda, astuciosamente...

<sup>12</sup> (1) *Quevedo, jesuíta espanhol; o mais acirrado opositor do Espiritismo nos países latino-americanos, principalmente no Brasil.*

<sup>13</sup> (2) *Torquemada; inquisidor-geral na Espanha nomeado em 1483 pelo Papa Sixto IV. Desencarnou em 1498.*

## AS RAZÕES DE SATÁ

Um dia visitei como qualquer turista  
O Inferno clerical, pitoresco e escaldante,  
Embora me alertasse o meu Especialista,  
Que sofro de alergia ao calor asfixiante.  
Imaginava eu ver no fogo horripilante,  
A fim de ficar quente, e assim murchar a crista,  
Pombal, Napoleão, Voltaire, Bocage ou Kant,  
Inimigos da Igreja, a grande moralista...  
Nos caldeirões em brasa, ao invés dessas figuras,  
Quem pensas que encontrei? Papas, cardeais, curas,  
Coroinhas, sacristães e os vís inquisidores!  
Então, Satã me disse usando de ironias,  
Que o Inferno era pequeno, e ali, todos os dias,  
Só podia guardar os piores impostores!

## BARCELONA (auto de fé)

Em uma praça imensa olhava o povaréu  
Os livros de Kardec em gigantesca pilha;  
Iria o Santo Ofício erguer um fogaréu,  
Já que a França não pôs Kardec na Bastilha!  
E surge o gordo bispo à frente da matilha  
E em nome do Diabo abana com o chapéu;  
Cada livro queimado, uma santa cartilha!  
Cada página em fogo, um ensino do Céu!  
E, ao ver sua proesa o bispo em frenesi  
Esfrega as largas mãos e ri, ri — como ri!  
O povo, contristado, observa aquele Ofício...  
Longos anos depois encontro a velha hiena;  
Estava reencarnada em cidade pequena,  
Chorando e gargalhando às grades de um hospício!

## A MORENINHA E O PADRE

(Em colaboração com Casimiro de Abreu)

No mês de maio a Natureza estende  
Nestas planícies seus lençóis de flores...  
E a moreninha, que fez quinze anos,  
Sente que pulsam no seu peito amores...  
Sou teu Guia! Ouve a voz  
Que te sopra nos ouvidos:  
Quando alguém está sonhando,  
Aproveitam-se os "bandidos!"  
A moreninha tem o corpo esguio,

A elegância de gentil cegonha,  
O rosto belo e a cabeleira em ondas,  
Que a brisa afaga na manhã risonha!  
Não te olhes tanto ao espelho ...  
Ouve a voz! Eu sou teu Guia!  
Somente as belezas da alma,  
Vão além do fim do dia!  
Desde o verão namora ela um jovem,  
Com quem pretende se casar agora;  
É um poeta que lhe manda versos,  
Que ela chorando lê a toda hora!  
Li os versos (não são maus!)  
Do Petrarca brasileiro.  
O rapaz é um fenômeno,  
É poeta e tem dinheiro!  
E a moreninha com seus passos leves  
— Pobre menina que se fez beata!  
Procura o padre e diz que vai casar:  
"Quero florida a igreja nessa data!"  
Fica atenta! O mestre cura  
Tem os olhos bem marotos ...  
Na cidade, onde vivia,  
Deixou filhos, três garotos!  
"Darei dinheiro para as vossas obras!  
Pago a promessa pra Santa Isabel!  
Mas que do teto caíam muitas rosas,  
Chuva de pétalas do próprio céu..  
Ele faz cair as rosas...  
Este padre é espertalhão!  
Com trinta por cento a mais,  
Faz cair até um cristão!  
Marcada a data de seu casamento,  
A moreninha, que é muito inocente,  
Beija sorrindo o rosto frio do padre,  
E o rosto gélido se torna quente...  
És beata, moreninha,  
Mas eu boto meu bedelho:  
Vamos ter nova edição  
Do "Chapéuzinho Vermelho!\*"?  
Mas, o poeta nesse instante surge,  
E entrega à jovem um papel fatal.

E ao despedir-se a moreninha lê...  
Cada palavra é o mesmo que um punhal!  
*O poeta te esqueceu?*  
*É volúvel? Não importa!*  
*O que importa, moreninha,*  
*É escapares péla porta!*  
'Ai! Como é triste na estação das flores,  
Sentir-se n'alma um sofrimento atróz..."  
"Eu compreendo, minha filha linda..."

Responde o padre com suave voz.  
*Moreninha, olha o vigário!*  
*Já te vê como um guisado...*  
*Mesmo as santas nos altares*  
*Com vergonha olham pro lado...*  
E a moreninha que soluça e chora,  
Deixa levar-se pela mão do abade,  
E a inocente quando abre os olhos...  
É pomba aflita presa numa grade!  
*Falei tanto e não me ouviste...*  
*Moreninha, oh, que horror!*  
*Mas nem tudo está perdido:*  
*Sou agora o narrador!*

— II ATO —

Na pequena cidade onde o vigário habita,  
Tingiu-se o inteiro céu de cor lembrando sangue  
Seria a maldição selando um troglodita?  
Tinha o padre certeza e foi deitar-se, exangue../  
Na caverna mental de pútridos miasmas  
Que acumulara ele ao decorrer dos dias,  
Levantavam-se, agora, apopléticos fantasmas,  
A acusar o vigário e suas fancarias!  
Nunca me deste atenção,  
E agora atirado ao leito,  
Sentes tu dentro do peito  
Esse terrível temor!  
Oh! Quantas vezes te disse,  
Recordando-te o Evangelho,  
Que a infância, o jovem e o velho,  
São filhos de um só Pastor?!

E esses seres febris ao ver o padre-cura  
A chamar por Jesus em meio à escuridão,  
Cuspiam-lhe na cara e riam da tonsura,  
E jogavam-no ao ar com o sórdido colchão!  
Diante das visões que o remorso criara,

Arrastava-se à porta o padre quase inerte,  
E ao vê-lo ao chão gritando e a sacudir a cara,  
Tinha-se a impressão de um gigantesco verme!  
Olha o estado em que ficaste, ó pobre fuhinho meu,  
Na grande noite de breu,  
Da desgraça e da discórdia!  
Se o remorso te corrói,  
Sirva-te a dura lição,  
E, agora numa oração,  
Pede a Deus misericórdia!  
E nesse sofrimento horrível, singular,  
Arrastando-se ao chão em meio à pouca luz,  
Enfim, chegara o padre aos pés do grande altar,  
E ali pediu perdão à imagem de Jesus...  
E, logo no outro dia, o cura já refeito,  
Fechou a velha igreja a cadeado grosso,  
E com seu terno azul — com um belo cravo ao peito!  
Foi bater a uma porta, antes de seu almoço...  
*Vamos, coragem, meu filhp,  
Não és mais um fariseu,  
E eu estou ao lado teu,*

*Dando-te forças... Coragem!*

*Bata de novo na porta,  
E, em nome de Jesus,  
Que se faça enfim a luz,  
Nesta pobre personagem!*

— III ATO —

Senhor distinto abre, então, a porta,  
E diz ao padre que se sente à sala.  
E a moreninha, num rubor de aurora,  
Baixa a cabeça e quase perde a fala!  
*Começa a terceira parte*

*Desta empolgante novela.*

*Certamente, há novidades:*

*Ele tem flor na lapela!*

E o pai da moça com um sorriso aos lábios:

'Que ventos bons te trazem hoje aqui?'

"Fatos da vida, que ninguém entende..."

Da própria Igreja até eu já descri...

A Justiça é uma espada,

Que sangra dentro das Leis.

E as Santas Leis ninguém compra,

Nem os papas nem os reis!

"Menino ingênuo, quantas vezes, quantas  
Orei ao Cristo no meu seminário,  
Pedindo a Deus que protegesse o Clero,  
E que de mim fizesse missionário!  
Bela prece que fizeste Ao bom Deus,  
Nosso Senhor! Proteger o velho Clero?  
Sem querer fizeste humor!  
"Padre já feito vejo o que, então,  
Nestas paróquias pelo mundo afora?  
Padres bem pobres que ficaram ricos,  
E que hoje ganham juro de hora em hora!  
Nas paróquias deste mundo  
Muito mais deves ter visto,  
Freiras beijando os abades,  
Perto da imagem do Cristo!  
"O Vaticano é a besta apocalíptica:  
Prega a humildade em genial sermão,  
Mas vive o papa no seu trono de ouro,  
A abrir os braços numa ostentação!  
E os cardeais — santos homens!  
Que não gostam de feijão,  
De dia — finos banquetes!  
De noite — leve faisão!  
"Num ambiente que só vive hipócrita,  
Até os santos perdem a alma austera,  
E o moço puro que rezava ao Cristo,  
Fez-se pior que a mais selvagem feral!  
É verdade o que tu dizes,  
Toda igreja é um teatro,  
Mas a peça é sempre a mesma  
Com seus artistas de quatro!  
"Sensualidade por ali campeia,  
Pois todo padre, como sabes bem...  
(Nesse momento a moreninha ergueu-se,  
Mas disse o pai que ouvisse ela também)  
Biologicamente, os papas  
Péla idade são abstinências...  
Mas, os padres, cordiais,  
Toda noite são boêmios!  
"Passei a noite a meditar com Deus...  
Deixo a batina e deixo a própria Igreja!

Menino puro, na capela orava,  
Depois na igreja a sacudir bandeja!"  
Não apenas a bandeja,  
Que outras coisas sacudiste,  
E, quando alguém reclamava,  
Punhas logo o dedo em riste!

E a moreninha que escutava, atenta,  
Ergueu o rosto pela vez primeira.

Mas, vendo o ex-padre amargurado e aflito,  
Baixou a face pra não ser grosseira...

O ex-padre é bem sincero,

Fala coisas verdadeiras;

Só lastimo nada diga

Dos conventos e das freiras ...

"O Clero é a tumba de que fala o Cristo,

Fóra caiada e decorada a flores,

Mas, que por dentro só pululam ratos,

A respirar das podridões vapores!

A imagem é muito boa

A respeito do vil Clero!

Pra saber se um rato é um padre,

Na cabeça vê-se um zero!

"Chega de treva! Quero ver a luz!

Sentir na face a viração brejeira!

Casar, ter filhos, ter um lar cristão,

E, assim viver a minha vida inteira!"

Agradece ao teu bom Guia

Essa tua inspiração...

No espaço de uma noite,

Um vilão se fez cristão!

E neste ponto olhou a moreninha,

Que atenta ouvia a narração sincera;

E, ao ver que a moça lhe fitava o rosto,

Assim falou depois de breve espera:

Ele olhou a moreninha,

De uma forma bem suave...

Mas a voz não quer sair...

Deve ser coisa bem grave!

"Se a moreninha não ficar zangada,

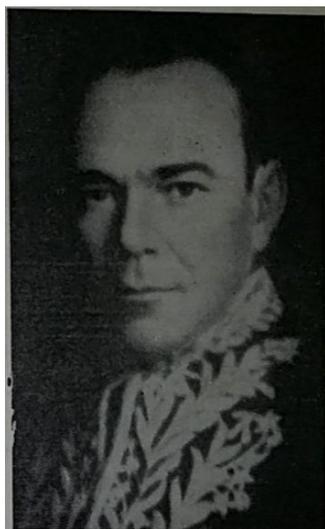
Minh'alma beija a tua mão tão pura,

E, de joelhos a chorar implora,

Que lhe ofereças a feliz ventura 1"  
O ex-padre quer casar...  
Deus ouviu minha oração.  
Vamos ver se com o exemplo,  
Também casa o sacristão!  
Surpreso o pai olhou a bela filha  
E olhou o ex-padre, sem nada entender  
E, a moreninha, então, ruborizada,  
Olhou os dois sem dar seu parecer.  
Não entende o velho pai  
O estranho peditório...  
Se a conversa desviar-se,  
Fecha as portas o cartório!  
Enfim, o ex-padre já não era o mesmo,  
Pois se ao falar ficara carmesim...  
Depois com temo como era simpático..  
E a moreninha respondeu que sim!  
Ora, viva, moreninha,  
Que chegou teu belo dia!  
Reza agora para Deus,  
E também ao teu bom Guia...  
Vizinhos dizem que ambos são felizes,  
E que até hoje, após tão longos anos,  
Já bem velhinhos, juntos numa sala,  
Abraçadinhos traçam muitos planos!

156 É aqui termina a peça  
Que gastou todo um tinteiro!  
Assino-a, bem sorridente:  
Abílio Guerra Junqueiro.  
E, ao lado de mestre Guerra  
Deixo escrito o nome meu,  
Embora o estilo já grite:  
— É Casimiro de Abreu!

# GUILHERME DE ALMEIDA



Nasceu aos 24 de julho de 1890 em Campinas (Estado de São Paulo). Em 1912 bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, mas pouco advogou. Fez-se jornalista em 1917, ingressando no "O Estado de São Paulo"\*. Foi presidente da Associação Paulista de Imprensa e diretor da "Folha da Manhã", de São Paulo. Um dos promotores, em 1922, da "Semana da Arte Moderna". Pertenceu à Academia Brasileira de Letras e diversas instituições culturais estrangeiras. Chefiou a Missão Cultural do Serviço de Cooperação Intelectual do Ministério do Exterior, na inauguração do monumento a Olavo Bilac, no Uruguai.

Envolvido nos acontecimentos revolucionários de 1932, Guilherme de Almeida foi expatriado por um ano na Europa, tendo sido recebido pela Academia de Ciências de Lisboa.

Estreou aos vinte e sete anos de idade com o livro "Nós"; e vieram: "A Dansa das Horas"; "Messidor"; "Encantamento"; "Você"; etc. Um total aproximado de cinquenta volumes, incluindo prosa e traduções.

O grande lírico morreu em São Paulo, em 1970.

## PRIMEIRO SONETO

Quando ela chegou, quase imperceptível  
Para aninliar-se no meu peito forte,  
Recebi-a, tranquilo, embora o porte  
Seu parecesse a outros desprezível.  
E junto a mim estive, irremovível,  
A falar-me, gentil, de um novo norte,  
Esta senhora a quem chamam de Morte,  
Mensagem de um mundo além visível...  
E sua voz hipnótica, macia,  
Aos poucos me apagou a luz do dia...  
E as pálpebras cerrei! Era previsto.

Pouco tempo passou. E eis que desperto!  
E vejo, alegre, um novo céu aberto,  
De cujo centro jorra a luz do Cristo!

#### SEGUNDO SONETO

Bendita sejas tu, gentil senhora,  
Por levantar-me o véu da Eternidade.  
E a Vida continua... Eis a verdade  
Que eu pressentia e em mim refulge agora!  
Na carne preso, agrilhado, embora,  
Deste mundo eu sentia já saudade!  
Em sonhos eu lhe via a realidade.  
Tê-lo bem perto, imaginava a hora...  
E além do Tempo vivo! Além do Espaço!  
Em outra dimensão além matéria.  
Caminho sem causar nenhum atrito...  
E nada me detém! Nem sequer o aço!  
Se tenho aqui tamanha força etérea,  
Que fôrça terá Deus, que é Infinito?!

#### TERCEIRO SONETO

Mas não te olvidei, meiga companheira!  
Nem tu guardaste o meu velho retrato..  
A Vida é peça eterna, e a morte, um ato  
Não tem o amor limite nem fronteira!  
Minha alma é da tua prisioneira...  
E eis que ergo vôo, e como Ser abstrato  
Avanço pelo Céu — como um extrato!  
Buscando a nossa casa derradeira...  
E te vejo a lembrar nosso passado:  
Juras de amor... bilhetes cor de rosa..  
Alamedas... E, ali fico ao teu lado,  
E a nos fitar a imagem de Jesus...  
E beijo tua face inda formosa,  
Emoldurada por intensa luz.../

# IRMÃO X



Pseudônimo espiritual de Humberto de Campos. Nasceu o grande escritor em Muritiba, Maranhão, em 25 de outubro de 1886. Com seis anos de idade foi levado para Pamaiba, no Piauí.

E aos treze fez-se aprendiz de tipógrafo no "O Comercial" depois de haver sido caixeiro em uma loja. Visitou, jovem ainda, vários Estados do Norte e fez uma série de artigos sobre a escravidão do homem branco nos seringais para a "Folha do Norte", de Belém do Pará. E em 1912 transferiu-se, definitivamente, para o Rio de Janeiro e foi redator do "Imparcial". Seu forte talento o fez logo admirado e respeitado pelos homens de letras da capital do país.

E foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1920, em substituição a Emílio de Menezes. Por duas vezes foi deputado federal pelo Maranhão e em 1931 foi nomeado Inspetor Federal do Ensino e Diretor Interino da Casa de Rui Barbosa.

Sua obra é ampla, abrangendo todos os gêneros literários. Deixou, inclusive, um livro de poesias, "'Poeira", mais tarde acrescido de outras produções e com o título geral de "Poesias"', volume com mais de trezentas e cinquenta páginas.

Humberto de Campos, em sua época o autor mais lido em todo o Brasil, morreu com quarenta e oito anos de idade, em 1934, no dia cinco de dezembro, no Rio de Janeiro, ao submeter-se a delicada intervenção cirúrgica.

## ILIÇÃO DE ANATOMIA

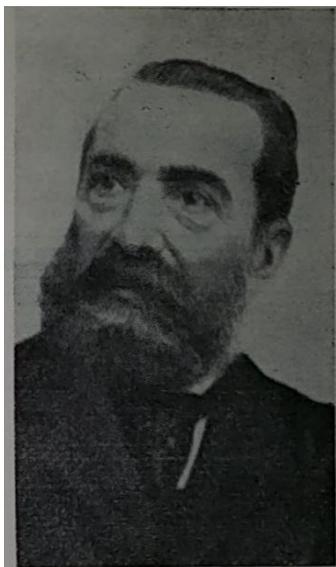
No anfiteatro de uma Faculdade,  
Diante da mulher na lage fria,  
Dizia o professor de Anatomia  
Aos seus alunos com autoridade:  
"A Ciência lida apenas com a Verdade,  
E a Alma Humana é ilusão, filosofia...  
(Os discípulos riram e ele ria)

Vejam os que é a Eternidade!"  
E o escalpelo, rápido e afiado,  
Cortou aquele corpo abandonado,  
Mostrando o coração e veia aorta...  
Então, o mestre ouviu a gargalhada.  
E olhou... Junto à parede desbotada  
Estava rindo o Espírito da morta!

#### LIRA MÁGICA

Na Terra vários versos fiz. Meu canto  
Nem sempre tinha aquela essência pura...  
Há longos anos, pois, que fiz a jura  
De pôr a lira enferrujada a um canto.  
Hoje pego-a, feliz, com a partitura  
Para atender a um chamamento santo;  
E a velha lira para meu espanto,  
De cordas frouxas inda tem doçura...  
E a minha voz se eleva... E eu, romântico,  
Envio ao meu leitor os sons do cântico,  
Através da sutil mediunidade.  
E, ainda ao som mágico da lira,  
Despeço-me, provando ser mentira  
Que a Morte é o limite da Verdade!

## JOÃO DE DEUS



João de Deus Ramos, um dos maiores poetas líricos da língua portuguesa, nasceu em S. Bartolomeu de Messines, província do Algarve (Portugal) no dia oito de março de 1830. Bacharelou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, onde revelou seu gênio poético.

Educador, indusive, revolucionou os meios pedagógicos de seu país publicando, em 1876, uma "Cartilha Maternal" — um método novo de leitura, adotado em todo território português.

Em 1860 apareceram suas primeiras produções poéticas em livro intitulado "Flôres do Campo", o qual o colocou logo entre os maiores poetas de Portugal.

João de Deus foi um homem profundamente humilde e des-pretencioso — como sua própria poesia, aliás, revela.

Segundo Camilo Castelo Branco foi João de Deus "herdeiro do melhor ouro de Bernardino Ribeiro e Camões".

João de Deus teve um enterro apoteótico, tendo seu corpo ficado no Panteão Nacional. Morreu em 11 de janeiro de 1896, em Lisboa.

#### MOSAICOS DO EVANGELHO

1

2

Na manjedoura Nasceu Maria O embala Com  
Jesus; Cabelos louros, muito amor, Pois sabe  
Olhos azuis. que Ele É o Salvador.

3

4

O sino vai, É doce vê-los,  
O sino vem, Jesus Sonhando assim, Os  
dormiu... A mãe, dois deitados Sobre o  
também. capim.

5

6

Na manjedoura Está de O sino vai,  
pé, Tomando conta O O sino vem, Jesus se  
bom José. foi, Deixou Belém.

7

8

O tempo passa...  
E ao moço ou velho De paz e amor, Fé e  
Jesus divulga Seus esperança. E de falar,  
Evangelho, Jesus não cansa!

9

10

E vê na praia Três pescadores;  
Os três fizeram-se Seus seguidores...

11

O sino vai,  
O sino vem,  
Jesus está em Jerusalém!

13

Entre os apóstolos, Qual o maior?

Jesus responde: "Quem for menor..."

15

E à pecadora Que ungiu seu pé: "Deus te perdoa, Salvou-te a fé!"

17

Seu nome ecoa Já na Judeia,

Pois traz consolo A sua Ideia!

E outros vieram Em tomo à Luz: Também queremos Seguir Jesus!

12

E cura cegos,

Os mutilados, Doentes da alma, Desesperados.

14

Curar no sábado Não é vedado? "Deus ouve sempre O desgraçado..

16

Se queres, curas Este aleijado... Jesus responde:

"Já está curado."

18

O sino bate Aqui, acolá,

Jesus, quem sabe, Onde estará?



E agora apanha ComE os homens máus  
um chicote. Tudo porTrazem a cruz:  
causa Do Iscariote. Vai carregá-la O bom  
Jesus.

37

38

E o Cordeirinho Anda  
nas ruas Com a cruzO sino vai,  
pesada Nas costasO sino vem, Jesus de pé  
núas. Não se mantém.

E, numa esquinaO sangue escorre Pela  
Tropeça, cáí... garganta... Mas, Ele  
Do bom Jesus Não sese ergue E a cruz  
ouve um ai... levanta.

41

42

Caminha um pouco, NãoAs mães lastimam  
aguenta mais... A cruz éVendo-O passar.  
grande, Pesa de mais. E se ajoelham Para  
rezar...

43

44

O sino vai, Vem Cireneu, Homem  
O sino vem, de cor,  
Ao Seu encontro NãoDe alma branquinha  
vem ninguém? Feita de amor.

45

46

Seus braços fortesE Jesus vê,  
Erguem a cruz; ComLá no horizonte,  
passos largos PoupaA sombra escura De  
Jesus... um grande monte

47

48

Retoma a cruz,No alto do monte  
Põem-se a marchar,Coloca a cruz.  
Vendo Maria Triste aE nela deita-se O bom  
chorar... Jesus.

49

50

Soldados pregam SeusE a cruz é erguida Com a  
pés e mão. São homenscorda grossa... A cena é  
frios, Sem coração. horrível,  
É pavorosa!

51  
O sino vai,  
O sino  
Crucificaram  
também!

52  
Jesus foi posto Entre  
vem,ladrões, Crucificados Por  
Jesusmás ações.

53  
Aos pés da cruz AlgunsFala, chorando,  
soldados, Passam oO bom ladrão, Que se  
tempo, Jogando dados! arrepende E quer perdão...

54

55  
Jesus responde, MuitoNo céu imenso Desponta a  
conciso: "Ganhaste,aurora; Jesus percebe  
agora, O paraíso..." Que chega a hora...

56

57  
As forças somem, Se  
sente exangue,"Um pouco d'agua (Jesus  
Naquela cruz Lavadaimplora) Um pouco d'agua  
em sangue. Me dêm agora..."

58

59

E os máus soldados Lhe dão  
vinagre, Dizendo, rindo:— Morreu Jesus!  
"Faz um milagre..

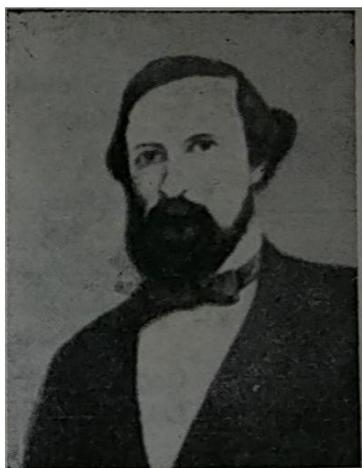
60

O sino vai,  
O sino vem,  
— Não há mais Luz!

61

E o mundo inteiro  
Estremeceu,  
Na noite negra, Feita de  
breu!...

## JOSÉ BONIFÁCIO, O MOÇO



Neto de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, José Bonifácio, o Moço, nasceu aos 8 de novembro de 1827, em Bordéus. Foi grande político, além de professor na Faculdade de Direito de São Paulo, onde teve como alunos Castro Alves, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e outros vultos célebres.

Foi ministro da Marinha no gabinete de 24 de maio de 1862 e do Império no de 15 de janeiro de 1864, tendo rejeitado a presidência do conselho em 1883.

Estreou na poesia com "Rosas e Goivos\*\*", em cujas páginas aparecem, vez ou outra, versos notáveis pela delicada sensibilidade. Mas foi, também, condoreiro. Sua produção poética é escassa.

Homem íntegro, ímpoluto, dele disse Rui Barbosa em discurso memorável:

"Todos os lugares que ocupou, rutilam, ainda hoje, da luz deixada por ele".

José Bonifácio, o Moço, morreu em São Paulo no dia 26 de outubro de 1886.

VOVÓ MARIA

É bem idosa vovó Maria;  
Seus cabelos são de neve,  
O corpinho é muito leve... — Espia!  
Vai andando, devagar, Curvada,

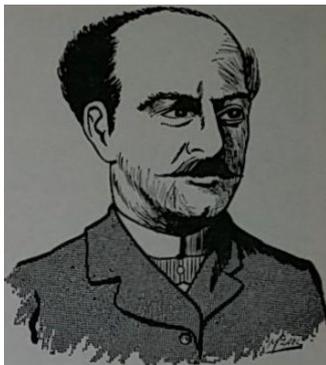
Com estranha dor no peito...  
Doença que não tem jeito... Coitada!  
Não apertes tanto o passo, Assim...  
Olha o buraco na rua...  
Não andes a olhar a lua,  
Pois sim?  
Chegaste na hora certa... Entremos!  
Comece Maria a orar!  
A sessão vai começar;  
Oremos!  
"Pai Nosso que estás no Céu,  
Tão santo!  
Abençoa a Humanidade!

170

Que nos livre da maldade  
Teu manto!"  
Vamos todos concentrar... Maria,  
Façamos uma oração  
Do fundo do coração,  
Pro Guia!  
Já vem ele iluminado  
Pra mesa...  
Toma a médium e agradece  
A todos a santa prece... Beleza!  
Firmemos o pensamento,  
Mais forte!  
Olha, Maria, é contigo  
Que fala o Espírito amigo..  
Que sorte!  
Diz que deves bendizer  
A dor;  
Ela nos leva a Jesus,  
Da dor também nasce a Luz,  
O amor!  
Tiveste dificuldades  
Na vida;  
Foi árdua tua missão...  
Mas cresceu teu coração  
Na lida!  
És velhinha e estás enferma..  
Não temas!

Reza com amor a Deus,  
Que olhe os sofrimentos teus.  
Problemas!  
Agora bebe a água pura,  
Fluída.  
Depois, em casa, deitada,  
Faze uma oração, calada,  
Sentida!  
Deus não te abandona, filha!  
Verás!  
Reza pra Nosso Senhor  
Que tire do peito a dor,  
Teus ais!  
E Maria despediu-se  
Do Guia.  
Em casa foi bem fiel!  
E na prece viu o Céu... Morria...

## LUIS GUIMARÃES JÚNIOR



Nascido no Rio de Janeiro em fevereiro de 1847, Luiz Caetano Pereira Guimarães Júnior formou-se em Direito pela Faculdade do Recife; dedicou-se, porém, desde logo à carreira diplomática, havendo sido Secretário de Legação em Londres, Roma e Lisboa.

Desde a adolescência entregou-se com paixão à poesia. Com apenas 16 anos de idade escreveu "Lírio Branco", dedicando-o a Machado de Assis, que entusiasmado estimulou-o a prosseguir.

Em Lisboa, Luís Guimarães Júnior fez-se amigo de Guerra Junqueira, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz e outros mestres da literatura lusa, destacando-se Fialho de Almeida, que escreveu para "Sonetos e Rimas" um prefácio notável, chamando Luís Guimarães Júnior de "o Massenet do soneto".

Luís Guimarães Júnior fez romances, contos, crônicas, ensaios, mas foi na poesia que se firmou; alguns de seus sonetos se tornaram célebres, como "Visita &

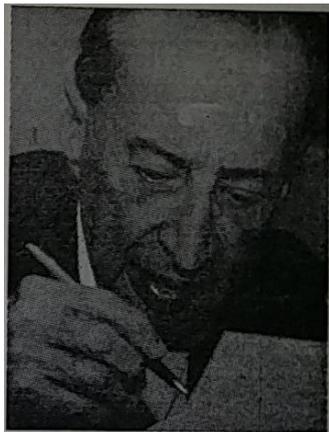
Casa Paterna".

O celebrado autor de "Sonetos e Rimas", "Corimbos", "Filigranas", "Poema dos Mortos", etc., desencarnou em Lisboa, em 1898, aos cinquenta e um anos de idade.

#### A VAIDADE E O TEMPO

Como o guerreiro brasonado e forte  
Procura na batalha a esquiva glória,  
O poeta na vida transitória  
Quis com sua arte superar a Morte.  
E, junto à meiga Musa, num transporte,  
Prendeu no verso os louros da vitória!  
E, passo a passo fez na própria História  
A sua própria estátua em belo porte.  
Era de ouro, rubi, brilhante e jade,  
E fulgia, talvez, como o Universo,  
Na sua limpidez sem uma jaça...  
Mas, o Tempo — coveiro da vaidade!  
Olhou-o e riu-se... E não salvou um verso  
Dos livros seus roídos pela traça!

## MANUEL BANDEIRA



Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho nasceu em Recife, em 1886. Estudou no Ginásio Nacional do Rio de Janeiro (atual Colégio Pedro II) tendo como professores, inclusive, José Veríssimo e João Ribeiro, famosos críticos literários. Em 1913 embarca para a Europa, afim de tratar-se em um sanatório para tuberculosos e regressa ao Brasil em 1914. Três anos depois publica o primeiro livro (A Cinza das Horas) que mereceu elogios de João Ribeiro.

Depois, vieram — "Carnaval\*\*"; "Crônicas da Província do Brasil"; "Ritmo Dissoluto"; "Estreia da Manhã"; etc.

Manuel Bandeira, embora não haja participado da célebre Semana da Arte Moderna, realizada em São Paulo em 1922, é, ao lado de Oswald e Mário de Andrade, uma das figuras de prô do movimento modernista em nossa terra. Não

houve crítico que não elogiasse a sua obra, inclusive a em prosa.

Em 1940 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. E em 1943 deixou de lecionar no Colégio Pedro II para fazê-lo na Faculdade Nacional de Filosofia, cadeira de Literatura His- pano-Americana.

Manuel Bandeira desencarnou a 13 de outubro de 1968, na Guanabara, com oitenta e dois anos de idade.

#### TAREFA

Tenho tarefa a fazer.

Uma canoa ectoplásmica

Que atravessasse o rio das

Sombras E me leve

Ao mundo da Morte.

Assim que desembarcar entre névoas

(Serei então um clandestino)

Descobrirei o rosto em praça pública

E direi apontando a estreia que me acompanha — Sou eu!

Muitos abrirão as pálpebras

Sem compreender que eu trouxe a

Vida Para acordar a Morte

E escaparão correndo pela noite.

Outros porém oferecer-me-ão o banco

Para o repouso de que não necessito.

A esses darei a mensagem de Cristo

E insuflarei em cada peito

O sopro da Vida.

#### LOUVAÇÃO <sup>(14)</sup>

Vou dizer, e desde já,

Usando a improvisação,

No galope da viola

Que aprendi lá no sertão,

Que tenho um pouco de luz,

Sou Espírito cristão,

Não entro na casa alheia

Como faz assombração.

Digo isto, minha gente,

E logo na introdução,

Para que ninguém se assuste

Com minha ressurreição!

<sup>14</sup> (1) *Este poema foi musicado, mediunicamente, por Ataulfo Alves e Vicente Paiva; os dois grandes compositores desencarnados há alguns anos.*

E agora rogo silêncio  
Para esta louvação,  
Que dedico ao Criador  
Pedindo sustentação.  
Louvo o Pai, louvo o Senhor,  
Do fundo do coração,  
Pelo amor que Ele esparziu  
Na infinita Criação,  
Desde o ser invertebrado  
Até à constelação!  
Louvo o Pai, mais uma vez,  
E o faço com emoção  
Porque a Vida não termina  
Nos sete palmos de chão —  
Desceu meu corpo pra terra,  
Minha alma foi pra amplidão!  
Louvo o Pai, louvo o Senhor,  
E louvo a Reencarnação;  
Sem meus oitenta e dois anos  
No mundo da expiação,  
Não teria aqui no Além  
Alguma iluminação!  
Louvo o Pai, o Criador,  
Por não fazer divisão  
Entre a Espiritualidade  
E os mundos em mutação —  
O que acabo de provar  
Nesta minha louvação,  
De uma forma tão insólita:  
Usando uma alheia mão!  
Louvo o Pai, louvo o Senhor,  
Louvo toda a Criação,  
Mas por mais que a gente

# MARCÍLIO DIAS



Nasceu no século passado na cidade do Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul. Filho de português com uma negra, Marcílio Dias ingressou na Marinha na qualidade de grumete e, sendo alfabetizado, chegou a marinheiro de 1.<sup>a</sup> classe.

Participou de duas batalhas que se tomaram célebres: a de Paisandú e a do Riachuelo, esta última sob o comando do almirante Barroso e na qual morreu Marcílio Dias, heróicamente.

Sua morte (1865) foi dramática. Empunhando o sabre contra quatro paraguaios, no convés do navio, matou dois e, embora com o braço decepado, continuou lutando em defesa de sua pátria. Marcílio ficou na História do Brasil como herói nacional, mas pouco se sabe sobre a sua vida, pois, como seu próprio Espírito diz na poesia mediúnica, "a Verdade misturou-se a inúmeras fantasias" para, afinal, não revelar que fora ele autor, de versos que "corriam de boca em boca, até na dos almirantes".

## QUADRAS DE UM MARINHEIRO

Que diz a História de mim?

"Um homem de poucos anos,

Que defendeu sua Pátria

Na luta contra os tiranos.

Foi um simples marinheiro

Num Brasil já bem distante,

Porém sabia escrever

Como qualquer almirante...

Herói foi por duas vezes

(O que causa pesadelo!)

Na Batalha Paisandú

E na de Riachuelo!

E a História pouco mais sabe

Do pobre Marcílio Dias...

A Verdade misturou-se  
A inúmeras fantasias!"  
"Foi herói — registra a História,  
Sua alma era inquieta..." ó História, por que não contas  
Que também fui eu poeta?!  
Sabia ler e escrever!  
Fiz quadras, talvez brilhantes;  
Corriam de boca em boca,  
Mesmo na dos almirantes!  
Fui poeta em alto mar  
Como fui também na terra;  
Minha vida foi poesia...  
Fui poeta até na guerra!  
Não percebe a Pátria História  
Que heroísmo é uma ideia?  
A morte me foi um tema:  
Fiz com ela uma epopeia!  
Mas, a morte não existe  
E aqui estou para dizer,  
Que volto a viver na carne  
Para de novo aprender.  
Vou renascer no Brasil...  
Que me aguarde o meu bom povo!  
Os meus pais já estão vivendo  
No bairro do Engenho Novo! <sup>(15)</sup>  
Mas não volto pra Marinha,  
Nem quero ser artilheiro;  
Muito embora eu ame o mar,  
Eu que já fui marinheiro!  
Aprendi que Jesus Cristo  
É o nosso Salvador;  
Serei de Cristo — poeta! Serei do povo — cantor!

<sup>15</sup> (1) Engenho Novo, bairro carioca.

# MÁRIO DE ANDRADE



Nasceu em São Paulo no ano de 1893. Estudou no Ginásio Nossa Senhora do Carmo, de onde saiu, em 1909, bacharel em Ciências e Letras. Em 1917 formou-se em piano pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, ano em que publicou seu primeiro livro, "Há uma Gôta de Sangue em cada Poema\*\*". Em 1930 fez parte da Comissão Reformadora da Escola Nacional de Música do Ministério da Educação. Em 1935 criou o Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, tendo sido o seu primeiro diretor. Criador dos primeiros parques infantis e da Discoteca Pública de São Paulo e da Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo, esta criada em 1937. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1938 e na Universidade do Distrito Federa) exerceu o cargo de diretor do Instituto de Artes. Voltou para São Paulo em 1942 e tomou a lecionar no Conservatório Dramático e Musical, cadeira de História da Música. E nesse mesmo ano reuniu toda a sua produção poética num só volume intitulado "Poesias" . Polígrafo notável, foi Mário de Andrade poeta, romancista, musicógrafo, professor, jornalista, contista e crítico. Deixou cerca de quarenta volumes.

Principal líder do movimento modernista no Brasil, eclodido em 1922, o grande escritor paulista morreu no dia 25 de fevereiro de 1945, em São Paulo.

## ACRÓSTICO

Meus amigos! Sou eu, Mário de Andrade,  
Argonauta do Astral, feliz e etéreo,  
Retocado após ir pro cemitério  
(Interlúdio entre o horror e a Claridade).  
Os meus vinte e seis anos de saudade  
Deixaram-me, é verdade, bem mais sério,  
E volto pra falar do meu Império  
Argênteo e puro — o da Imortalidade!  
Não posso conceber inda o Infinito.

Deus não tem repouso. O inferno é mito!  
Reencarnação dissolve todos crimes.  
A Lei aqui vigente é a de Jesus;  
Depende do amor puro nossa luz  
E a elevação aos astros mais sublimes!  
VIAGEM MARCADA  
A viagem era obrigatória,  
Mas não guardei os cuidados.  
É pra hoje ou amanhã?  
Que importa!  
Maria, traz o uisque;  
Claro, e a pedrinha de gelo,  
E de cá um abraço de vinte e quatro horas!  
Sem gelo... E a viagem?  
Não esqueci, mas o baú fica pra depois;  
O maxixe está roncando  
Pras bandas do Paissandu,  
E as mulatas vão gingando  
No parque do Anhangabaú,  
E estas circulações, ah!  
Que bem fazem à circulação do sangue...  
É tarde! Não esqueças a viagem!  
Eu sei, anotei-a em minha agenda,  
Mas só embarco no trem noturno  
Depois de reler o meu Poe  
E lavar o poema que nasceu ontem  
Pela madrugada sangrenta.  
Afinal, por que não transferem a viagem  
Para o ano dois mil?  
Sinceramente, não estou querendo deixar o Brasil...  
E o tempo foi passando;  
A viagem era obrigatória  
E não havia moratória...  
E o uisque ali, ao meu lado,  
Entre as risadas dos amigos  
E o sussurro das noites que ninguém conta,  
Nem eu, nem os livros do meu reler;  
E nem as paredes do meu viver...  
E o tempo passando...  
A viagem (já lhes disse e reafirmo) era obrigatória,  
Que o chefe do trem já tinha

Cópia do meu retrato, carimbado na passagem.  
E a data era bem legível  
Com a seguinte anotação: "Intransferível"..  
E embarquei no trem noturno  
Sem tempo de me arrumar,  
Trazendo nas mãos nada mais  
Que os calos da máquina de escrever.  
E atravessei o Vale das Sombras,  
Que vós também conhecereis,  
Que o retrato de Vossas Senhorias  
Também já está carimbado e com data marcada.  
Que faço eu agora, nestes ares,  
Se não enchi o baú?  
Sim, senhores, estou quase nú  
E me sinto envergonhado.  
Se pudesse, vertir-me-ia com a cultura,  
Com meus poemas, contos, romances,  
Com o tempo que deixei vasar..  
Mas neste país nada disso conta;  
A roupa que aqui se usa  
É confeccionada com Amor e Caridade,  
Moedas raras na Terra  
Que não tive tempo de recolher  
Para esta aventura no mais viver!  
Sim, senhores, estou quase nú  
E me sinto envergonhado.  
Se Deus quiser, voltarei  
Para encher o meu baú..  
Enquanto isso, que meus amigos na Terra  
Vão rezando por mim,  
Para que a Luz me aqueça nestas noites do sem fim..  
Por enquanto, o meu muito obrigado,  
Que o abraço virá depois  
Apertado e sincerado!

# OLAVO BILAC



Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (seu nome forma um alexandrino perfeito) nasceu no Rio de Janeiro a 16 de dezembro de 1865. Estudou no Colégio Francisco de Paula, onde fez seus primeiros versos. Frequentou as Faculdades de Direito e Medicina, mas não concluiu nenhum dos cursos — sua vocação era a literatura e, em particular, a poesia. Foi, também, excepcional cronista, tendo publicado obras no gênero ainda hoje lidas com enorme interesse. Mas, sua produção maior foi na seára poética, havendo sido eleito pelo povo "o príncipe dos poetas brasileiros", em sensacional concurso promovido pela revista "Fon-Fon", do Rio..

Foi delegado do Brasil na 4.<sup>a</sup> Conferência Pan-Americana, em Buenos Aires, fundou a Liga de Defesa Nacional e foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Publicou: "Panópias"; "Via Láctea"; "Sarças de Fogo"; "Alma Inquieta", etc., obras reunidas em um volume só pela editora Francisco Alves com o título de "Poesias", no qual está incluído o livro "Tarde", pela primeira vez publicado em 1919, após a morte do poeta. Produziu, também, poesias infantis e, como na adulta, obteve notável sucesso.

Olavo Bilac (o poeta das estreias, como era cognominado) morreu em 1918, tendo sido sepultado com honras militares.

## MENSAGEM DAS ESTRELAS

Ah! Eu fui das estreias sentinela!  
Em noites quentes de suave encanto,  
Muita vez olhei, pálido de espanto,  
A Via-Láctea, cintilante e bela...  
Então ouvia, docemente, o canto  
Que das estreias vinha! E ouvindo aquela  
Voz que do Céu me vinha, na janela  
Orava, tendo à face o fio do pranto...

Haveis de perguntar: "Qual o segredo  
Que te contavam elas, meu amigo?  
Por que choravas entre o espanto e o medo?"  
E eu vos respondo e que nos ouça o incréu:

A Vida não termina no jazigo,

Dizia a etérea voz vinda do Céu!

### O REI DA CRIAÇÃO

Homem! Concede a Terra a girar pelo Espaço!

Boiando no infinito é um miserável grão

De areia! Um simples ponto. Um pequenino traço!

Homem, eis tua casa — o teu humilde chão...

Contempla-te a ti mesmo em contínuo embaraço!

Prisioneiro da dor, vives na escuridão

Entre o orgulho, o ódio, a inveja, o crime, o amor devasso,

E te dizes, vaidoso, o Rei da Criação!

Ostentas a riqueza, abusas do poder,

Exploras teu irmão, maltratas o mendigo,

Não recordas de Deus nem pensas em morrer ...

Contempla o vasto Céu, ó pobre rei aflito!

És rei liliputeano... Atenta no que digo:

Não passas de um nêutron em face do Infinito!

### VOCÊ E OS ASTROS

Homem! Quantas galáxias *fulgurantes!*

Cada galáxia com bilhões *de mundos...*

Há infinitos *globos já fecundos,*

Tais como o teu nos *belos céus distantes!*

Medita! Humanidades imigrantes

Vagam sobre planetas bem rotundos

Conquistando, tal como tu, profundos

Conhecimentos santos, importantes!

Homem da Terra, que a Dor curva os peitos,

Contempla à noite os mundos rarefeitos,

E não maldigas os gemidos teus!

Cuida de merecer uma outra Esfera!

Transforma já o coração de fera,

Pois és eterno e teu destino é Deus!

### MISSÃO DE KARDEC

... E disse o iluminado Espirito Verdade

A mestre Allan Kardec: "Eis que é chegada a hora!

Cumpra-se de Jesus a potente vontade:

Vai irromper no mundo a luz de nova aurora!

A Terra geme e grita e, soluçando, chora...  
A massa humana afunda... É negra a tempestade!  
Ajoelha-te, Kardec, e em silêncio fundo, ora,  
Pois serás condutor de toda a Humanidade!"  
E Kardec, o mestre, ergue os olhos quase azuis  
E, humilde, sereno, ora e vibra a Jesus.  
Ilumina o ambiente um súbito clarão...  
Depois, na biblioteca, ao lado de seu Guia,  
Com coragem e fé, o Apóstolo inicia  
O trabalho imortal da Codificação!  
A MAIOR CARIDADE  
No silêncio da noite, após longas leituras  
Perguntara Kardec ao Espírito Verdade:  
"Entre as virtudes, qual a maior que a Bondade?  
Qual a que mais liberta o ser das desventuras?"  
E o Espírito Sublime: "Ouvi! A Caridade  
É insuperável! Ela ergue as criaturas  
Ao páramo celeste, às regiões mais puras!  
Discípulo, ela é a luz da própria Divindade!  
Mas a mór Caridade — e é a mais necessária!  
— Não consiste no abraço amável que consola,  
Nem mesmo em aliviar o sofrimento fundo...  
A Caridade mór consiste em dar ao pária  
A Verdade mais alta em arejada escola.  
Só a Verdade salva! Esclarecei o mundo!"

## ÍNDICE

Explicações do Médiun — pág. 9  
De Anchieta a Manuel Bandeira (Prefácio de Hercu-  
culano Pires) — pág. 21  
Anchieta  
O Evangelho Segundo o Espiritismo — pág. 46  
Antero de Quental  
O Suicida — pág. 50 O Jogador — pág. 51  
Artur Azevedo  
Por que seria? — pág. 54 Comunicação — pág. 55  
Augusto dos Anjos  
Tempo Perdido — pág. 58 A Tragédia — pág. 59 Visões da Morte — pág. 60 O Pai  
dos Pobres — pág. 61 A Alma — pág. 62  
Auta de Souza

Os Monges — pág. 64 Vinde, Amigos — pág. 65 Misericórdia — pág. 66

201

ANTOLOGIA DO MAIS ALÉM

B. Lopes

Filosofando — pág. 68 Cromo — pág. 70

Bocage

Do Poeta Que Andou Por Este Mundo — pág. 72 Escuta, ó Iludida Humanidade — pág. 73 Barcelona (auto de fé) — pág. 74

Camões

Oh! Mãe Imaculada Que No Espaço — pág. 76 Alma amiga que à Terra Te Partiste — pág. 77

Carmen Cinira

Bendita Dor — pág. 80 Infância e Caridade — pág. 81 Mensagem Confidencial — pág. 83 A Lágrima — pág. 84 É por Amor — pág. 85

Casimiro de Abreu

Lira da Infância — pág. 88 O Imortal Segredo — pág. 91 Viajando pelas Estreias — pág. 93 A Moreninha e o Padre (em colaboração com Guerra Junqueiro) — pág. 148

Castro Alves

O Élo Perdido — pág. 98 A Doutrina e o Umbral — pág. 101 Piedade — pág. 104 Na Era Espacial — pág. 108 A Criação Divina — pág. 111

202 Comélio Pires

Zé Tinoco — pág. 118 O Líder — pág. 119 Zé Pavão — pág. 120 Cobrador Até No Além — pág. 121 Conversão Forçada — pág. 122

Cruz e Sousa

Pequeno Cristo — pág. 124 Cautela, Consciência — pág. 125

Gonçalves Dias

Canção do Regresso — pág. 128 Canção da Morte — pág. 129 Canção da Vida — pág. 132

Guerra Junqueiro

com

"Os Quatro Evangelhos" — pág. 136 O Peregrino — pág. 140 Às Serpentes de Batina — pág. 144 Quevedo — pág. 145 As Razões de Satã — pág. 146 Barcelona (auto de fé) — pág. 147 A Moreninha e o Padre (em colaboração Casimiro de Abreu) — pág. 148

Guilherme de Almeida

Primeiro Soneto — pág. 160 Segundo Soneto — pág. 161 Terceiro Soneto — pág. 162

203

ANTOLOGIA DO MAIS ALÉM

*Irmão X*

Lição de Anatomia — pág. 164 Lira Mágica — pág. 165

*João de Deus*

Mosáicos do Evangelho — pág. 168 *José Bonifácio, o Moço Vovó Maria* — 176

*Luís Guimarães Júnior*

A Vaidade e o Tempo — pág. 180

Manuel Bandeira

Tarefa — pág. 182 Louvação — pág. 183

Mar cílio Dias

Quadras de um Marinheiro — pág. 186

Mário de Andrade

Acróstico — pág. 190 Viagem Marcada — pág. 191

Olavo Buac

Mensagem das Estreias — pág. 196 O Rei da Criação — pág. 197 Você e os Astros

— pág. 198 Missão de Kardec — pág. 199 A Maior Caridade — pág. 200

204

TT